



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

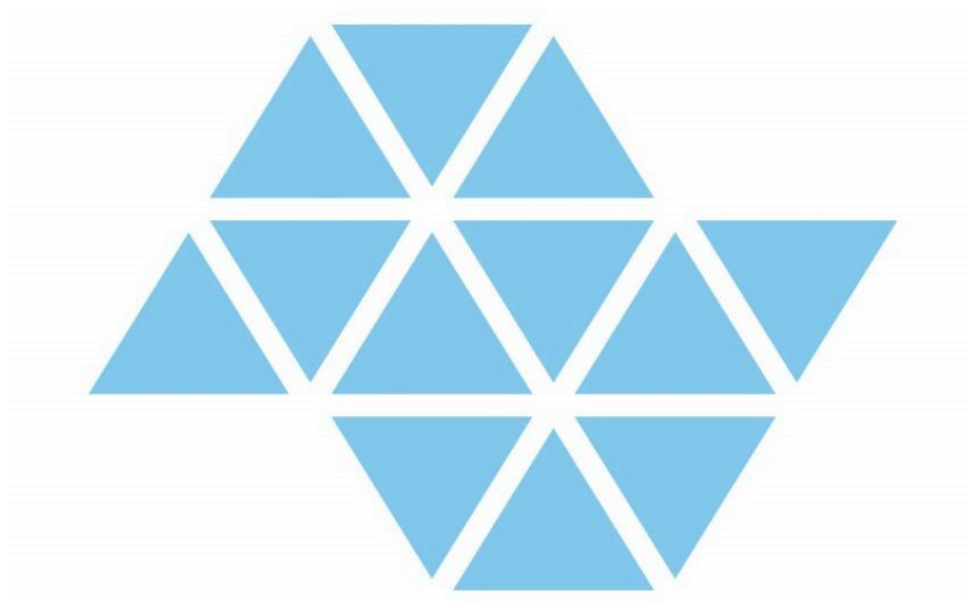
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara/SP

WILLIAM FERNANDO DE SOUZA ALVES

**“HAVIA ERU, O ÚNICO”:
O SILMARILLION, DE J. R. R. TOLKIEN,
E A SIMBOLOGIA DO SAGRADO**



Araraquara, SP

2024

WILLIAM FERNANDO DE SOUZA ALVES

**“HAVIA ERU, O ÚNICO”:
O *SILMARILLION*, DE J. R. R. TOLKIEN
E A SIMBOLOGIA DO SAGRADO**

Dissertação de mestrado, apresentado ao conselho, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL–CAr) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Bolsa: CAPES

Araraquara, SP

2024

A474"

Alves, William Fernando de Souza

"Havia Eru, o Único" : O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien, e a Simbologia do Sagrado / William Fernando de Souza Alves. -- Araraquara, 2024

99 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Aparecido Donizete Rossi

1. J. R. R. Tolkien. 2. Cosmogonia. 3. Arquétipos. 4. O Silmarillion. 5. Símbolos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

WILLIAM FERNANDO DE SOUZA ALVES

**“HAVIA ERU, O ÚNICO”:
O SILMARILLION, DE J. R. R. TOLKIEN
E A SIMBOLOGIA DO SAGRADO**

Dissertação de mestrado, apresentado ao conselho, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL-CAr) como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Teorias e Crítica da Narrativa

Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Bolsa: CAPES

Data da Defesa: 08/05/2024

Local da Defesa: Online.

Membros da Banca:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi

Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FCLAr-Unesp)

Membro da Banca: Profa. Dra. Karin Volobuef

Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras (FCLAr-Unesp)

Membro da Banca: Prof. Dr. Stéfano Stainle

Pesquisador Independente

Araraquara, SP

2024

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, gostaria de agradecer a todas as pessoas que passaram pela minha vida acadêmica até o momento: sem vocês, eu nunca teria chegado aonde cheguei. Além disso, gostaria de agradecer à minha família e amigos pelo apoio, e por suportarem eu falando desse assunto nos últimos dois anos (logo vem o doutorado).

Agradeço também ao meu orientador, Cido Rossi, que me acolheu desde antes de o processo seletivo, e de todos os colegas também orientandos que me ajudaram.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

O sonho é mais forte que a experiência.

Gaston Bachelard

RESUMO

A presente pesquisa visou analisar como são utilizados, no “Ainulindalë”, cena cosmogônica – ou seja, mito de criação do mundo, nesse caso ficcional – do autor J. R. R. Tolkien, quatro símbolos, e como estes atuam para que a narrativa participe do conjunto de textos considerados sagrados. Essa análise tenciona responder à pergunta de como o autor sucede nesse intento, e se dará através de uma reflexão arquetípica dos seguintes elementos: o vazio – enquanto estrutura pré-cósmica de caos primal, trevas abismais etc. –, o fogo – enquanto energia criadora e destruidora –, e, conjuntamente, a água e a música – enquanto ferramentas criacionais e hierofânicas. Como cena cosmogônica, o “Ainulindalë” é, em essência, uma narrativa simbólica, e, como tal, nos apoiamos em obras de Mircea Eliade (principalmente *O Sagrado e o Profano* e *Mito e Realidade*) e de Ernst Cassirer (*Linguagem e Mito*); por seu peso arquetípico, são utilizadas as clássicas obras *O Homem e seus Símbolos* e *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*, ambas de Carl G. Jung, e *Os Arquétipos Literários*, de Eleazar M. Meletínski. Seguindo na linha arquetípica, mas relacionando-se mais direta e especificamente com os elementos, utilizaremos as obras de Gaston Bachelard (*A Psicanálise do Fogo* e *A Água e os Sonhos*, para falar, respectivamente, como se pode imaginar, dos elementos do fogo e da água) e o *Timeu* de Platão. Por fim, como fontes de narrativas mitológicas que podem ser comparadas ao “Ainulindalë”, utilizaremos as traduções, para o inglês, das Eddas – de Carolyne Larrington para a *Edda Poética* e de Jesse Byock para a *Edda* em prosa – e do *Enuma Elish* (feita por Wilfred G. Lambert e S. B. Parker); a Bíblia de Jerusalém para a leitura do *Bereshit* judaico-cristão; o livro *O Universo, os Deuses, os Homens*, de Jean-Pierre Vernant, como fonte de mitologia grega; por fim a tradução para o inglês do *Livro dos Mortos* egípcio, feita por Raymond O. Faulkner.

Palavras-chave: J. R. R. Tolkien; Cosmogonia; Arquétipos; *O Silmarillion*.

ABSTRACT

The current research intends to analyze how are four symbols used in “Ainulindalë”, J. R. R. Tolkien’s cosmogony – that being a myth of world creation, in this case of a fictional one –, and how these act in a way that allows this scene to participate in the framework of other works considered sacred. This analysis aims to answer the question of how the author succeeds in this intent, and will be based on archetypal reflection of the following elements: the void – as a pre-cosmic structure of primal chaos, abysmal darkness etc. –, fire – as creative and destructive energy –, and, as jointly, water and music – as creational and hierophanic tools. As a cosmogonical scene, the “Ainulindalë” is, in essence, symbolic, and, as such, we will rely on the works of Mircea Eliade (mainly *The Sacred and the Profane* and *Myth and Reality*) and Ernst Cassirer (*Language and Myth*); due to their archetypal weight, the classic works *Man and his Symbols* and *Archetypes and the Collective Unconscious*, both by Carl G. Jung, and *The Literary Archetypes*, by Eleazar M. Meletínski, will be used. Following the archetypal line, but relating more directly and specifically to the elements, we will use the works of Gaston Bachelard (*Psychoanalysis of Fire* and *Water and Dreams*, to speak, respectively, as one can imagine, of the elements of fire and water) and Plato's *Timaeus*. Finally, as sources of mythological narratives that can be compared to “Ainulindalë”, we will use the translations, into English, of the Eddas – Carolyne Larrington’s for the *Poetic Edda* and Jesse Byock’s for the prose *Edda* – and of the *Enuma Elish* (by Wilfred G. Lambert and S. B. Parker); the *Jerusalem Bible* for reading the Judeo-Christian *Bereshit*; the book *The Universe, Gods and Men*, by Jean-Pierre Vernant, as a source of Greek mythology; finally the english translation of the Egyptian *Book of the Dead* by Raymond O. Faulkner.

Keywords: J. R. R. Tolkien; Cosmogony; Archetypes; *The Silmarillion*.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. <i>O SILMARILLION</i>	10
2.1. O Tempo antes do Tempo	11
2.2. Os Anos das Árvores	19
2.3. Os Anos do Sol.....	24
2.3.1. Primeira Era	24
2.3.2. Segunda Era.....	25
2.3.3. Terceira Era	26
3. OS ELEMENTOS COSMOGÔNICOS DO “AINULINDALË”	28
3.1. Música e Palavra.....	30
3.2. Vazio.....	35
3.3. Água	38
3.3.1. Rio Estige	39
3.3.2. Rio Jordão.....	41
3.3.3. Rio Nilo	42
3.3.4. Rio de Heráclito.....	43
3.4. Fogo.....	45
3.4.1. Chama de <i>Atar</i>	45
3.4.2. Chama de Vesta	47
3.4.3. Chama de Prometeu.....	48
3.4.4. Chama de Sodoma	51
3.4.5. Chamas Ocultas	53
3.4.5.1. Chama de Vespasiano.....	53
3.4.5.2. Chama de Rá.....	57
3.4.5.3. Chama de Dioniso	59
3.4.5.4. Chama de Cupido	62
4. A CRIAÇÃO DE TOLKIEN.....	65
4.1. O Subcriativo Caótico	66
4.1.1. <i>Creatio Continua</i>	71
4.1.2. <i>Chaos Continuum</i>	72
4.2. O Akallabêth.....	81
4.2.1. Mitos de Dilúvio.....	89
4.2.1.1. Amandil, da linhagem de Henoc	89
4.2.1.2. Elendil, da linhagem de Deucalião	91
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	95
ANEXO I.....	98
ANEXO II	99

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa originou-se da necessidade sentida, após a escrita de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), de um aprofundamento no assunto; ao migrar da graduação em História para a área dos Estudos Literários, esse interesse foi mesclado a outro: os símbolos e arquétipos junguianos; assim, o presente tema – que visa encontrar a função desenvolvida por certos símbolos dentro da obra tolkieniana – foi circunscrito.

Dentro desse tema, tivemos como objetivo analisar quatro símbolos presentes n’*O Silmarillion*, de J. R. R. Tolkien, e como estes atuam para introduzir a narrativa no conjunto de textos considerados sagrados. Os elementos analisados foram: a música – enquanto ferramenta criacional, em seus aspectos de ritmo, palavra e memória –, o vazio – como estrutura pertencente ao leque de símbolos relacionados ao caos e treva primais –, o fogo – enquanto energia criadora e destruidora –, e a água – enquanto ferramenta limítrofe e do divino. O objetivo final era demonstrar de que maneiras os símbolos selecionados – sendo eles os mais proeminentes dentro da obra escolhida e delimitados por sua interação entre si (fogo-água, música-vazio) e por suas características narrativas intrínsecas quando colocadas lado a lado com os personagens mais importantes dentro do mito criativo – agiam como ferramentas que traziam a obra a um espaço compartilhado com obras denominadas como sagradas.

Visto isso, o *corpus* teórico é formado por obras de Mircea Eliade (*O Sagrado e o Profano* e *Mito e Realidade*) e de Ernst Cassirer (*Linguagem e Mito*); sobre o símbolo e o simbólico, usamos de referência Carl G. Jung (*O Homem e seus Símbolos* e *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*) e Eleazar Meletínski (*Os Arquétipos Literários*), além de Gaston Bachelard (*A Psicanálise do Fogo e A Água e os Sonhos*) e o *Timeu-Crítias* de Platão. Para referências mitológicas, utilizamos *O Universo, os Deuses, os Homens*, de Jean-Pierre Vernant, o *Dicionário de Deuses e Deusas*, de Michael Jordan, e a *Enciclopédia de Mitos Criacionais do Mundo*, de David A. Leeming – além das traduções das Eddas (Carolynne Larrington para a *Edda Poética*, Jesse Byock para a em prosa), do *Enuma Elish* (feita por Wilfred G. Lambert e S. B. Parker); a *Bíblia de Jerusalém*; a *Teogonia* (tradução de J. A. A. Torrano) e *O Trabalho e os Dias* (tradução de Mary C. N. Lafer) de Hesíodo; por fim, a tradução para o inglês do *Livro dos Mortos* egípcio, feita por Raymond O. Faulkner.

Como um dos maiores autores do século XX, e com grande influência no gênero-modo fantasia em suas várias mídias (desde jogos de interpretação – os RPGs –, até filmes, séries e jogos eletrônicos), J. R. R. Tolkien se mostra uma fonte mais que importante para o estudo de temas relacionados à fantasia e a mundos secundários. Na dissertação a seguir, é explorada a

maneira como seu mito cosmogônico – ou seja, a cena da criação de seu mundo fantástico – se integra às linguagens de mitos cosmogônicos tradicionais (construídos organicamente entre diferentes comunidades culturais e étnicas através da história) com sua utilização de elementos arquetípicos específicos – no caso, a utilização de dois dos elementos do Quarteto Aristotélico, além da figura polivalente do Vazio e a ferramenta musical.

O enfoque principal desta pesquisa é a obra *O Silmarillion*, publicada postumamente por Christopher Tolkien e Guy Gavriel Kay, baseada em anotações e textos dispersos deixados por seu pai. Formada por cinco partes, é considerada a “bíblia” da obra tolkieniana, e engloba: o “Ainulindalë” (sua cena de criação), o “Valaquenta” (uma espécie de teogonia, onde as figuras do panteão tolkieniano são introduzidas), o “Quenta Silmarillion” (a parte mais longa em capítulos da obra, faz a ligação entre os tempos divinos dos textos anteriores aos tempos mais élficos/humanos das eras mais tardias e mostra o embate entre as forças luminosas dos Valar – seres angélicos semidivinos – contra as forças tenebrosas do Vala Melkor), o “Akallabêth” (um conto que mostra a queda dos homens de Númenor – ilha dada pelos Valar aos homens que os apoiaram no conflito anterior) e “Dos Anéis do Poder e da Terceira Era” (um resumo de tudo que se passa desde a ascensão de Sauron – um seguidor de Melkor – a uma posição de poder em Númenor, sua influência sobre os elfos, que leva à criação dos anéis de poder – artefatos mágicos de grande importância nas obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* –, e a final destruição tanto de Sauron quanto de seus anéis).

Dessa forma, no primeiro capítulo é feita uma introdução à obra d’*O Silmarillion* em geral e do “Ainulindalë” em específico, posicionando-os dentro da completude da obra de Tolkien no universo da Terra-média – o chamado *legendarium*.

Já no segundo capítulo, cada um dos símbolos escolhidos na pesquisa é abordado e aproximado a exemplos extraídos de mitologias tradicionais, usando também teóricos como Bachelard, Eliade e Meletínski na análise de suas diferentes apresentações.

Por fim, o terceiro capítulo traz uma aproximação dos mitos cosmogônicos e diluvianos bíblicos, gregos e egípcios aos seus equivalentes (“Ainulindalë” e “Akallabêth”) tolkienianos como formas de início e fim de processo de criação de mundos. Nossa leitura também interpreta o texto tolkieniano, muito embora se forme por textos independentes, como uma narrativa única, que traz um arco ao personagem de Melkor/Morgoth e sua relação com Eru Ilúvatar como estrutura ao redor da qual o mundo é criado.

2. O SILMARILLION

John Ronald Reuel Tolkien nasceu em 1892, em Bloemfontein na África do Sul, filho de Arthur e Mabel Tolkien (nascida Suffield), mas se tornou órfão ainda muito jovem (de pai aos três anos e de mãe aos doze) e foi criado sob a tutela de um padre católico, o sacerdote Francis Morgan – amigo de sua mãe, extremamente devota ao catolicismo após converter-se em sua viuvez. Estudou na King Edward's School em Birmingham, Inglaterra, até alcançar sua maioridade, quando conseguiu uma bolsa para estudar Inglês (o equivalente ao curso de Letras no Brasil) na Universidade de Oxford. Com o romper da Primeira Guerra Mundial, ficou na Inglaterra até completar sua graduação, quando foi enviado para treinamento e, posteriormente, para o *front* francês, onde participou da batalha de Somme. Foi dispensado anos depois, em razão de ter contraído febre de trincheira. Ao voltar à vida civil, trabalhou na composição do *Oxford English Dictionary*, especificamente nos verbetes que compõem a letra W. Em seguida, começou uma carreira de professor universitário e acadêmico, que culminou, em 1925, em uma cátedra de Língua Inglesa e Literatura em sua *alma mater*, Oxford. Faleceu em 1973, em Bournemouth, na Inglaterra.

Como acadêmico, Tolkien atuou na área da Filologia e, tendo formação de medievalista, fez traduções ao inglês contemporâneo de clássicos da literatura inglesa medieval, como *Pearl*, *Sir Orpheo*, *Beowulf* e *Sir Gawain and the Green Knight*. Entretanto, foi no seu trabalho enquanto autor de fantasia que se destacou, pois, entre seu serviço nas trincheiras da batalha de Somme e suas aulas em Oxford, Tolkien criou seu próprio universo fantástico. O conjunto dessa obra é chamado de *legendarium* e é composto por três obras principais completas – *O Hobbit* (*The Hobbit*, 1937) a primeira obra desse universo a ser publicada, *O Senhor dos Anéis* (*The Lord of the Rings*, 1954-1955), sua obra-prima, inicialmente publicada em três volumes intitulados, respectivamente, *A Sociedade do Anel*, *As Duas Torres* e *O Retorno do Rei* e a publicação póstuma *O Silmarillion* (*The Silmarillion*, 1977) –, além de uma série de fragmentos, versões alternativas e cartas.

A criação d'O próprio *Silmarillion* publicado é, por sua vez, fragmentária: o autor, que o escrevia desde seus anos na Primeira Grande Guerra, não estava satisfeito com o estado de sua obra quando morreu, em 1973. A coleção das versões díspares (que havia escrito desde os anos 1910) foi feita pelo seu filho, Christopher Tolkien, que as organizou em um tomo único, juntando versões das histórias que funcionavam melhor em conjunto e tentando diminuir ao mínimo possível as contradições internas.

Ao reunir seu mito cosmogônico – ou seja, a narrativa que descreve a criação de seu universo ficcional –, a subsequente moldagem de seu mundo por divindades menores, e diversos dos contos mitológicos, *O Silmarillion* é uma espécie de épico religioso, onde o herói é o próprio universo tolkieniano.

A obra segue uma ordem cronológica, partindo de narrativas pré-temporais – ou seja, existindo antes da existência do tempo –, como o “Ainulindalë” e o “Valaquenta”. Ao alcançar-se um momento já dentro do tempo, divide-se a história em grupos de anos, de acordo com a fonte luminosa (Árvores, Lamparinas, Sol) e, depois do acordar dos Homens, em eras numeradas.

2.1. O Tempo antes do Tempo

A primeira narrativa d’*O Silmarillion* é, como explicado anteriormente, uma narrativa cosmogônica, de criação universal. A primeira parte desta é o “Ainulindalë” (“Canção dos Sagrados”), que descreve a criação do mundo pela divindade Eru Ilúvatar – com a ajuda dos Ainur, “gerados por seu pensamento”, suas figuras angélicas (TOLKIEN, 2015, p. 03). Essa criação se inicia com a proposição aos Ainur, por parte de Eru, de um motivo musical.

Disse-lhes então Ilúvatar: – A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. (TOLKIEN, 2015, p. 03-04¹)

O conflito durante esse momento – que seguirá presente durante toda a obra – é trazido pela figura de Melkor, um dos Ainur, que tem desejos de poder próprio (que exploraremos mais à frente) e que se distancia das intenções estabelecidas por Eru, propondo dissonância dentro da música. A música em si se divide em três temas sucessivos, com cada um sendo resistido por um contra-tema criado por Melkor e aqueles que decidem segui-lo. O tema final – o Terceiro

¹ “Then Ilúvatar said to them: 'Of the theme that I have declared to you, I will now that ye make in harmony together a Great Music. And since I have kindled you with the Flame Imperishable, ye shall show forth your powers in adorning this theme, each with his own thoughts and devices, if he will.'”

Tema – é aquele que introduz os Filhos de Ilúvatar ao mundo, e essa parte é criada apenas por Eru.

Pois os Filhos de Ilúvatar foram concebidos somente por ele; e surgiram com o terceiro; eles não estavam no tema que Ilúvatar propusera no início, e nenhum dos Ainur participou de sua criação. [...] Ora, os Filhos de Ilúvatar são elfos e os homens, os Primogênitos e os Sucessores. (TOLKIEN, 2015, p. 07²)

Após o fim da Canção, temos um aviso por parte da divindade, que demonstra a crença tolkieniana de que o bem sempre usará o mal para seus desígnios, tornando-o positivo mesmo em sua discórdia – crença essa que exploraremos mais à frente, quando falarmos do fogo melkoriano.

Então, falou Ilúvatar e disse: – Poderosos são os Ainur, e o mais poderoso dentre eles é Melkor; mas, para que ele saiba, e saibam todos os Ainur, que eu sou Ilúvatar, essas melodias que vocês entoaram, irei mostrá-las para que vejam o que fizeram. E tu, Melkor, verás que nenhum tema pode ser tocado sem ter em mim sua fonte mais remota, nem ninguém pode alterar a música contra a minha vontade. E aquele que tentar, provará não ser senão meu instrumento na invenção de coisas ainda mais fantásticas, que ele próprio nunca imaginou. (TOLKIEN, 2015, p. 06³)

Levando-os até o Vazio, então, Ilúvatar faz surgir uma visão de tudo aquilo que tinham cantado, dando-lhes “uma imagem onde antes havia somente o som” (TOLKIEN, 2015, p. 06). Durante esse período, Eru conversa com os Ainur e os instrui em diversos assuntos, mesmo que guarde alguns, como aqueles relacionados aos Filhos, em segredo; é apenas com o aparecimento, na Visão, dos Filhos, que os Ainur percebem que sua presença na música havia

² “For the Children of Ilúvatar were conceived by him alone; and they came with the third theme, and were not in the theme which Ilúvatar propounded at the beginning, and none of the Ainur had part in their making. [...] Now the Children of Ilúvatar are Elves and Men, the Firstborn and the Followers.”

³ “Then Ilúvatar spoke, and he said: 'Mighty are the Ainur, and mightiest among them is Melkor; but that he may know, and all the Ainur, that I am Ilúvatar, those things that ye have sung, I will show them forth, that ye may see what ye have done. And thou, Melkor, shalt see that no theme may be played that hath not its uttermost source in me, nor can any alter the music in my despite. For he that attempteth this shall prove but mine instrument in the devising of things more wonderful, which he himself hath not imagined'.”

sido adicionada, que a “morada” que criaram tinha habitantes determinados. Ao analisar a habitação e perceber a ascensão dos Filhos, muitos entre os mais poderosos dos Ainur (principalmente Melkor) “concentraram todo o seu pensamento e seu desejo nesse lugar” (TOLKIEN, 2015, p. 07). Seu interesse vem de sua novidade – por terem sido criados totalmente por Eru, o destino dos Elfos e Homens é escondido de sua visão – e por sua proximidade dos próprios Ainur – já que também espelham certos pedaços da mente de Ilúvatar. E apesar de Melkor fingir (inicialmente até para si mesmo) que queria lhes fazer bem, seus desejos verdadeiros eram de subjugar-los e colocá-los sob seu poder.

Em seguida, Ilúvatar lhes dá novo aviso, explicando como os pensamentos e mudanças trazidos por Melkor haviam simplesmente aumentado a complexidade da canção, usando como exemplo a neve, as nuvens e neblina, e a chuva. Por fim, a Visão é desfeita por Eru, e nesse momento os Ainur percebem algo novo: a Escuridão.

Houve então inquietação entre os Ainur; mas Ilúvatar os conclamou, e disse: – Conheço o desejo em suas mentes de que aquilo que viram venha na verdade a ser, não apenas no pensamento, mas como vocês são e, no entanto, diferente. Logo, eu digo: Eä! Que essas coisas Existam! E mandarei para o meio do Vazio a Chama Imperecível; e ela estará no coração do Mundo, e o Mundo Existirá; e aqueles de vocês que quiserem, poderão descer e entrar nele. – E, de repente, os Ainur viram ao longe uma luz, como se fosse uma nuvem com um coração vivo de chamas; e souberam que não era apenas uma visão, mas que Ilúvatar havia criado algo novo: Eä, o Mundo que É. (TOLKIEN, 2015, p. 09⁴)

E é então que alguns dos Ainur adentram o mundo recém-criado; tendo se tornado os “poderes do mundo”, são então chamados de *Valar* (“Poderes”).

Aconteceu, assim, de entre os Ainur alguns continuarem residindo com Ilúvatar fora dos limites do Mundo; mas outros, e entre eles muitos dos mais

⁴ “Then there was unrest among the Ainur; but Ilúvatar called to them, and said: 'I know the desire of your minds that what ye have seen should verily be, not only in your thought, but even as ye yourselves are, and yet other. Therefore I say: Eä! Let these things Be! And I will send forth into the Void the Flame Imperishable, and it shall be at the heart of the World, and the World shall Be; and those of you that will may go down into it. And suddenly the Ainur saw afar off a light, as it were a cloud with a living heart of flame; and they knew that this was no vision only, but that Ilúvatar had made a new thing: Eä, the World that Is.”

fortes e belos, despediram-se de Ilúvatar e desceram para nele entrar. No entanto, essa condição Ilúvatar impôs, ou talvez fosse consequência necessária de seu amor, que o poder deles a partir daí fosse contido no Mundo e a ele restrito, e nele permaneceria para sempre, até que ele se completasse, para que eles fossem a vida do mundo; e o mundo, a deles. E por esse motivo foram chamados de Valar, os Poderes do Mundo. (TOLKIEN, 2015, p. 10⁵)

Entretanto, o mundo que adentram não é o mesmo que viam ao fim da Visão: o mundo está em seu início, “ainda sem forma, e a escuridão era total” (TOLKIEN, 2015, p. 10), e deve ser moldado de forma a chegar ao formato final da morada dos Filhos. O universo tolkieniano é criado em seu início absoluto, e é necessário esse processo de moldagem e fabricação para trazê-lo até os padrões vistos anteriormente na Visão. Esse processo de formação é chamado por Tolkien de subcriação, e é de enorme importância em sua mitologia.

Os Valar ou “poderes, governantes” foram a primeira “criação”: espíritos ou mentes racionais sem encarnação, criados *antes* do mundo físico. [...] Os Ainur tomaram parte na feitura do mundo como “subcriadores”: em vários níveis, desse modo. Interpretaram de acordo com seus poderes, e completaram em detalhe, o Desígnio que lhes foi proposto pelo Um. (CARPENTER & TOLKIEN, 2000, p. 212, tradução nossa)

Esses Ainur que adentraram a criação se dividem em dois grupos: os supracitados Valar – espíritos mais poderosos, que assumem o papel de divindades dentro do Mundo –, e os Maiar, espíritos menores que formam sua corte.

Nesse momento, Melkor declara aos outros que tomaria Arda, a morada dos Filhos, como seu reino; essa vontade é impedida por Manwë, que entra em conflito com o irmão de forma a manter aquela terra livre de seu controle, visto que ali havia ocorrido o trabalho de muito mais mãos do que apenas as dele. Com esse conflito, Melkor foge. É durante esse período que os Valar criam suas formas físicas – inspiradas no que haviam visto dos Filhos –, que podem vestir nos momentos que acharem conveniente. Melkor, em imitação a eles, também toma

⁵ “Thus it came to pass that of the Ainur some abode still with Ilúvatar beyond the confines of the World; but others, and among them many of the greatest and most fair, took the leave of Ilúvatar and descended into it. But this condition Ilúvatar made, or it is the necessity of their love, that their power should thenceforward be contained and bounded in the World, to be within it for ever, until it is complete, so that they are its life and it is theirs. And therefore they are named the Valar, the Powers of the World.”

forma visível, mas esta é terrível de se ver: “uma montanha que adentra o mar com seu pico acima das nuvens, vestida em gelo e coroada de fumaça e fogo; e a luz [...] [de seus] olhos [...] era como a chama que murcha com seu calor e penetra com um frio mortal” (TOLKIEN, 2015, p. 12).

Logo após o “Ainulindalë” temos outro texto quase igualmente tão curto, o “Valaquenta” (“O Relato dos Valar”), e este se divide em quatro partes. Em primeiro lugar, temos o “Relato dos Valar e dos Maiar, segundo o conhecimento dos eldar”, que vem como uma breve recapitulação da Criação do Mundo. Logo em seguida, temos “Dos Valar”, uma introdução ao panteão dos Valar, dando ali seus nomes, moradas, atributos e relacionamentos.

Os Grandes, entre esses espíritos, os elfos denominam Valar, os Poderes de Arda; e os homens com frequência os chamaram deuses. Os Senhores dos Valar são sete; e as Valier, as Rainhas dos Valar são também em número sete. [...] Os nomes dos Senhores na ordem correta são Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien e Tulkas; e os das Rainhas são Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána e Nessa. Melkor não é mais incluído entre os Valar [...]. (TOLKIEN, 2015, p. 16⁶)

A próxima divisão, “Dos Maiar”, nos introduz aos outros Ainur que adentraram o Mundo no seu início: os Maiar, espíritos angélicos menores em poder que os grandes Valar, mas ainda assim de imenso poder subcriativo. De acordo com suas tendências e características, tendem a se associar a um ou mais dos Valar, e, de certa forma, dividir seus atributos.

Com os Valar vieram outros espíritos cuja existência também começou antes do Mundo, e da mesma ordem dos Valar, mas de grau inferior. São os Maiar, o povo dos Valar, seus criados e auxiliares. Seu número não é conhecido entre os elfos, e poucos têm nomes em qualquer idioma dos Filhos de Ilúvatar. Pois, embora seja diferente em Aman, na Terra-média os Maiar raramente aparecem de forma visível a elfos e homens. (TOLKIEN, 2015, p. 21⁷)

⁶ “The Great among these spirits the Elves name the Valar, the Powers of Arda, and Men have often called them gods. The Lords of the Valar are seven; and the Valier, the Queens of the Valar, are seven also. [...] The names of the Lords in due order are: Manwë, Ulmo, Aulë, Oromë, Mandos, Lórien, and Tulkas; and the names of the Queens are: Varda, Yavanna, Nienna, Estë, Vairë, Vána, and Nessa. Melkor is counted no longer among the Valar.”

⁷ “With the Valar came other spirits whose being also began before the World, of the same order as the Valar but of less degree. These are the Maiar, the people of the Valar, and their servants and helpers. Their number is not

Por fim, temos “Dos Inimigos”, que detalha a queda de Melkor e sua corrupção de espíritos menores – entre eles o principal vilão da trilogia d’*O Senhor dos Anéis*, Sauron, e aqueles chamados de *balrogs*.

Em último lugar está o nome de Melkor, Aquele que se levanta Poderoso. A esse nome, porém, ele renunciou. E os noldor, entre os elfos os que mais sofreram com sua perversidade, se recusam a pronunciá-lo e o chamam de Morgoth, o Sinistro Inimigo do Mundo. [...] Mas não estava sozinho. Pois, dos Maiar, muitos foram atraídos por seu esplendor em seus dias de majestade, permanecendo fiéis a ele em seu mergulho nas trevas. E outros ele corrompeu mais tarde, atraindo-os para si com mentiras e presentes traiçoeiros. Horrendos entre esses espíritos eram os valaraukar, os flagelos de fogo que na Terra-média eram chamados de balrogs, demônios do terror. Entre seus servos que possuem nomes, o maior era aquele espírito que os eldar chamavam de Sauron, ou Gorthaur, o Cruel. (TOLKIEN, 2015, p. 23⁸)

Terminado o “Valaquenta”, chegamos à parte mais longa da obra, o “Quenta Silmarillion” (“Relato das Silmarilli”), que se divide em 24 capítulos, de narrativa cronológica. Como explica a narrativa, após a organização do mundo e a submissão do fogo sob as “colinas primitivas” (TOLKIEN, 2015, p. 27), surge a necessidade de luz; vendo isso, Yavanna pede que Aulë construa duas lamparinas, que Varda enche de luz e Manwë as consagra, colocando-as no topo de pilares “mais elevadas do que qualquer das montanhas mais recentes” (TOLKIEN, 2015, p. 27). Esse tempo, da luz das Lamparinas, é chamado de Primavera de Arda, por sua paz e pelo desenvolvimento lento das primeiras criações dos Valar.

known to the Elves, and few have names in any of the tongues of the Children of Ilúvatar; for though it is otherwise in Aman, in Middle-earth the Maiar have seldom appeared in form visible to Elves and Men.”

⁸ “Last of all is set the name of Melkor, He who arises in Might. But that name he has forfeited; and the Noldor, who among the Elves suffered most from his malice, will not utter it, and they name him Morgoth, the Dark Enemy of the World. [...] But he was not alone. For of the Maiar many were drawn to his splendour in the days of his greatness, and remained in that allegiance down into his darkness; and others he corrupted afterwards to his service with lies and treacherous gifts. Dreadful among these spirits were the Valaraukar, the scourges of fire that in Middle-earth were called the Balrogs, demons of terror. Among those of his servants that have names the greatest was that spirit whom the Eldar called Sauron, or Gorthaur the Cruel.”

Ergueram uma lamparina junto ao norte da Terra-média, e ela se chamou Illuin; e a outra foi erguida no sul, e foi chamada Ormal; e a luz das Lamparinas dos Valar se derramou por toda a Terra, iluminando tudo como se fosse sempre dia. (TOLKIEN, 2015, p. 27-28⁹)

Sendo esse primeiro continente simétrico, os Valar decidem fazer sua morada bem em seu centro, onde se misturavam as luzes de ambas as lamparinas, na ilha de Almaren. É nesse momento, também, que Melkor começa a construir sua fortaleza subterrânea na “Terra-média”.

[Melkor] Transpôs as Muralhas da Noite com sua legião e chegou à Terra-média, a distância, no norte, sem que os Valar dele se apercebessem. Melkor iniciou então as escavações e a construção de uma enorme Fortaleza nas profundezas da Terra, debaixo das montanhas escuras onde os raios de Illuin eram frios e pálidos. Esse reduto foi chamado de Utumno. (TOLKIEN, 2015, p. 29¹⁰)

Ao se fortalecer, Melkor une forças com aqueles que havia corrompido e, se aproveitando das forças de sua fortaleza, destrói as Lamparinas e a morada dos Valar. Os Valar se vêem forçados a deixar Almaren e, tendo o continente original que haviam criado se quebrado, escolhem a parte mais distante como sua morada: Aman.

E, como Melkor estava de volta à Terra-média e eles ainda não tinham como derrotá-lo, os Valar fortificaram sua morada e, junto ao litoral, ergueram as Pelóri, as montanhas de Aman, as mais altas de toda a Terra. E acima de todas as montanhas das Pelóri elevava-se aquela em cujo pico Manwë instalou seu trono. Taniquetil é como os elfos chamam essa montanha sagrada [...]. [e de lá] Manwë e Varda conseguiam descortinar a Terra inteira, até mesmo as maiores distâncias a leste. Por trás das muralhas das Pelóri, os Valar

⁹ “One lamp they raised near to the north of Middle-earth, and it was named Illuin; and the other was raised in the south, and it was named Ormal; and the light of the Lamps of the Valar flowed out over the Earth, so that all was lit as it were in a changeless day.”

¹⁰ “And he passed therefore over the Walls of the Night with his host, and came to Middle-earth far in the north; and the Valar were not aware of him. Now Melkor began the delving and building of a vast fortress, deep under Earth, beneath dark mountains where the beams of Illuin were cold and dim. That stronghold was named Utumno.”

estabeleceram seu domínio na região chamada Valinor; e ali ficavam suas casas, seus jardins e suas torres. (TOLKIEN, 2015, p. 30¹¹)

Quando os Valar tinham se estabelecido em Valinor, ali criaram uma cidade, Valmar, e próximo aos portões da cidade, pelo poder combinado de Yavanna e Nienna, nasceram as Árvores: *Telperion* – a mais velha, tinha folhas bicolores de verde-escuro e prata, e orvalho de luz prateada – e *Laurelin* – que exalava cor, com folhas claras e flores de “cachos de um amarelo flamejante, cada um na forma de uma cornucópia brilhante, derramando no chão uma chuva dourada” (TOLKIEN, 2015, p. 31).

Em sete horas, a glória de cada árvore atingia a plenitude e voltava novamente ao nada; e cada uma despertava novamente para a vida uma hora antes de a outra deixar de brilhar. [...] *Telperion* era a mais velha das árvores e chegou primeiro à sua plena estatura e florescimento; e aquela primeira hora em que brilhou, com o bruxulear pálido de uma alvorada de prata, os Valar não incluíram na história das horas, mas denominaram a Hora Inaugural, e a partir dela passaram a contar o tempo de seu reinado em Valinor. [...] E as gotas de orvalho de *Telperion* e a chuva que caía de *Laurelin*, Varda armazenava em enormes tonéis, como lagos brilhantes, que eram para toda a terra dos Valar como poços de água e luz. Assim começaram os Dias de Bem-aventurança de Valinor; e assim começou a Contagem do Tempo. (TOLKIEN, 2015, p. 32¹²)

Com o começo da contagem de dias, iniciamos então Os Anos das Árvores, com uma Valinor cheia de luz e a Terra-média envolvida na Sombra de Melkor.

¹¹ “[A]nd since Melkor was returned to Middle-earth and they could not yet overcome him, the Valar fortified their dwelling, and upon the shores of the sea they raised the Pelóri, the Mountains of Aman, highest upon Earth. And above all the mountains of the Pelóri was that height upon whose summit Manwë set his throne. Taniquetil the Elves name that holy mountain [...] [and from there] Manwë and Varda could look out across the Earth even into the furthest East. Behind the walls of the Pelóri the Valar established their domain in that region which is called Valinor, and there were their houses, their gardens, and their towers”

¹² “In seven hours the glory of each tree waxed to full and waned again to naught; and each awoke once more to life an hour before the other ceased to shine. [...] *Telperion* was the elder of the trees and came first to full stature and to bloom; and that first hour in which he shone, the white glimmer of a silver dawn, the Valar reckoned not into the tale of hours, but named it the Opening Hour, and counted from it the ages of their reign in Valinor. [...] and the dews of *Telperion* and the rain that fell from *Laurelin* Varda hoarded in great vats like shining lakes, that were to all the land of the Valar as wells of water and of light. Thus began the Days of the Bliss of Valinor; and thus began also the Count of Time.”

2.2. Os Anos das Árvores

Dizem que no início os anões foram feitos por Aulë na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que não se dispôs a aguardar a realização dos desígnios de Ilúvatar. (TOLKIEN, 2015, p. 39¹³)

Por sua impaciência, Aulë cria os anões em segredo. Quando decide compartilhar o acontecido com sua consorte, Yavanna, esta demonstra-se preocupada: teme que os anões (e também os Filhos de Ilúvatar) destruam sua criação – as plantas e animais –, em sua busca por sobrevivência. Yavanna procura, então, o conselho de Manwë, que recebe nova Visão de Eru, de detalhes da Música que agora se desenrolavam.

E Manwë falou: - Ó, Kementári, Eru pronunciou-se e disse: “Será que algum Vala supõe que eu não tenha ouvido toda a Música? Mesmo o som mais ínfimo da voz mais fraca? Vejam! Quando os Filhos despertarem, o pensamento de Yavanna também despertará, e ele convocará espíritos de muito longe, que irão se misturar aos *kelvar* [animais] e aos *olvar* [plantas], e alguns ali residirão e serão reverenciados, e sua justa ira será temida. Por algum tempo: enquanto os Primogênitos estiverem no apogeu, e os Segundos forem jovens.” (TOLKIEN, 2015, p. 43¹⁴, grifo nosso)

São então criados os “Pastores de Árvores” – ou, como são chamados na trilogia *O Senhor dos Anéis*, os Ents –, criaturas responsáveis pela proteção da flora do Mundo. Esse ambiente de criação em Valinor continuaria – numa espécie de paz armada – até que, numa caçada na Terra-média, o Vala Oromë encontra os recém-acordados elfos. Preocupados com a

¹³ “It is told that in their beginning the Dwarves were made by Aulë in the darkness of Middle-earth; for so greatly did Aulë desire the coming of the Children, to have learners to whom he could teach his lore and his crafts, that he was unwilling to await the fulfilment of the designs of Ilúvatar.”

¹⁴ And Manwë said: 'O Kementári, Eru hath spoken, saying: "Do then any of the Valar suppose that I did not hear all the Song, even the least sound of the least voice? Behold! When the Children awake, then the thought of Yavanna will awake also, and it will summon spirits from afar, and they will go among the *kelvar* [animals] and the *olvar* [plants], and some will dwell therein, and be held in reverence, and their just anger shall be feared. For a time: while the Firstborn are in their power, and while the Secondborn are young."

influência tenebrosa de Melkor que já se insinuava sobre os elfos, os Valar se unem e atacam a fortaleza de Melkor.

Finalmente, porém, os portões de Utumno foram arrombados, e seus salões, destelhados; e Melkor foi refugiar-se no canto mais profundo. Tulkas apresentou-se então para defender os Valar. Lutou com ele e o imobilizou com o rosto no chão. E Melkor foi acorrentado com Angainor, a corrente que Aulë havia feito, e levado prisioneiro; e o mundo teve paz por uma longa era. Não obstante, os Valar não descobriram todas as poderosas masmorras e cavernas, ocultas com astúcia muito abaixo das fortalezas de Angband e Utumno. Muitos seres malignos ainda ali permaneceram, e outros se dispersaram e fugiram para as trevas e perambularam pelos lugares desolados do mundo, à espera de hora mais nefasta. E Sauron não foi encontrado. (TOLKIEN, 2015, p. 51¹⁵)

Com Morgoth preso e sentenciado a três eras nos salões de Mandos, “de onde ninguém consegue escapar, nem Vala, nem elfo, nem homem mortal” (TOLKIEN, 2015, p. 51), os Valar se reúnem para decidir o que fazer quanto aos elfos. Sua decisão final é a de convidá-los para viver entre eles, em Valinor, e muitos entre os elfos aceitam seu convite – mas não todos; e ocorre a primeira separação entre os elfos: aqueles que decidem seguir Oromë de volta à Valinor são chamados de Eldar, enquanto aqueles que ficam na Terra-média são chamados de Avari. Entre o primeiro grupo, temos ainda novas divisões: a primeira e menor, liderada pelo elfo Ingwë, era dos Vanyar, favorecidos por Manwë e Varda; a segunda, liderada por Finwë, era dos Noldor, favorecidos por Aulë; por último, a maior divisão, liderada por Elwë e seu irmão Olwë, formava os Teleri, favorecidos por Ulmo.

Foram esses os três clãs de eldalië, que, tendo passado para o extremo oeste na época das Árvores, são chamados de calaquendi, elfos-da-luz. Mas houve outros eldar que de fato partiram na marcha para o Oeste, mas se perderam no

¹⁵ “But at the last the gates of Utumno were broken and the halls unroofed, and Melkor took refuge in the uttermost pit. Then Tulkas stood forth as champion of the Valar and wrestled with him, and cast him upon his face; and he was bound with the chain Angainor that Aulë had wrought, and led captive; and the world had peace for a long age. Nonetheless the Valar did not discover all the mighty vaults and caverns hidden with deceit far under the fortresses of Angband and Utumno. Many evil things still lingered there, and others were dispersed and fled into the dark and roamed in the waste places of the world, awaiting a more evil hour; and Sauron they did not find.”

longo trajeto, se desviaram, ou ainda permaneceram nas costas da Terra-média [...]. A esses elfos os calaquendi chamam de úmanyar, já que nunca chegaram à terra de Aman e ao Reino Abençoado; mas também os úmanyar e os avari eles chamam de moriquendi, elfos-das-trevas, pois jamais contemplaram a Luz que existia antes do Sol e da Lua. (TOLKIEN, 2015, p. 53¹⁶)

Elwë, que se apaixona pela Maia Melian, decide ficar na Terra-média, e funda o reino Úmanyar de Doriath, enquanto seu irmão segue para Valinor. Após o estabelecimento dos elfos do outro lado do mar, os três povos se dividem: os Vanyar de Ingwë morando entre as montanhas dos Valar, os Teleri de Olwë navegando na costa, e Finwë, agora rei dos Noldor, liderando-os de sua torre na cidade de Tirion, sobre a colina de Túna. Durante esse período, Finwë tem três filhos: Fëanor, Fingolfin e Finarfin.

Curunfinwë era seu nome, mas por sua mãe ele foi chamado de Fëanor, Espírito de Fogo; e assim é lembrado em todas as histórias dos noldor. [...] Entretanto, ao dar à luz seu filho, Míriel foi consumida em corpo e em espírito; e, depois do nascimento da criança, ela ansiava por se livrar do esforço de viver [...] E Fëanor crescia rapidamente, como se houvesse dentro dele um fogo secreto aceso. Era alto, belo de rosto e dominador; seus olhos tinham um brilho penetrante, e seus cabelos eram negros e lustrosos. Para atingir seus objetivos, era ávido e obstinado. Poucos chegaram a conseguir mudar sua atitude por meio de conselhos, ninguém pela força. De todos os noldor, daquela época ou de épocas posteriores, tomou-se ele o de raciocínio mais sutil e de mãos mais habilidosas. (TOLKIEN, 2015, p. 67-68¹⁷)

¹⁶ “These were the three kindreds of the Eldalië, who passing at length into the uttermost West in the days of the Trees are called the Calaquendi, Elves of the Light. But others of the Eldar there were who set out indeed upon the westward march, but became lost upon the long road, or turned aside, or lingered on the shores of Middle-earth [...]. Those Elves the Calaquendi call the Úmanyar, since they came never to the land of Aman and the Blessed Realm; but the Úmanyar and the Avari alike they call the Moriquendi, Elves of the Darkness, for they never beheld the Light that was before the Sun and Moon.”

¹⁷ “Curunfinwë was his name, but by his mother he was called Fëanor, Spirit of Fire; and thus he is remembered in all the tales of the Noldor. [...] But in the bearing of her son Míriel was consumed in spirit and body; and after his birth she yearned for release from the labours of living. [...] Fëanor grew swiftly, as if a secret fire were kindled within him. He was tall, and fair of face, and masterful, his eyes piercingly bright and his hair raven-dark; in the pursuit of all his purposes eager and steadfast. Few ever changed his courses by counsel, none by force. He became of all the Noldor, then or after, the most subtle in mind and the most skilled in hand.”

Ao mesmo tempo, chegam ao fim as três eras de punição de Melkor, e este pede perdão e é libertado por Manwë. Estão em seu lugar, então, todas as bases para o fim dos Anos das Árvores, da criação das Silmarilli e do retorno dos eldar à Terra-média.

Fëanor [...] se perguntava como a luz das Árvores [...] poderia manter-se imperecível. [...] E ao final de tudo fez as Silmarilli. Como três magníficas pedras preciosas eram elas na forma. [...] Contudo, esse cristal estava para as Silmarilli como [...] [apenas] a morada do fogo interior, que se encontra dentro dele e, ainda assim, em todas as suas partes; e que é sua vida. E o fogo interior das Silmarilli, Fëanor criou a partir da fusão da luz das Árvores de Valinor, que ainda sobrevive nas joias. [...]. E Varda consagrou as Silmarilli [...]. E Mandos previu que os destinos de Arda, da terra, do mar e do ar estavam dentro delas. (TOLKIEN, 2015, p. 73-74¹⁸)

Influenciado por Morgoth e por seu próprio orgulho, Fëanor (e outros entre os Noldor), começam a questionar sua existência em Valinor, chamando de escravidão sua livre existência entre os Valar. Morgoth é desmascarado, entretanto, e, fingindo voltar para suas fortalezas no norte, se direcionou para o sul e lá fez um trato com Ungoliant, um ser que os Eldar não sabiam de onde surgiu.

[A]lguns diziam que [...] descera da escuridão que cerca Arda [...] e que no início ela fora um dos seres que [Morgoth] corrompera para seu serviço. Ungoliant, no entanto, renegara seu Senhor, por desejar ser senhora de seu próprio prazer, tomando para si todas as coisas a fim de nutrir seu vazio” (TOLKIEN, 2015, p. 81-82)

Ungoliant se alimentava de luz, e Morgoth a convence a ajudá-lo a destruir as Árvores de Valinor.

¹⁸ “Fëanor [...] pondered how the light of the Trees [...] might be preserved imperishable [...] and at the end of all he made the Silmarilli. As three great Jewels they were in form. [...] Yet that crystal was to the Silmarilli [...] [only] the house of its inner fire, that is within it and yet in all parts of it, and is its life. And the inner fire of the Silmarilli Fëanor made of the blended light of the Trees of Valinor, which lives in them yet [...]. And Varda hallowed the Silmarilli [...]; and Mandos foretold that the fates of Arda, earth, sea, and air, lay locked within them.”

E, com sua lança negra, [Morgoth] atingiu cada Árvore até o cerne, ferindo todas profundamente. E a seiva jorrou como se fosse seu sangue e se derramou pelo chão. Contudo, Ungoliant tudo sugou [...]. E o veneno da Morte que ela continha penetrou em seus tecidos e as fez murchar, na raiz, no galho, na folha. E elas morreram. E, ainda assim, Ungoliant sentiu sede. Foi até os Poços de Varda, e também os secou. (TOLKIEN, 2015, p. 85¹⁹)

Após a destruição das Árvores, Yavanna pede que Fëanor ceda as Silmarilli – cuja luz original veio de Laurelin e Telperion – para que, utilizando-as, se pudesse curar o mal feito por Melkor. Fëanor, entretanto, se recusa e, poucos segundos depois, descobre que sua escolha é nula: antes do ataque às árvores Morgoth havia invadido a fortaleza do elfo e, matando seu pai, Finwë, roubara as Silmarilli para si. Em fúria, Fëanor toma para si a coroa dos Noldor e os incita a abandonar os Valar e perseguir Morgoth até os fins da terra:

Nesse momento, Fëanor fez um juramento terrível. Seus sete filhos colocaram-se imediatamente a seu lado e fizeram juntos o mesmo voto, e vermelhas como sangue brilharam suas espadas desembainhadas à luz dos archotes. Fizeram um voto que ninguém deveria quebrar, e que ninguém deveria fazer, nem mesmo em nome de Ilúvatar, conclamando as Trevas Eternas a caírem sobre eles se não o cumprissem. E como testemunhas nomearam Manwë, Varda e a montanha abençoada de Taniquetil, jurando perseguir até o fim do Mundo com vingança e ódio qualquer Vala, demônio, elfo ou homem ainda não nascido, ou qualquer criatura, grande ou pequena, boa ou má, que o tempo fizesse surgir até o final dos tempos, quem quer que segurasse, tomasse ou guardasse uma Silmaril, impedindo que eles dela se apoderassem. (TOLKIEN, 2015, p. 94²⁰)

¹⁹ “[A]nd with his black spear [Morgoth] smote each Tree to its core, wounded them deep, and their sap poured forth as it were their blood, and was spilled upon the ground. But Ungoliant sucked it up [...]; and the poison of Death that was in her went into their tissues and withered them, root, branch, and leaf; and they died. And still she thirsted, and going to the Wells of Varda she drank them dry.”

²⁰ “Then Fëanor swore a terrible oath. His seven sons leapt straightway to his side and took the selfsame vow together, and red as blood shone their drawn swords in the glare of the torches. They swore an oath which none shall break, and none should take, by the name even of Ilúvatar, calling the Everlasting Dark upon them if they kept it not; and Manwë they named in witness, and Varda, and the hallowed mountain of Taniquetil, vowing to pursue with vengeance and hatred to the ends of the World Vala, Demon, Elf or Man as yet unborn, or any creature, great or small, good or evil, that time should bring forth unto the end of days, whoso should hold or take or keep a Silmaril from their possession.”

Após o retorno dos eldar à Terra-média, através da intervenção de Nienna e Yavanna, as moribundas Árvores criam dois últimos presentes: de Laurelin, um fruto dourado; de Telperion, uma flor prateada. Para estes, Aulë criou receptáculos e, consagrados por Manwë, foram dados à Varda para que os estabelecesse nos céus, de forma a iluminar o mundo.

2.3. Os Anos do Sol

Isil, o Esplendor, foi como os vanyar de outrora chamaram a Lua, em Valinor, a flor de Telperion; e Anar, o Ouro de Fogo, fruto de Laurelin, foi como chamaram o Sol. [...] A donzela que os Valar escolheram entre os Maiar para conduzir a nave do Sol chamava-se Arien; e aquele que guiava a ilha da Lua foi Tilion. (TOLKIEN, 2015, p. 117²¹)

Assim como Telperion tinha florescido primeiro, também Isil é a primeira a cruzar os céus, e o faria por sete vezes antes que Anar se juntasse a ela em sua jornada combinada. Entretanto, Tilion “era inconstante e incerto em sua velocidade e não se fixava no caminho que lhe era designado. Além disso, procurava se aproximar de Arien, sendo atraído pelo seu esplendor, embora a chama de Anar o queimasse, e a ilha da Lua ficasse chamuscada” (TOLKIEN, 2015, p. 118).

Esse primeiro nascer do sol traz consigo o acordar dos Atani, os Humanos, e com seu acordar, as Eras da Sol na Terra-média.

2.3.1. Primeira Era

As eras dos homens são, em geral, marcadas por interações de grande peso entre as forças da Sombra e aquelas que lhe opõe. Como o próprio autor explica, “Aproximava-se então a hora das grandes guerras das forças do norte, quando os noldor, os sindar e os homens lutaram contra os exércitos de Morgoth Bauglir, e sucumbiram derrotados.” (TOLKIEN, 2015, p. 124). Iniciada pelo acordar dos homens, a Primeira Era é marcada pela ascensão e queda dos grandes reinos élficos na Terra-média – temos o supracitado reino de Doriath, além de, entre aqueles

²¹ “Isil the Sheen the Vanyar of old named the Moon, flower of Telperion in Valinor; and Anar the Fire-golden, fruit of Laurelin, they named the Sun. [...] The maiden whom the Valar chose from among the Maiar to guide the vessel of the Sun was named Arien, and he that steered the island of the Moon was Tilion.”

que voltaram com Fëanor, a fundação de Gondolin e Nargothrond. Mais importante, temos a entrada do sangue dos Ainur entre os elfos (e, posteriormente, entre os homens), através de Elwë/Elu Thingol e a Maia Melian, e seus descendentes.

A Primeira Era termina com o bem-sucedido pedido de ajuda do meio-elfo Eärendil (árvore genealógica disponível no Anexo I) aos Valar, na chamada Guerra da Ira. Nesse conflito Morgoth finalmente é subjugado e Beleriand, sua base de operações na Terra-média, afunda no mar. Condenado a uma existência no Vazio, Morgoth é expulso do Mundo.

Os Valar empurraram o próprio Morgoth pela Porta da Noite, para além das Muralhas do Mundo, para o Eterno Vazio. E uma guarda está instalada para sempre nessas muralhas, e Eärendil vigia as defesas dos céus. No entanto, as mentiras plantadas por Melkor, o poderoso e maldito, Morgoth Bauglir, o Poder do Terror e do Ódio, nos corações de elfos e homens. São uma semente que não morre e não pode ser destruída. E de quando em quando ela volta a brotar; e dará frutos sinistros até o último dos dias. (TOLKIEN, 2015, p. 324-325²²)

Aos clãs humanos que lutaram (chamados de Edain), os Valar dão como presente uma ilha entre Valinor e a Terra-média, que, sob Elros, filho de Eärendil, se tornou o reino humano de Númenor. É aqui que termina o “Quenta Silmarillion”.

2.3.2. Segunda Era

Ora, Elros e Elrond, seu irmão, descendiam das Três Casas dos edain, mas também em parte dos eldar e dos Maiar [...] Com efeito, os Valar não podem retirar a dádiva da morte, que chega aos homens vinda de Ilúvatar; mas, na questão dos meio-elfos, Ilúvatar conferiu-lhes o poder de decidir. E eles resolveram que deveria ser concedido aos filhos de Eärendil o direito de

²² “But Morgoth himself the Valar thrust through the Door of Night beyond the Walls of the World, into the Timeless Void; and a guard is set for ever on those walls, and Eärendil keeps watch upon the ramparts of the sky. Yet the lies that Melkor, the mighty and accursed, Morgoth Bauglir, the Power of Terror and of Hate, sowed in the hearts of Elves and Men are a seed that does not die and cannot be destroyed; and ever and anon it sprouts anew, and will bear dark fruit even unto the latest days”

escolher o próprio destino. E Elrond preferiu ficar entre os Primogênitos [...]. Já a Elros, que preferiu ser um Rei dos homens, ainda foi atribuída uma grande quantidade de anos [...] E toda a sua linhagem [...] [gozou] de uma vida longa. (TOLKIEN, 2015, p. 332²³)

No início, os númenorianos prosperaram. Entretanto, com o tempo, sua ganância e seu medo da morte os levaram cada vez mais à Sombra – até chegarem a aceitar (inicialmente como prisioneiro, depois como conselheiro) Sauron, Maia braço direito de Morgoth e servo de sua vontade. Corrompidos por este, foram levados à inimizade com os elfos e, veladamente, com os Valar, e Sauron iniciou, na ilha que estes lhes haviam dado, um culto de adoração a Morgoth. A Segunda Era culmina numa rebelião por parte dos númenorianos contra os Valar e uma tentativa de invasão das Terras Imortais (que acreditavam ter o poder de impedi-los de morrer). Esse conflito causa, por parte dos Valar, um pedido de intercessão a Eru, que destrói a ilha e separa Valinor do resto do Mundo, tornando sua estrutura, anteriormente plana, na forma esférica. Essa “Akallabêth” (“Queda”) é descrita na divisão de mesmo nome.

2.3.3. Terceira Era

Foi em Eregion que os conselhos de Sauron foram acolhidos com maior prazer, pois naquela terra os noldor sempre desejaram aumentar a perícia e a sutileza de suas obras. [...] Por isso, deram ouvidos a Sauron e com ele muito aprenderam, pois seu conhecimento era imenso. [...] e fizeram Anéis de Poder. Contudo, Sauron guiava seus esforços e [...] Em segredo, porém. Sauron fez Um Anel para governar todos os outros, e o poder dos outros estava vinculado ao dele [...] E grande parte da força e da vontade de Sauron foi transmitida àquele Um Anel. (TOLKIEN, 2015, p. 366²⁴)

²³ “Now Elros and Elrond his brother were descended from the Three Houses of the Edain, but in part also both from the Eldar and the Maiar [...]. The Valar indeed may not withdraw the gift of death, which comes to Men from Ilúvatar, but in the matter of the Half-elven Ilúvatar gave to them the judgement; and they judged that to the sons of Eärendil should be given choice of their own destiny. And Elrond chose to remain with the Firstborn [...]. But to Elros, who chose to be a king of Men, still a great span of years was allotted, [...] and all his line [...] had long life.”

²⁴ “It was in Eregion that the counsels of Sauron were most gladly received, for in that land the Noldor desired ever to increase the skill and subtlety of their works. [...] Therefore they hearkened to Sauron, and they learned of him many things, for his knowledge was great. [...] and they made Rings of Power. But Sauron guided their

A Terceira era é marcada, em seu todo, pelos Anéis de Poder. Guiados por Sauron, os elfos de Eregion os criaram. Entretanto, Sauron falha na sua tentativa de dominá-los, e acaba por espalhar estes anéis de poder (mantendo o Um Anel, principal e feito apenas para si, com grande parte de sua força imbuída nele) entre os reis homens (seja de reinos criados por númenorianos que escaparam da Queda, seja por homens da Terra-média) e anões. “Dos Anéis do Poder e da Terceira Era” é um relato que vai desde a confecção dos Anéis de Poder (proeminentes nas outras obras de Tolkien, *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*) até sua destruição, e o reestabelecimento dos reinos númenorianos de Gondor e Arnor, por sua reunificação.

labours, and [...] secretly Sauron made One Ring to rule all the others, and their power was bound up with it [...]. And much of the strength and will of Sauron passed into that One Ring.”

3. OS ELEMENTOS COSMOGÔNICOS DO “AINULINDALĒ”

Antes de explorarmos os símbolos escolhidos dentre aqueles presentes no mito, é importante delimitá-los conceitualmente e demonstrar criticamente sua importância narrativa. Como base teórica, utilizaremos a definição de símbolo criada por Carl Jung, que propõe que o “símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional” (JUNG, 2008, p. 18).

Além disso, Jung trata uma imagem ou palavra como simbólica quando “implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato” (JUNG, 2008, p. 19). Assim, o símbolo é tudo aquilo que, por trás da camada inicial de significado, traz fontes diversas de reflexão. De um ponto de vista cosmogônico, o símbolo e o mito se associam de forma a se reforçarem mutuamente. Como explica Durand, “a mitologia constitui o aperfeiçoamento exemplar da gênese do símbolo” (DURAND, 1996c, p. 81). Por consequência, outras formas de construção – sejam simples palavras, sejam imagens – podem se tornar simbólicas.

Surgem então as “grandes imagens”, ou “imagens arquetípos”, motivadas simultaneamente pelo inevitável meio cósmico (o curso do sol, o vento, a água, o fogo, a terra, a rocha, o curso e as fases da lua, o calor e o frio etc.) e pelo incontornável “meio” sociofamiliar (a mãe alimentadora, os “outros”: irmãos, pais, os chefes etc.). [...] E como o arquetipo aparece como a matriz das “grandes imagens” numa primeira *Erfüllung*²⁵, é o mito que constitui o primeiro discurso – *sermo mythicus* –, campo da segunda *Erfüllung*. (DURAND, 1996a, p. 153)

Durand explica que, na definição clássica, todo símbolo traz três características: o aspecto concreto do significante, a característica que melhor serve para evocar o significado e sua complexidade que impede sua total apreensão (DURAND, 1996c). De toda forma, termina-se a experiência simbólica na linguagem pois, como explica e reitera Cassirer, “todos os processos mentais falham em apreender a própria realidade, e de forma a representá-la, para contê-la por completo, são levados ao uso de símbolos” (CASSIRER, 1953, p. 07, tradução

²⁵ *Erfüllung* é um termo alemão que significa algo como “preenchimento” ou “realização”, nesse caso, do mito.

nossa), pois, “apenas a expressão simbólica pode permitir a possibilidade de um prospecto e retrospecto, pois apenas através dos símbolos é que as distinções são não meramente feitas, mas fixadas na consciência” (CASSIRER, 1953, p. 38, tradução nossa).

Assim, mesmo imagens simples e corriqueiras podem ser elevadas ao *status* simbólico, pela sua frequente utilização e a repetição da construção de camadas de sentido. Nossos primeiros dois símbolos são dessa natureza: o fogo e a água, elementos do Quarteto Aristotélico, agrupamento que buscava encontrar nessas forças naturais as essências mais basais da existência.

[Esse] sistema de elementos proposto pelos antigos gregos [era] endossado por Aristóteles, seu mais influente filósofo. Aristóteles tomou esse esquema de seu mestre Platão, que, por sua vez, o devia a Empédocles, um filósofo que viveu durante a Era de Ouro da democracia ateniense de Péricles, no século V a.C.. De acordo com Empédocles, existiam quatro elementos: terra, ar, fogo e água. (BALL, 2004, p. 01, tradução nossa)

Em sua natureza simbólica, assumem características e definições próprias; como explica Ball, “Quando Platão fala da água elementar, [...] [ela] é ‘aquilo que flui’. Da mesma forma, a terra elementar não é só a matéria do solo, mas carne, madeira, metal” (BALL, 2004, p. 12, tradução nossa). Dessa forma, a água elementar, o fogo elementar e todos os outros elementos “puros” não são componentes do mundo físico, mas ideais perfeitos, mais próximos dos estados da matéria do que da matéria em si (sendo a água associada ao estado líquido, a terra ao sólido, o ar ao gasoso e o fogo ao plasma). Tornam-se mais que algo concreto, mas se impregnam de simbolismo.

Nesta dissertação, nosso foco, no contexto do Quarteto Aristotélico, estará depositado no fogo e na água; isso se dá por conta de diversos fatores intrínsecos à narrativa cosmogônica escolhida e também a *O Silmarillion* como um todo. Muito embora os quatro símbolos façam aparições no objeto de estudo (os Valar Ulmo, Aulë e Manwë representam, respectivamente, água, terra e ar, enquanto Melkor e Eru dividem os aspectos destrutivo e criativo do elemento do fogo), de maneira a delimitar o escopo da pesquisa, decidimos nos ater apenas àqueles elementos que se aplicam diretamente aos Filhos de Ilúvatar: o fogo, que os anima e que anima o mundo ao seu redor (mas que também os tenta às trevas que cria em sua oposição) e a água que os nutre e os guia, aprisionando em si o som da Canção.

Na obra tolkieniana, a terra é continuamente associada aos “Filhos” de Aulë (ou Filhos “adotivos” de Ilúvatar) – os anões – e, dessa forma, se afastam de nosso núcleo de abordagem; enquanto o ar, representado por Manwë, se mantém distante e, com o perdão da ironia, celeste. Assim, na intenção de manter brevidade e densidade de informação, optamos por não nos aventurar por completo no Quarteto.

De um ponto de vista puramente cosmogônico, nossos outros dois símbolos demonstram grande importância: a Música, que continuamente entrelaçada à água, é responsável pela criação do universo e o Vazio, que, em oposição, permanece intocado pela criação, apesar de abrigá-la em seu âmago. Aqui, de forma a chegar a uma mais profunda análise, dividiremos ambos os símbolos em seus componentes menores: a Música dividiremos em seus componentes de voz (incluindo-se aqui o divino *fiat*) e de som ritmado; o Vazio dividiremos em sua codificação enquanto abismo, escuridão, caos, mônada e outras estruturas de inexistência perante existência. Percebe-se, diante dessa enumeração, que se constroem certas estruturas: de oposição – o fogo (seco e quente) se opõe à água (úmida e fria), enquanto a música (criadora e sonora) se opõe ao vazio (inerte e silencioso) – e de aproximação – a água se liga à música; o fogo ao vazio. Assim, podemos então iniciar nossa análise de cada um desses elementos, e demonstrar de que forma eles se relacionam entre si.

3.1. Música e Palavra

O universo tolkieniano se inicia com uma Canção. Para as sensibilidades religiosas modernas, esse tipo de ato criativo pode parecer fora de lugar e talvez até desnecessariamente poético; entretanto, de um ponto de vista medievalista, essa interpretação se encaixa com toda a facilidade.

O conceito medieval da “música das esferas” era baseado em antiga e clássica filosofia, discutida e teorizada por Platão e Aristóteles, através dos primeiros escritores cristãos e do filósofo pagão Plotino, do século III, até sua eventual padronização por Boécio no início do século VI. [...] um exame d’O Silmarillion ilustra que o poder criativo da música é um forte subtexto através de suas histórias. (EDEN, 2003, p. 183-184, tradução nossa)

A “música das esferas” entra na teologia medieval através de Boécio (c. 480–c. 525), um teólogo da antiguidade tardia, que em sua obra *De institutione musica*, a postula como sendo

a divisão mais importante da música (sendo as outras duas, de acordo com sua importância, a *musica humana* – vocal – e a *musica instrumentalis* – com instrumentos musicais). Essa “música das esferas” (ou *musica mundana/universalis*) incorporava no movimento dos astros, das estrelas e dos planetas, e pautava o ritmo e a harmonia de toda a existência.

A representação medieval de várias hierarquias angélicas continuamente cantando ao redor do trono divino é trazido à mente pela história de criação d’O Silmarillion. A criação da Arda tolkieniana pelas melodias de Eru e das “variações” sobre os temas de Eru, compostas pela força combinada dos Ainur é um exemplo poderoso da teoria cosmológica medieval em ação. (EDEN, 2003, p. 185-186, tradução nossa)

Essa ideia de que a criação opera dentro de um ritmo musical é comum a diversas mitologias: a divindade indiana Shiva, por exemplo, em sua representação mais comum, é representada com um pequeno tambor em forma de ampulheta, o *damaru*, que representa o som da criação do universo (JORDAN, 2004). Mais próximo do medievalismo simulado por Tolkien, temos pensadores como Agostinho de Hipona (354–430) – extremamente influente no medievo – que esposavam ideias semelhantes e interpretações mais ou menos metafóricas e alegóricas do texto bíblico.

Se teólogos medievais tivessem encontrado o Ainulindalë, teriam achado sua visão de uma dupla criação – criação como música na canção dos Ainur e então como fato na palavra de Ilúvatar – tranquilizadamente fácil de encaixar no esquema da síntese cristo-neoplatônica de Agostinho. [...] Agostinho tinha em mente um sentido mais complexo de “literalidade”: nessa leitura literal, ele entende palavras-chave do Gênesis como “dia”, “céu”, e “terra” em um sentido simbólico, ao invés de em seus significados comuns. [...] [ele] argumenta que, sendo certa narrativa bíblica uma descrição de fato histórico ou não, esta pode ser alegórica, ou seja, se referir a algo diferente na história sagrada. (HOUGHTON, 2003, p. 172, tradução nossa)

Como explica Houghton, a visão agostiniana, inclusive, traz ao momento da criação figuras angélicas como observadores; o teólogo o divide em uma estrutura interna de cinco partes, para as quais podemos encontrar fáceis paralelos na narrativa tolkieniana:

- 1 A eterna intenção divina de criar, enunciada na Palavra;
 - 2 a Criação divina na mente dos anjos e o conhecimento do que será feito;
 - 3 a criação divina das coisas, algumas delas (como os anjos) em total existência, mas a maioria delas (como árvores, plantas e seres humanos) em potenciais chamados de “razões causais”;
 - 4 a percepção angélica das coisas criadas; e
 - 5 o eterno apoio divino da Criação através do Espírito Santo.
- (HOUGHTON, 2003, p. 176-177, tradução nossa)

Compara-se com a estrutura do *Ainulindalë*: 1. Eru dá aos Ainur seu tema; 2. Eru dá visão à Música; 3. Eru cria o mundo (*Eä*), mas sua estrutura permite a subcriação; 4. Os Ainur vêem o mundo, e se enamoram dele; 5. Eru envia a Chama Imperecível ao mundo para animá-lo, e amarra o poder dos Valar à criação até seu fim.

Mesmo a ideia da subcriação está presente no pensamento agostiniano, que os anjos sejam “agentes divinos para carregar os desígnios da providência (8.24.45); [...] ele compara os anjos a jardineiros – eles fazem o trabalho, mas deus faz crescer (9.18.35)” (HOUGHTON, 2003, p. 177, tradução nossa). Suas ideias, descritas no livro *De Genesi ad litteram* (“Sobre o significado do Gênesis”), se aproximam em diversos pontos da criação tolkieniana.

Voltando-nos novamente à criação do universo, se nos afastarmos um pouco do componente rítmico, podemos encontrar a importância da palavra em si: como explica Ernst Cassirer, a palavra e o sagrado se mesclam e se alimentam mutuamente, de forma que um cria ferramentas para o outro.

A ligação original entre as consciências linguística e mítico-religiosa são primariamente expressas no fato de todas as estruturas verbais aparecerem também como entidades míticas, dotadas de certos poderes mitológicos, de forma que a Palavra, na realidade, se torna um tipo de força primária, na qual todo ser e fazer se originam. (CASSIRER, 1953, p. 44-45, tradução nossa)

Os primeiros parágrafos do “*Ainulindalë*” (“Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado”, TOLKIEN, 2011a, p. 03), remetem aos primeiros versículos do Evangelho de João (“[1] No princípio era o Verbo e o

Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. [2] No princípio, ele estava com Deus. [3] Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito”, João 1:1-3), o que é interessante, já que neste Evangelho o Verbo não só é personificado, como é colocado como agente através do qual a divindade atua: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (João 1:3). Na mitologia egípcia, podemos encontrar novamente a importância da palavra, com algumas versões de sua cosmogonia trazendo o deus Khepri criando a si mesmo ao chamar o próprio nome (LEEMING, 2010).

Essa criação através da palavra aproxima novamente o relato bíblico (onde a primeira determinação de Yahweh é “*ye-Hi or*”, mais conhecida pela sua versão em latim, *fiat lux* – que se faça a luz) do relato tolkieniano, com o lugar do divino *fiat* ocupado pela dotação de energia criadora de Eru ao mundo com a palavra “Eä” (“seja!”).

A palavra, em seu papel criativo, pode ser vista como uma estrutura fecundativa, uma espécie de esporo que se espalha do falante e fecunda o pensamento e a realidade do ouvinte (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2023) – dessa forma, a criação através da palavra se demonstra apenas uma reimaginação da criação através de fluídos corporais (também presente em outros mitos criadores do Egito). Diversos povos se utilizam da palavra como forma de criação, dentre eles os Wapangwa, Swahili, Maias, Maori, Tuamotuan, Samoanos, nativos americanos, indianos, galeses, tibetanos etc. (LEEMING, 2010).

Outra face importante da palavra é o nome, e diversas mitologias destacam a importância de nomes e da ação de nomear: na religião judaica, o nome divino (escrito YHWH ou Yahweh) não é pronunciado, sendo substituído por “adonai” (senhor), e é através do nomear dos animais que Adão recebe poder sobre estes (Gênesis 2:19-20); na mitologia egípcia, como já citado, é através do pronunciar de seu próprio nome que o deus criador surge; além disso, é através da obtenção do nome de Rá que a deusa Ísis recebe controle sobre este e o faz abrir mão do poder em favor de seu consorte, Osíris. No universo tolkieniano, muito embora existam múltiplos nomes para pessoas, lugares e objetos, temos também uma cultura que os mantém escondidos: enquanto os elfos revelam seus títulos e epítetos livremente, os anões os mantêm em segredo, e guardam sua língua apenas para si.

Canções podem se tornar expressões particularmente sagradas de palavras e alguns criadores preferem cantar as coisas à existência. Os criadores Hopi do sudoeste dos Estados Unidos primeiro ensinaram ao povo as palavras para que, como eles, no início da criação, eles pudessem cantar as coisas

cerimonialmente à existência. O poeta irlandês Amairgen canta a Irlanda Celta à existência com suas palavras mágicas. (LEEMING, 2010, p. 363, tradução nossa)

Voltando à música ritmada, esta não representa apenas o universo, mas também pode se associar a diferentes estados da alma chinesa, aos três estados do ser hindu, aos períodos do dia, à vibração do éter etc. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2023). Na bíblia, encontramos por diversas vezes a música como ferramenta ou símbolo divino: em 1 Samuel 16:14-23, o Rei Saul pede um harpista para afastar um “espírito mau” que o atormenta e Davi é enviado; em 2 Reis 3:15, o Profeta Eliseu pede que lhe tragam um músico para ajudar a receber uma revelação divina; em 1 Crônicas 15:16, ao precisar nomear seus músicos, o Rei Davi escolhe entre aqueles da classe sacerdotal; tanto nos Salmos (98 e 150:3-5, por exemplo) quanto no livro de Isaías (42:10-13, 44:23, 49:13), há estímulos para que se adore a Yahweh através de canções; e até no Apocalipse (5:8-14), se vê que a adoração dos anjos à divindade se dá através de música.

O poder da música aparece com frequência nas mitologias célticas e galesas, e o tocar e ouvir de música é, com frequência, uma “ponte” entre os mundos dos homens e de faerie (Ralls-MacLeod, 2–4). Histórias da mitologia oriental são similares nesse ponto, especialmente nas tradições hindu e japonesa. Na tradição judaico-cristã, a música também aparece no drama cosmológico, como por exemplo nas descrições poéticas do poder da música presente em Salmos e Provérbios, a queda das muralhas de Jericó ante as trombetas de Josué, e o Juízo Final do Livro das Revelações. (EDEN, 2003, p. 184, tradução nossa)

Na antiga Grécia, os aedos (*aoidoi*) eram a memória – histórica e mítica – do mundo e, por muitas vezes, eram vistos como a outra face dos oráculos. Havia, por exemplo, a tendência de representar a ambos como homens cegos: Homero – a figura lendária que teria posto em escrita os épicos gregos da *Ilíada* e da *Odisséia* – e Fineu – personagem com o poder de ver o futuro presente na *Argonáutica* –, são ambos representados dessa maneira. O poeta “vê” o passado, enquanto o profeta vê o futuro – e ambos trocam essa visão pela cegueira no presente. Na mitologia, Orfeu quebra a ordem natural com sua música, invadindo o submundo e quase resgatando sua amada; enquanto isso, as Musas – filhas de Zeus e *Mnemosine* (Memória) –

cantavam tanto passado como futuro; Apolo também incorporava tanto a profecia quanto a música.

A música, com seu ritmo e suas estruturas, permitia que informações fossem compartilhadas em um formato de mais fácil memorização, em uma sociedade ainda, em sua maioria, analfabeta – não é por coincidência que nossa narrativa mais antiga ainda preservada, o *Épico de Gilgamesh* (LEEMING, 2010) escrito por volta dos séculos XXI a XVIII a.C., é em versos; nossa primeira narrativa em prosa, a fonte Eloísta (E) da Bíblia vindo a ser escrita apenas entre os séculos X e IV a.C. (FRIEDMAN, 1995)²⁶.

Em geral, a música representa tudo aquilo que toca a sensibilidade humana sem ser visto e, em seu uso da palavra (a ferramenta atribuída aos deuses para ordenar o caos e criar o mundo cosmizado onde habitam todos os seres), se torna não só um registro do passado – seja o passado real, ou o passado (para se emprestar um termo de Mircea Eliade) *ab origine*, o passado mítico – mas um instrumento do sagrado.

3.2. Vazio

Ora, a cabana iniciática simboliza o ventre materno. A morte do neófito significa uma regressão ao estado embrionário, mas isto não deve ser compreendido unicamente em termos de fisiologia humana, mas também em termos cosmológicos: o estado fetal equivale a uma regressão provisória ao mundo virtual, pré-cósmico. (ELIADE, 1992, p. 91, grifo nosso)

Antes de *Eä* e antes da morada dos Ainur, existia o Vazio. O Vazio, trazido por Tolkien como envolvendo completamente a Visão (e, posteriormente, o Mundo), de forma alguma está vazio de significado: simplesmente pelo fato de ter sua inicial capitalizada, percebemos uma intenção de que este seja uma espécie de entidade, uma existência caracterizada pela inexistência.

Antes da criação dos Ainur, existia não apenas Deus, mas também o Vazio. Este não era meramente uma “ausência” de Deus como único ser, mas um nada que existia no tempo e espaço, já que Melkor podia visitá-lo antes do início da música. O Vazio não foi criado – é impossível criar uma não-entidade

²⁶A parte mais antiga da Bíblia, acredita-se, seja a Canção do Mar (Êxodo 15:1-18), em versos, escrita por volta do século XIII a.C..

– mas ele era real. Também não era má sua natureza, pois uma não-entidade desse tipo não pode ser má. Entretanto, o fato da realidade do Vazio em independência a Deus criou um “espaço” específico onde a objeção a Deus, a semente do mal, podia aparecer e se desenvolver. (OLSZANSKI, 1995, p. 298, tradução nossa)

Nessa linha de pensamento, o Vazio tolkieniano se aproxima de outras figuras tipicamente associadas com mitos cosmogônicos, como o Abismo, as Trevas e o Caos. Em geral associada com as águas primais, essa figura forma uma alegoria uterina, onde o cosmos que virá a ser criado ou emerge de sua organização, ou – como ocorre no *Ainulindalë* – surge em seu seio. Vemos isso na Bíblia (“No princípio, Deus criou o céu e a terra. [2] Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície as águas”, Gênesis 1:1-2), na mitologia nórdica (“Cedo no tempo Ymir fez uma residência, / não existia areia nem mar nem ondas frias; / não havia terra em lugar algum nem céu acima, / um vazio de caos escancarado, grama não havia em lugar algum”, LARRINGTON, 2014, p. 32, v.3, tradução nossa) e nos mitos gregos (“No início de tudo, o que primeiro existiu foi o Abismo: os gregos dizem *Kháos*. O que é o Caos? É um vazio, um vazio escuro onde não se distingue nada”, VERNANT, 2000, p. 17). O caos e o abismo, então, seja ele utilizado como fonte para a criação posterior do mundo, ou apenas como estrutura pré-existente ao cosmos, faz uma “aparição” em diversas mitologias.

Deve-se dizer de pronto que a linha entre a criação *ex nihilo* e a criação do caos é algumas vezes fina, quase invisível e que em tais casos a categorização dos mitos é altamente subjetiva, dependendo mais do tom e do sentimento do que de elementos específicos. O problema se deriva do fato que um criador *ex nihilo* pode existir em um contexto físico como o da escuridão e da água, mas não depender daquele material para suas artes criativas, enquanto que em um mito de criação do caos se assume que o material que pré-existe o criador será diretamente utilizado no processo de criação do cosmos (ordem) de dentro do caos (desordem). (LEEMING, 2010, p. 10, tradução nossa)

No caso tolkieniano, se mostra inclusive uma influência para o afastar da figura rebelde de Melkor/Morgoth do caminho de Eru Ilúvatar, em busca do nosso elemento criativo: a Chama Imperecível. Morgoth se afasta no disforme em busca da energia formativa. Essa criação através

do Caos é possível pois o Vazio é uma substância, algo mais semelhante ao éter platônico que do vácuo espacial.

Ball explica que existe um quinto elemento clássico, o qual Aristóteles chama de “éter”, “mas este estava inacessível aos seres terrestres, e, dessa forma, não toma parte na constituição da matéria mundana” (BALL, 2004, p. 10, tradução nossa). O éter é a substância do abstrato, do, com o perdão da redundância, *etéreo*. O Mundo não pode tocar o Vazio pois é material, concreto. O Vazio é a expansão de pré-existência, é o *Ginnungagap* nórdico – espaço entre mundos –, o *Shunyata* budista, a *Mônada* pitagórica. Entre teólogos gnósticos e cristãos, o conceito de *pleroma* (“totalidade” do poder divino) opõe o *kenoma* ou *hysterema*, o vazio (ou aquilo que está fora da totalidade); os budistas têm o conceito de *wuji* (“ilimitado”), que representa o estado primordial do universo; em cabala, *Ain Sof* é o estado infinito da divindade anterior à sua automanifestação; no hinduísmo, o conceito de *Brahman* é relacionado à totalidade. Cassirer fala sobre a existência de uma fórmula que delimita “a definição mínima de religião” (CASSIRER, 1953, p. 64, tradução nossa), que espectra o mundo entre os extremos “*taboo*” e “*mana*”.

Pois o poder que é concebido em um sentido positivo como “mana” tem também um aspecto negativo como o poder do “taboo”. Toda manifestação da potencialidade divina, seja ela investida em coisas ou pessoas, animado ou inanimado, cai fora do espaço do “profano”, e pertence a uma esfera especial, que deve ser separada das linhas de divisão normais e mundanas, e de todas as formas de medidas de proteção. (CASSIRER, 1953, p. 63, tradução nossa)

Como pode-se perceber, a ideia do Vazio é frequentemente associada à totalidade, em uma oposição que demonstra muita semelhança: a ausência de tudo aproximada à presença de tudo. No Gênesis, vemos uma criação em dois ciclos que é baseada na separação de opostos; os primeiros três dias são espelhados nos últimos três: no primeiro dia, criam-se o dia e a noite, no quarto os luminares para marcá-los; no segundo dia criam-se as águas e o céu, no quinto os peixes e os pássaros; no terceiro dia criam-se a terra seca e as plantas, no sexto os animais e homens (para viver na terra e se alimentar das plantas). Tudo isso se inicia, é claro, com a separação da luz e das trevas.

[1] No princípio, Deus criou o céu e a terra. [2] Ora, a terra estava vazia e vaga, e as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície

das águas. [3] Deus Disse: “Haja luz”, e houve luz. [4] Deus viu que a luz era boa, e Deus separou a luz e as trevas. (Gênesis 1:1-4)

Ao mesmo tempo, o Vazio equivale à pré-criação, pelo menos provisória: quando Morgoth é derrotado pela aliança entre os Filhos de Ilúvatar e os Valar, sua punição é ser aprisionado no Vazio, afastado do mundo até o fim dos tempos. Semelhante a diversas outras figuras apocalípticas, como o nórdico *Fenrir* e o Demônio cristão, volta apenas no *Dagor Dagorath* (“Batalha das Batalhas”), onde será derrotado por Túrin (um humano que volta dos mortos). Assim, sua prisão difere do afastamento gradual dos outros Valar pois equivale, na realidade, a uma espécie de morte, um retorno ao útero, uma “des-existência”.

Nessa batalha, o Vala imortal, Morgoth, será morto por Túrin Turambar, o que pode ser entendido como uma decisão especial de Ilúvatar, já que apenas ele tem poder ilimitado no refazer de tudo que criou. [...] Assim, quando o tempo de Fim e Renovação, que é diferente do Tempo do Mundo, vier, essas regras antigas perderão sua validade. (OLSZANSKI, 1995, p. 300, tradução nossa)

Como argumenta Mircea Eliade, “a escatologia é apenas a prefiguração de uma cosmogonia do futuro” (1972, p. 51); logo, o Vazio é pré-existência, mas também pós-existência; abraça de ambos os lados aquilo que É e o delimita, da mesma maneira que as águas de Oceanus delimitam o mundo dos vivos e, as de Estige, o dos mortos.

3.3. Água

A água é realmente o elemento transitório. [...] Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal. (BACHELARD, 2009, p. 07)

A água é um dos elementos mais plurivocais; por conta de sua natureza essencial à vida, mas fatal em descuido, parece ao ser humano ter inúmeras camadas contraditórias de sentido. Sua necessidade fisiológica, a presença dentro de si de alimento e sua presença dentro de

alimentos, seu surgimento no leite puérpere, no leite materno, no sangue derramado, no sêmen que fecunda o ventre; tudo isso a associa à vida.

Todavia, também pode expulsar o ar dos pulmões e, poluída ou salgada, se torna morte; ao associar-se à noite e refletir a luz da lua, se aproxima do vazio, tornando-se, como diz Bachelard, o “*nada substancial*” (BACHELARD, 2008, p. 95). Por conta disso, de forma a mais efetivamente explorá-la, a separamos nas seguintes diferentes facetas: *Rio Estige* (sua face como limiar sobrenatural), *Rio Jordão* (como símbolo do natural), *Rio Nilo* (como símbolo do divino) e o *Rio de Heráclito* (como extensão do corpo).

3.3.1. Rio Estige

Tendo atravessado as águas, tinham atravessado a morte [...] A Morte é uma viagem e a viagem é uma morte. [...] só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio. Todos os rios desembocam no Rio dos mortos. (BACHELARD, 2008, p. 77)

A primeira face aquática que exploraremos é a do Estige – o rio que, na mitologia grega, separa o mundo dos vivos e dos mortos. O arquétipo do barqueiro que faz a travessia por essas águas é muito popular: figuras como o (mais conhecido) grego Caronte, mas também os mesopotâmicos Humut Tabal e Urshanabi e o irlandês Manann. Quando ferido irremediavelmente, é em Avalon, através das águas, que o Rei Arthur encontrará refúgio. Como explica Bachelard, a “água, substância da vida, é também substância da morte” (2008, p. 75) e, dessa forma, se torna também seu limiar, sua fronteira.

A água, substância da vida, é também substância da morte para o devaneio ambivalente. [...] a água é também um símbolo maternal. [...] Colocando o morto no seio da árvore, confiando a árvore no seio das águas, duplicam-se de certa forma os poderes maternos, vive-se duplamente esse mito do sepultamento pelo qual se imagina, diz-nos C. G. Jung, que o “morto é devolvido à mãe para ser re-parido”. A morte nas águas será para esse devaneio a mais maternal das mortes. (BACHELARD, 2008, p. 75)

O mitema da catábase – a descida ao submundo – está fortemente atrelado a essa figura: quando Dioniso, Hércules e Enéias descem ao Hades, é por Caronte que passam em sua entrada,

quando Gilgamesh adentra o submundo, é Urshanabi que o transporta. Como explica Bachelard, “a água é o *cosmos* da morte” (BACHELARD, 2008, p. 93), e, assim a ida ao submundo é um retorno ao estado pré-cósmico, fetal, uterino (como explicado anteriormente). A catábase representa esse retorno, enquanto a anábase, seu processo reverso, a completa, então, em renascimento. Catábase sem anábase é apenas a morte. Como diz Bachelard, “O herói do mar é um herói da morte. O primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto” (BACHELARD, 2008, p. 76).

É esse processo de catábase e anábase que é representado em escatologias diluvianas como a grega, a bíblica e a babilônica: a água que toma o mundo o purifica ao lhe trazer de volta a um estado de pré-existência, e seu rescindir é um renascer, uma nova cosmização. O mesmo pode ser dito de rituais batismais e iniciáticos com tom aquático. O barqueiro é o guardião desse processo, guardião desse “túmulo do fogo e dos homens” (BACHELARD, 2008, p. 81). É essa capacidade de re-cosmização que traz a água ao simbolismo de pureza. Água corrente é água viva, e é “essa vida – que permanece ligada à sua substância – que determina a purificação” (BACHELARD, 2008, p. 148).

Uma gota de água pura basta para purificar um oceano; uma gota de água impura basta para macular um universo. Tudo depende do sentido moral da ação escolhida pela imaginação material [...]. A água má é insinuante, a água pura é sutil. Nos dois sentidos, a água transformou-se numa vontade. [...] Meditando essa ação do puro e do impuro, perceberemos uma transformação da imaginação material na imaginação dinâmica. A água pura e a água impura já não são apenas pensadas como substâncias, mas como forças. (BACHELARD, 2008, p. 149-150)

O Hades grego era permeado por cinco rios, sendo os outros quatro afluentes do Estige. Eram eles: Aqueronte (o rio dos desejos não realizados), Cócito (o rio das lamentações), Flegetonte (o rio de fogo que desce ao Tártaro) e o Lete (o rio do esquecimento). Antes do processo de reencarnação, era neste último que as almas se banhavam, de forma a esquecer sua vida passada e reiniciar o ciclo. O Estige, assim, é o limiar entre a vida e a morte (catábase), e o Lete entre a morte e nova vida (anábase). Como explica Bachelard, a água “torna-se uma espécie de mediador plástico entre a vida e a morte” (BACHELARD, 2008, p. 13), o “verdadeiro *suporte* material da morte” (BACHELARD, 2008, p. 67).

3.3.2. Rio Jordão

Que a água do mar seja uma água inumana, que ela falte ao primeiro dever de todo elemento reverenciado, que é o de servir diretamente os homens, eis um fato que os mitólogos esqueceram com excessiva frequência. Sem dúvida os deuses do mar animam as mais diversas mitologias; mas resta perguntar se a mitologia do mar pode ser, em todos os casos e sob todos os seus aspectos, uma mitologia primitiva. (BACHELARD, 2008, p. 158)

A segunda face da água que examinaremos é sua existência enquanto símbolo do natural. Bachelard diz que a água é “a substância que melhor se oferece às misturas” (BACHELARD, 2008, p. 105) e, dessa forma, por receber todos os outros elementos em seu âmago, ganha significado de símbolo do mundo natural. Quando se pensa em domar o mundo físico, o fogo e o ar são por demasiado etéreos, enquanto a terra mantém sua permanência; é apenas a água que tem maleabilidade suficiente para ser flexibilizada.

Em especial, a água é o elemento mais favorável para ilustrar os temas da combinação dos poderes. Ela assimila tantas substâncias! Traz para si tantas essências! Recebe com igual facilidade as matérias contrárias, o açúcar e o sal. Impregna-se de todas as cores, de todos os sabores, de todos os cheiros. (BACHELARD, 2008, p. 97)

Dessa forma, é à água que se recorre quando se tenciona alterar o mundo físico: nos mitos de criação por mergulho (LEEMING, 2010, p. 24-29), é do interior das águas que surge a terra ou colina primordial (como vemos em muitas mitologias aborígenes americanas e na mitologia egípcia). Na bíblia, a utilização da água como base natural para feitos sobrenaturais é constante: Moisés abre e fecha o Mar Vermelho (Êxodo 14:21,27-28), tanto Josué quanto Elias e Eliseu abrem as águas do Rio Jordão (Josué 3:15-17 e 2 Reis 2:8,14); no Novo Testamento, Jesus tanto anda sobre as águas (Mateus 14:25), quanto as torna em vinho (João 2:1-11).

A princípio, em sua violência, a água assume uma cólera específica, ou seja, a água recebe facilmente todas as características psicológicas de um *tipo de cólera*. Essa cólera, o homem se gaba rapidamente de domá-la. Por isso, a

água violenta é logo em seguida a água que violentamos. (BACHELARD, 2008, p. 16)

A criação a partir do barro também demonstra a capacidade de unir os elementos que a água possui: é a flexibilidade (água) adicionada à matéria concreta (terra). Esse tipo de criação aparece na teogonia judaico-cristã (Gênesis 2:7); na criação do mundo entre os dogon africanos, onde a divindade criadora Amma cria o mundo a partir de um corpo humano de argila; o criador indiano Gond usou barro para criar o corvo que semeou o mundo (LEEMING, 2010); e isso também acontece em diversas religiões americanas pré-colombianas. A lama – essa junção de rigidez e flexibilidade – é a *prima materia*, a origem caótica do mundo organizado.

3.3.3. Rio Nilo

Ora, são precisamente os objetos incessantemente contemplados pelo devaneio hídrico que pressionam a água *oculta* no céu. Os sinais precursores da chuva despertam um devaneio especial, um devaneio muito vegetal, que vive realmente o desejo da pradaria pela chuva benfazeja. Em certas horas, o ser humano é uma planta que deseja a água do céu. (BACHELARD, 2008, p. 161)

Sendo um elemento liminal – entre morte e vida, entre sagrado e profano –, a água, em sua face de Nilo, caminha por uma linha tênue, próxima, e ao mesmo tempo oposta, à sua face como Jordão. Enquanto a segunda é o sinal do natural, que é moldado pelo divino, na primeira ela é o divino que se manifesta no natural. Um grande exemplo disso é a diferença da água primal no *Enuma Elish* e na mitologia judaico-cristã: enquanto na primeira esta tem ação e divindade próprias – é deusa, é mãe; em resumo, é Nilo (inclusive, as águas primais egípcias também se divinizavam na figura de Nun) – no mito judaico, a água, apesar de pré-existente ao início da criação, não tem ação própria – é inerte e, em seu caos, é ordenada pela figura da divindade Yahweh.

[1] No princípio, Deus criou o céu e a terra. [2] Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus agitava a superfície das águas. [...] [6] Deus disse: “Haja um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. [7] Deus fez o firmamento, que

separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, [8] e Deus chamou o firmamento “céu”. (Gênesis 1:1-2, 6-8)

Enquanto na narrativa suméria a divisão das águas em mares e firmamento é feita de forma violenta – pela derrota, por parte do deus Marduque, da própria mãe, a água primal Tiamat, e a divisão de seu corpo divino –, a narrativa bíblica é estéril de qualquer divindade aquática. No mito egípcio – que John Currid argumenta ser mais próximo da narrativa bíblica –, ocorre algo semelhante: a água primal (divinizada) dá à luz o deus solar, Amon.

A chamada Teologia Menfita do Antigo Reino também produziu um documento que tentava descrever a criação [conhecido como a Pedra de Shabaka]. Ela descrevia a formação da realidade pelo deus Ptah [...] [que] era representado aqui como o gerador de Atum, de fato como o deus personificado nas próprias águas primordiais (Nun), das quais Atum surgiu. (CURRID, 1991, p. 26, tradução nossa)

A água, assim divinizada, torna-se um avatar divino: da mesma forma que a Sarça Ardente (Êxodo 3:1-4) representa o divino, a água gerada da pedra por Moisés (Êxodo 17:1-7, Números 20:2-13) tem a mesma função: a reversão da ordem natural é o símbolo principal através do qual o ser humano visualiza o divino, o espectro *taboo-mana* proposto por Cassirer.

3.3.4. Rio de Heráclito

Veremos que a criatura que nos alimenta com seu leite, com sua própria substância, marca com seu signo indelével imagens muito diversas, muito distantes, muito exteriores, e que essas imagens não podem ser corretamente analisadas pelos temas habituais da imaginação formal. [...] para a imaginação material todo líquido é uma água. [...] toda água é um leite. Mais exatamente, toda bebida feliz é um leite materno. (BACHELARD, 2008, p. 121)

A última face da água da qual trataremos é aquela mais próxima a nós: a água em nossos próprios corpos. Diversos mitos nos trazem não a água pura, mas fluídos corporais como fonte de energia criativa. Como explica Leeming: “o uso de fluídos e desejos corporais como uma

fonte de criação é enraizada na analogia percebida entre as funções naturais dos humanos e as cósmicas da natureza” (2010, p. 310, tradução nossa).

Isso pode ser visto, por exemplo, no mito egípcio do templo de Heliópolis, onde o criador, Atum, faz surgir os deuses Shu (ar) e Tefnut (água) através de (dependendo da versão) sua expectoração ou masturbação; entre os indígenas Acoma da América do Norte, o criador se usa de sangue; um mito africano dos Boshongo traz seu criador, Bumba, vomitando o sol, a lua, as estrelas e todos os animais (incluindo os humanos); em várias outras culturas, encontramos ainda criações através de urina ou fezes. Entre os egípcios, duas lendas distintas davam o motivo para o surgimento dos rios: de um lado, dizia-se que vinham do suor do deus crocodilo Sobek, pelo outro, de que seria fruto das lágrimas que a deusa Ísis derramou pela morte de seu consorte, o divino Osíris.

Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer. [...] Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer [...]. Nunca a água pesada se torna uma água leve, nunca uma água escura se faz clara. É sempre o inverso. O conto da água é o conto humano de uma água que morre. (BACHELARD, 2008, p. 49)

O ser humano se vê nas águas – em sua mutabilidade, em sua efemeridade, em sua mudança – e, por conta disso, liga a água do seu corpo à água do universo, aproximando-se ainda mais dessa elementalidade simbólica.

Em um último exemplo, os gregos – numa tentativa de explicar a imortalidade de Hércules (que, sendo filho de uma mulher mortal, deveria também o sê-lo) – utilizavam a narrativa de que, enganada por Zeus, Hera, deusa do casamento e rainha do Olimpo, amamentou o jovem herói de seu próprio leite. Seria esse leite divino que lhe daria sua imortalidade. Entretanto, Hera acaba por perceber a identidade do menino, pois esse a morde, e o tira de seu seio – explicando o porquê de Hércules ter vivido uma vida toda como mortal, e não se tornado um deus desde o início. O leite derramado por Hera nesse momento, entretanto, cheio de poder criativo, seria a origem da Via Láctea.

Como explica Bachelard:

Todavia, a imaginação material está em ação; deve propiciar à substância impressões primitivas. Deve pois atribuir à água as qualidades da bebida e,

antes de tudo, as qualidades da primeira bebida. Portanto, de um certo ponto de vista é preciso que a água seja um leite [...]. (BACHELARD, 2008, p. 163)

3.4. Fogo

Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo. O fogo é o ultravivo. O fogo é íntimo e universal. Vive em nosso coração. Vive no céu. Sobe das profundezas da substância e se oferece como um amor. [...] o único capaz de receber tão nitidamente as duas valorizações contrárias: o bem e o mal. (BACHELARD, 2008, p. 11)

No “Ainulindalë”, o fogo se associa a duas diferentes figuras: o criador onipotente, Eru Ilúvatar, e Melkor/Morgoth, seu “filho rebelde”. Isso é possível pois, assim como a água, o fogo tem muitas faces: na lareira do lar provê calor, conforto e proteção; numa flecha, destrói esse mesmo lar e queima tudo ao redor; enquanto natureza, o incêndio criado por um relâmpago destrói tanto quanto a lava vulcânica; ligado às emoções, enrubesce os rostos envergonhados, da mesma maneira que o faz em rostos delirantes ou irados; relaciona-se à verdade e à luz, mas na mesma proporção a seus opostos.

Assim, da mesma maneira que fizemos no capítulo anterior, dividiremos cada uma dessas facetas: a *Chama de Atar* (sua face enquanto símbolo do divino), a de *Prometeu* (símbolo do conhecimento), a de *Sodoma* (símbolo de destruição), a de *Vesta* (símbolo de conforto) e a de *Vespasiano* (sua presença em outras formas).

3.4.1. Chama de Atar

[1] Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã. Conduziu as ovelhas para além do deserto e chegou ao Horeb, a montanha de Deus. [2] O Anjo de Iahweh lhe apareceu numa chama de fogo, do meio de uma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. [3] Então disse Moisés: “Darei uma volta e verei este fenômeno estranho; verei porque a sarça não se consome. [4] Viu Iahweh que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: “Moisés, Moisés!” Este respondeu: “Eis-me aqui”. (Êxodo 3:1-4)

Assim como a água representa o limiar do sobrenatural, o fogo se apresenta como um mensageiro (literalmente um anjo, no sentido original²⁷) do outro lado, um símbolo do metafísico, do sagrado e do divino. Nessa face, pode se tratar de uma ferramenta cosmogônica, como no caso do mito do povo *Tungus*, da Ásia Central, onde “seu criador usou o fogo para queimar parte do mar primordial, de forma que uma ilha de Terra pudesse emergir” (LEEMING, 2010, p. 11, tradução nossa), mas, em geral, está mais presente como um indicativo, um sinal da presença do sagrado e de sua interação com o mundo material.

Podemos ver isso, por exemplo, na utilização do fogo feita, por diversos povos (por exemplo, os gregos), para enviar oferendas a divindades ou como ritual pós-morte. Nas Vedas, temos o deus *Agni* (ou *Atar*), figura que personifica o fogo sacrificial, e que intervém entre deuses e homens; no zoroastrismo, sua chama sagrada se torna uma demonstração da presença da divindade principal, *Ahura Mazda*, e é mantida sempre acesa em seus templos – tradição que era observada também nos templos da romana Vesta.

O deus judaico-cristão tende a se utilizar por diversas vezes desse tipo de simbolismo; alguns exemplos desse padrão podem ser encontrados em Êxodo 13:21-22 (onde guia os israelitas como um pilar de fogo), 19:16-19 (onde desce ao Sinai em fogo) e 1º Reis 18:20-40 (onde o Profeta Elias desafia profetas de Baal a acenderem um sacrifício com o poder de seu deus – eles falham, mas ele consegue).

Enquanto símbolo de Ilúvatar, a Chama Imperecível é uma substância de criação e de animação, dando existência independente a diferentes criaturas. Isso é demonstrado na criação dos anões por parte de Aulë: a existência destes era ligada somente ao pensamento ativo do Vala, e é apenas depois da intervenção de Eru que começam a ter pensamentos e ações próprios. Nessa configuração, o símbolo se assemelha ao “sopro de vida” dado por Yahweh à sua criação (Gênesis 2:7), e à conhecida figura cristã do Espírito Santo.

O "Fogo Secreto", também chamado de "Chama Imperecível" é facilmente compreensível através do conceito Católico do Espírito Santo. [...] A visão Trinitária mantida pela Igreja Católica diz que o Espírito Santo é consubstancial com o Pai e o Filho, uma das três distintas personificações de um único Deus. O ato de Deus mandar seu Espírito Santo (muitas vezes representado como uma chama) para dar alma e Vida para o mundo,

²⁷ “*angelos*”, do grego “mensageiro”.

demonstrada por Tolkien, pode ser vista quando Ilúvatar diz: "E mandarei adentrar o Vazio a Chama Imperecível, e ela deverá ser o coração do Mundo, e o Mundo deverá Ser" (Silmarillion 20). (DEGANI, 2005, p. 09, tradução nossa)

Outra forma comum que este símbolo toma é a de um carro solar, ou carro de fogo: temos essa figura frequente na mitologia grega, onde o titã Hélios, e posteriormente o deus Apolo, dirigem a carruagem solar no céu de forma a gerar o ciclo de dia e noite; na mitologia egípcia, o deus Rá faz o mesmo e da mesma forma ocorre nas Vedas. Na mitologia nórdica, temos o cavalo Skinfaxi nessa função. Tolkien traz a Maia Arien.

Dirigir o carro solar demonstra a divindade de uma figura, seja essa divindade permanente, ou emprestada pelo símbolo: quando Medéia, neta de Hélios e esposa de Jasão, foge da cena do seu regicídio, tendo se vingado de uma maneira muito semelhante àquela que os Olímpianos fariam, sua fuga se dá no carro solar; quando o Profeta Elias ascende, sua subida aos céus se dá também em um carro de fogo (2 Reis 2:11).

3.4.2. Chama de Vesta

O fogo encerrado na lareira foi certamente o primeiro tema de devaneio para o homem, símbolo do repouso, convite ao repouso. [...] o fogo aquece e conforta. [...] Perto do fogo, é preciso sentar-se; é preciso repousar sem dormir; é preciso aceitar o devaneio objetivamente específico. (BACHELARD, 2008, p. 23)

Da mesma forma que representa o divino, o fogo também traz conotações de civilização e de lar. Como elemento do conforto, da alimentação e dos sentimentos positivos, se demonstra intimamente ligado com a vida em sociedade e com o *cosmos* civilizado, que a criação do mundo separou do caos sempre-presente na natureza indomada. Dessa maneira, em analogia, o fogo se torna a civilização em si. Vemos isso, por exemplo, na chama presente no templo da deusa romana Vesta: sempre atendida por sacerdotisas que juravam votos de castidade, o fogo em si representava Roma por inteiro, e seu apagar era considerado mau agouro e deveria demonstrar uma falha humana (uma das sacerdotisas quebrando seu voto, por exemplo).

É interessante notar essa associação feita entre a virgindade e a chama: Vesta (ou Héstia, em seu aspecto grego) era uma das três deusas virgens (junto com Minerva/Atena e Diana/Artemis) e, muito embora representasse a chama da casa e o conforto do lar, não era representada como uma dona de casa, mas como uma jovem virginal. Bachelard frequentemente enfatiza a associação do fogo com a energia sexual, principalmente por conta da sua geração mais orgânica se dar através da fricção, uma “experiência fortemente sexualizada” (BACHELARD, 2008, p. 37).

Domar o fogo interno, a energia sexual, ajudaria em domar a chama sagrada, ao mesmo tempo que demonstraria uma espécie de sacrifício, ao ir contra a própria natureza humana e da chama.

Em todo caso, trata-se de um trabalho evidentemente rítmico, um trabalho que responde ao ritmo do trabalhador, que lhe proporciona belas e múltiplas ressonâncias: o braço que esfrega, as madeiras que gemem, a voz que canta, tudo se une na mesma harmonia, na mesma dinamogenia rítmica. (BACHELARD, 2008, p. 43-44)

Assim, o fogo não é só conforto e civilidade, mas também emoção e ser vivo: o fogo, diferente dos outros elementos, que apenas se unem ou se separam em grandes ou pequenas quantidades, o fogo *se reproduz*, se alimenta e, se deixado ao relento, *envelhece* e *morre*. O conforto do fogo é o conforto de um abraço quente, de uma garrafa de aguardente, de luz nas trevas, de um refúgio da noite.

Da mesma forma que a mutabilidade perene, mas calma, é a marca da água, a mutabilidade dinâmica e efêmera é a característica do fogo. É por isso que, ao observar o fogo, o ser humano entra em estado de contemplação e de sagrado. O fogo é a vela no templo, a chama que queima a oferenda, o prato onde se adivinha o futuro, mas também é a joia no pescoço do sacerdote e o sol que entra pelas janelas.

3.4.3. Chama de Prometeu

O fogo castiga sem necessidade de queimar. [...] a interdição social é nosso primeiro conhecimento geral sobre o fogo. [...] o problema do conhecimento pessoal do fogo é o problema da desobediência engenhosa. A criança quer

fazer como seu pai, longe de seu pai, e, qual um pequeno Prometeu, rouba fósforos. (BACHELARD, 2008, p. 16-17)

O *Complexo de Prometeu*, como chama Bachelard (2008, p. 18), é descrito como os impulsos que levam à necessidade de se saber tanto ou mais quanto nossos pais e mestres. Na mitologia tolkieniana, nada demonstra tanto esses desejos quanto as relações de Melkor e Aulë com a criação de seu “pai”.

Como citado anteriormente, após adentrar o Mundo, Aulë, impaciente com a espera pela chegada dos Filhos de Ilúvatar, cria suas próprias criaturas: os anões. Ao ser confrontado por Ilúvatar, percebe se tratar apenas de marionetes, controladas por sua própria vontade, e não seres com pensamento independente. Entretanto, ao levantar sua mão para destruí-los em vergonha por ter agido em inconformidade com o plano de Eru, percebe que este havia se apiedado de suas criações e lhes dado vida própria – agora, estes eram animados com a mesma energia que o Mundo, e que o próprio Vala: a energia que provinha do demiurgo.

O deus onisciente tem o conhecimento abstrato da possibilidade do mal, como uma possibilidade de oposição à sua própria vontade. E é a este conhecimento que Melkor se aproximou. [...] [Essa] disposição ao mal não é má, desde que não se expresse em más ações. [...] Melkor, entretanto, não se arrependeu ou se tornou humilde frente a isso, como Aulë ou Ossë. Estimando o Vazio – ou seja, aquilo que é externo à Deus – ele se afastou do controle de Eru, inicialmente de forma inconsciente. (OLSZANSKI, 1995, p. 299, tradução nossa)

Da mesma forma, Melkor tinha o desejo de criar e, por conta disso, procurou incessantemente a Chama Imperecível no vazio, sem jamais encontrá-la. Ao ter a chance de adicionar algo ao Grande Tema, adiciona dissonância. Quando, finalmente, tem acesso ao Mundo, atrapalha a subcriação de seus iguais e, sem poder criar propriamente, perverte e modifica toda criatura que consegue dominar. Mesmo seu maior seguidor, Sauron, que criaria sua adoração em Númenor e expandiria sua Sombra pela Terra-média, era, originalmente, um Maia de Aulë.

Assim, em ambos os casos, percebemos que é presente o desejo de ser igual (ou maior) que a figura paterna criativa. Nesse ponto, ambos os Valar se aproximam da figura diabólica cristã, e se aproximam do orgulho. Entretanto, suas naturezas os diferenciam: enquanto Melkor,

fulgurante, eleva essa vontade ao orgulho e deixa que a vergonha o impeça de se redimir, Aulë, terreno, se dá conta de seu erro e imediatamente se encaminha a uma reparação. Aulë se mostra satisfeito no conhecimento e na criação existente, enquanto Melkor deseja mais.

[47] Mas Zeus encolerizado em suas entranhas ocultou,
 [48] pois foi logrado por Prometeu de curvo-tramar;
 [49] por isso para os homens tramou tristes pesares:
 [50] ocultou o fogo. E de novo o bravo filho de Jápeto
 [51] roubou-o do tramante Zeus para os homens mortais
 [52] em oca férula, dissimulando-o de Zeus frui-raios.
 (HESÍODO, 1996, p. 25-26)

Quando o titã grego Prometeu rouba o fogo dos deuses, ele não está apenas roubando o fogo material, mas sim o fogo elementar, que é o conhecimento de como fazer fogo. O ser humano tinha acesso ao fogo antes disso, através de raios e incêndios selvagens, “presentes divinos”, mas é só com o conhecimento do fogo que pode domá-lo e trazê-lo sob seu controle. No comentário de Mary C. N. Lafer sobre *Os Trabalhos e os Dias*, esta argumenta que, “Com o roubo do fogo divino, Prometeu oferece aos homens o fogo ‘técnico’. passa-se, assim, do fogo ‘natural’ ao fogo ‘cultural’” (LAFER, 1996, p. 63). O conhecimento do fogo permite o conhecimento da forja e o conhecimento das armas; o conhecimento do fogo permite o lar confortável e a flecha ardente.

Para Bachelard, “o complexo de Prometeu é o complexo de Édipo da vida intelectual” (BACHELARD, 2008, p. 19), então como não examinar o conflito entre Morgoth e Eru, entre Lúcifer e Yahweh, como um conflito geracional, uma espécie de tentativa falha de troca de gerações? Enquanto Ilúvatar é a chama elementar, pura, intangível e invisível, idealizada e metafísica, Melkor é seu produto material e físico, que se alimenta de tudo e expele fumaça em seu caminho, e que, de forma mais importante, gera *Sombra*.

No mito heroico, a biografia da personagem principal, que passa por provações propiciatórias, é frequentemente associada à troca ritualística de gerações. Isso ocorre principalmente sob o aspecto da troca de chefe, isto é, de um processo que está no limite entre o biológico e o social. Os mitos eróticos e incestuosos que surgem nessa ocasião (cf. o de Édipo, o mais conhecido) servem aqui antes como signos da decrepitude e do

amadurecimento das diferentes gerações e não tanto como expressão dos conflitos psicológicos intrafamiliares. (MELETÍNSKI, 2002, p. 42)

Em *A Sociedade do Anel*, Gandalf (um dos Maia que tomaram corpos físicos para guiar os povos livres contra Sauron), ao enfrentar um balrog (Maia corrompido por Morgoth) chama Eru diretamente por “Fogo Secreto”, enquanto chama Morgoth de “fogo negro” (TOLKIEN, 2001, p. 344). O Fogo Secreto, a Chama Imperecível de Ilúvatar, se aproxima mais de formas como as encontradas em certas partes da Bíblia, como o fogo que compele Jeremias a profetizar (Jeremias 20:9), e, principalmente, as línguas de fogo que dão o conhecimento de línguas estrangeiras:

[1] Tendo-se completado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. [2] De repente, veio do céu um ruído como o agitar-se de um vendaval impetuoso, que encheu toda a casa onde se encontravam. [3] Apareceram-lhes, então, línguas como de fogo, que se repartiam e que pousaram sobre cada um deles. [4] E todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concediam se exprimirem. (Atos dos Apóstolos 2:1-4)

Enquanto esse Fogo Negro, essa chama pesada de fogo destruidor, que é de Melkor, está presente em personagens como Fëanor, elfo que cria as já citadas Silmarilli com a luz das Árvores. Frequentemente descrito como flamejante e quente, tanto na aparência de seus cabelos quanto em seu temperamento, este é responsável pela volta dos Altos Elfos à Terra-média e pelas Guerras que se seguem contra Morgoth, pela simples necessidade de proteger – e, mais importante, recuperar – sua criação, sujeitando tanto o seu destino quanto o de seus filhos e de sua linhagem à essa missão.

3.4.4. Chama de Sodoma

[...] o fogo sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além. [...] a destruição é mais do que uma mudança, é uma renovação. Esse devaneio muito especial, no entanto bastante geral, determina

um verdadeiro complexo em que se unem o amor e o respeito ao fogo, o instinto de viver e o instinto de morrer. (BACHELARD, 2008, p. 25)

Entre todas as suas faces, aquela que traz seu poder destruidor é a mais frequentemente associada ao fogo: é possível perceber, inclusive, como no supracitado caso da sarça ardente, que por vezes a demonstração do divino que é trazida na Chama de Atar é, justamente, a demonstrável *falta* de destruição aparente. Podemos ver isso, por exemplo, no caso descrito no livro de Daniel, onde judeus condenados à morte por fogo não sofrem qualquer tipo de queimadura, segundo o relato bíblico, por intervenção divina (Daniel 3:21-27).

A supracitada Medéia, ao ser trocada por seu marido Jasão, envia um vestido e joias à nova esposa, que, embebidos em uma poção, fazem com que esta e tudo que a tocassem – seu pai (o Rei), o palácio e eventualmente toda a cidade – se acendessem em um fogo invisível. É só depois disso que esta sobe no carro-solar e se vai.

Há, entretanto, um componente na destruição pelo fogo que seria importante se enfatizar: sua pureza. Como explica Bachelard, “no seio do fogo, a morte não é a morte” (BACHELARD, 2008, p. 28), e a destruição total causada pelas chamas é uma “morte cósmica”, ou seja, uma passagem total do aqui para o além. Mais uma vez, podemos encontrar a ideia de purificação através do fogo em diversos locais: na antiguidade, por exemplo, acreditava-se que itens que haviam tocado um “leproso” (pessoa afligida com a hanseníase) podiam ser purificados dessa mácula através do fogo; na história de Hércules, ao sofrer um destino muito parecido com a nova esposa de Jasão no mito acima (mas com uma roupa embebida em sangue ácido ao invés de poção de fogo), o filho de Zeus cria sua própria pira funerária, e é apenas quando o fogo queima sua parte mortal, que ele é elevado à divindade.

A apoteose é comumente associada ao fogo (como vimos também no caso de Elias), pois o próprio elemento parece elevar-se ao fim de sua existência; como explica Bachelard: “Quando o fogo se devora a si mesmo, quando o poder se volta contra si, é como se o ser se totalizasse no instante de sua perda e a intensidade da destruição fosse a prova suprema, a prova mais clara da existência” (BACHELARD, 2008, p. 118).

O fogo purifica, mesmo que, e também por, destruir totalmente.

[24] Iahweh fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos de Iahweh, [25] e destruiu essas cidades e toda a Planície, com todos os habitantes da cidade e a vegetação do solo. [...] [27] Levantando de

madrugada, Abraão foi ao lugar onde estivera na presença de Iahweh, [28] e olhou para Sodoma, para Gomorra, e para toda a Planície, e eis que viu a fumaça subir da terra, como a fumaça de uma fornalha! (Gênesis 19: 24-25, 27-28)

No “Ainulindalë”, percebemos um caminho narrativo que traça essa direção: o mundo inicia-se com o fogo criativo de Eru, que anima sem queimar, mas caminha na direção do fogo material de Morgoth, que queima as Árvores, que inflama o ódio e a vingança nos homens e que aumenta sua ganância com o ouro.

3.4.5. Chamas Ocultas

Sendo estas as formas que o fogo assume de forma concreta, poderia-se pensar que é chegada ao fim essa análise. Entretanto, o fogo, da mesma forma que a água, existe, persistente, em diferentes corpos: queima no ouro, nos astros, nos homens. Dessa forma, devemos analisar também essas chamas “ocultas”.

3.4.5.1. Chama de Vespasiano

[1] Quando o povo viu que Moisés tardava em descer da montanha, congregou-se em torno de Aarão e lhe disse: “Vamos, faze-nos um deus que vá à nossa frente, porque a esse Moisés, a esse homem que nos fez subir da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu.” [2] Aarão respondeu-lhes; “Tirai os brincos de ouro das orelhas de vossas mulheres, de vossos filhos e filhas, e trazei-mos.” [3] Então todo o povo tirou das orelhas os brincos e os trouxeram para Aarão. [4] E este recebeu o ouro das suas mãos, o fez fundir em um molde e fabricou com ele uma estátua de bezerro. (Êxodo 32:1-4)

Após anos conturbados no Império Romano, Vespasiano assume o poder e, tentando reconstruir seu tesouro, institui e reinstitui toda forma de imposto e taxa. Uma das mais famosas,

reportada tanto por Suetônio (69 – c. 141)²⁸ quanto por Cassius Dio (c. 165 – c. 235)²⁹, era sobre os urinóis públicos. Ao ser questionado sobre essa taxa por seu filho, diz-se que Vespasiano teria lhe questionado se o dinheiro teria cheiro. *Pecunia non olet* (“dinheiro não tem cheiro”). Aquela que chamamos de *Chama de Vespasiano* é a forma do fogo que se estende além de seu elemento, queimando a própria terra e a inflamando com sua essência. Como explica Bachelard, “seguidamente o alquimista atribui um valor ao ouro porque ele é um receptáculo do fogo elementar: ‘A quintessência do ouro é inteiramente fogo’” (BACHELARD, 2008, p. 107).

Assim, o ouro se torna, por muitas vezes, mais próximo do fogo elementar que o próprio fogo material: este é o fogo que se pode tocar, com o qual se pode adornar o corpo; é nesta forma que este permanece nos templos e nas casas, como um sinal permanente – e, mais importante, inofensivo – do divino. Muito embora seja macio demais para ter usos práticos, será esse “fogo interno” que fará com que o ouro fascine diversas civilizações.

Na bíblia, por exemplo, logo após a descida de Yahweh em fogo que vimos anteriormente, os hebreus, se vendo sozinhos, criam para si um ídolo de ouro em forma de bezerro:

Mas enquanto Moisés estava novamente no Monte Sinai, os Hebreus começaram a reclamar. E para os aplacar e lhes dar algo concreto para adorar, Aarão fez bezerros de ouro. Moisés retornou e, em sua fúria frente à apostasia, quebrou as tábulas da lei, nas quais as palavras de Deus estavam escritas. Mais tarde, Yahweh providenciou novas tábulas, que foram guardadas no tabernáculo portátil chamado de Arca da Aliança, o símbolo do próprio Yahweh. (LEEMING, 2010, p. 462, tradução nossa)

Os bezerros, sendo feitos de ouro, representavam, em seu material, o próprio fogo divino; de tal maneira que, mesmo após sua destruição e a recepção das tábuas com os mandamentos, ao se criar um lugar para que estas fossem guardadas, as instruções dadas pela divindade são as seguintes:

²⁸ Capítulo XXIII.

²⁹ Livro LXV, Capítulo XIV.V

- [10] Farás uma arca de madeira de acácia com dois côvados e meio de comprimento, um côvado e meio de largura e um côvado e meio de altura.
- [11] Tu a cobrirás de ouro puro por dentro e por fora, e farás sobre ela uma moldura de ouro ao redor. (Êxodo 25:10-11)

O ouro, como fogo estático, aproxima o profano do divino, o terreno do celeste: entre os mongóis, um mito (com inspirações tibetanas) diz que o deus criador, Udan, separou os três mundos (o paraíso, a terra e o submundo) com 99 colunas de ouro – veja aí também a presença do fálico, frequentemente associado ao fogo; quando Xangô (que cuspiam línguas de fogo) subiu aos céus para se tornar o deus do Trovão, sua subida se deu através de uma corrente dourada; nos mitos nórdicos, tanto Freyja (cujas lágrimas são de ouro) quanto seu irmão Freyr andam nas costas de javalis com cerdas de ouro (respectivamente, Hildisvíni e Gullinbursti), enquanto Sif tem seus cabelos roubados por Loki e substituídos por cópias feitas de ouro puro (LEEMING, 2010); e quando o deus solar inca Pachacamac se apieda dos humanos e envia seus filhos para lhes ensinar a plantar, construir casas e tecer roupas, o símbolo que seus filhos utilizam é uma vara de ouro:

Seus filhos viviam no Rio Titicaca, mas eram livres para ir e vir como quisessem, desde que, em cada uma de suas paradas, enfiassem no solo uma vara dourada que seu pai lhes havia dado. Cada marca desta vara seria um sinal para que o povo construísse uma cidade. “Ensinem o povo a ser bom”, comandou Pachacamac, “Eu proveirei luz e calor”. O filho de Pachacamac, M, era conhecido como o Inca (o imperador) e sua irmã era sua rainha. Todos os governantes incas descendiam desse primeiro par de antepassados. O Inca e sua irmã-esposa pararam no vale de Huanacauri e ali foram bem-sucedidos em plantar a vara; na verdade, ela afundou na terra e desapareceu. É por isso que existe ali, até os dias de hoje, um templo do sol. (LEEMING, 2010, p. 140, tradução nossa)

Frequentemente, o ouro serve como símbolo de que algo comum tem um toque do divino: entre os gregos, contava-se a história de um carneiro alado (veja, novamente, a ligação ao celeste), cuja lã dourada, tornada em velocino, é roubada por Jasão (LEEMING, 2010); os pomos da imortalidade roubados por Héracles são dourados, assim como o são os de eterna juventude da deusa nórdica Idunn (JORDAN, 2004); além disso, Hesíodo, em sua descrição

das Eras do Homem, descreve todas as raças como de diferentes metais, sendo a primeira de ouro.

[109] Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
 [110] criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
 [111] Eram do tempo de Cronos, quando no céu este reinava;
 [...]
 [120] Mas depois que a terra a esta raça cobriu
 [121] eles são, por desígnios do poderoso Zeus, gênios
 [122] corajosos, ctônicos, curadores dos homens mortais.
 (HESÍODO, 1996, p. 31)

Em outros momentos, a ligação é ainda mais direta: a própria deusa hindu Lakshmi tinha a pele dourada, e as cascas de diversos ovos cósmicos são do mesmo material: entre os hindus, o deus Brahma cria uma semente através de seu pensamento e, dessa semente, surge das águas primais um ovo dourado, do qual ele emerge um ano depois (JORDAN, 2004); entre os povos Bon do Tibet, a união das divindades primais, no início dos tempos, gera três ovos – um dourado (que produz uma flecha da vida, masculina, com penas turquesa), um turquesa (que produz uma flecha turquesa, feminina, com penas douradas) e um ovo branco (de onde surgiu uma roca dourada) (LEEMING, 2010) –; nas Vedas, Hiranyagarbha é descrito como um deus da semente dourada que emergiu do ovo cósmico; em alguns dos mitos hindus, Krishna se divide em duas partes, que copulam por uma era, até que Radha, a parte feminina, dá a luz ao ovo cósmico dourado (JORDAN, 2004); na mitologia finlandesa, a filha do Céu, Ilmatar, flutua nas águas primais até que, vendo um pássaro em necessidade de um lugar para pôr seus ovos, usa uma de suas pernas para criar um lugar seco – o pássaro bota seis ovos dourados e um de ferro.

A pequena cerceta sentou-se no ninho, aquecendo seus sete ovos e também o joelho de Ilmatar. O calor se tornou tão grande que começou a queimar seu joelho levantado. Finalmente, Ilmatar não conseguiu mais aguentar e o tirou dali num impulso, colocando-o na água para esfriá-lo. Isso despreendeu os ovos, que caíram na água e foram quebrados pelo vento e pelas ondas. Então, algo cheio de maravilhas aconteceu, Da parte inferior das cascas dos ovos a terra se desenvolveu, e do seu topo foi feito o céu como o conhecemos. A lua

e as estrelas vieram da clara do ovo, e a gema virou o sol. (LEEMING, 2010, p. 109, tradução nossa)

Na Indonésia, o povo Dayak acreditava que tudo que existe havia começado dentro da boca de uma serpente gigantesca, até que duas montanhas surgiram: uma de ouro, onde habitava o deus líder do Mundo Inferior, e uma de Joias, onde estava o líder divino do Mundo Superior; quando ambos os mundos se chocam, o mundo que conhecemos se forma. Segundo suas crenças, além disso, a Árvore da Vida tinha “folhas douradas e frutos de marfim” (LEEMING, 2010, p. 100, tradução nossa) – algo muito semelhante às árvores de Tolkien.

3.4.5.2. Chama de Rá

Não é surpreendente que o sol deva ter um papel significativo nos mitos criacionais de todo o mundo. As pessoas devem ter percebido desde o início quão importante o sol é para a sobrevivência. Foi o sol que deu a solidez para a terra e força para o homem, dizem os Lakota Sioux. Sem sua luz e calor, a vida não seria possível. (LEEMING, 2010, p. 352, tradução nossa)

No caso do sol, é seu calor que o relaciona com o fogo elementar: em sua posição privilegiada de fecundador da terra, ele é frequentemente visto como uma divindade – em muitos casos, um demiurgo. Em geral, entretanto, vemos esse papel dividido entre mais de uma figura; na mitologia egípcia isso é extremamente visível: Amun e Ptah são ambos considerados deuses criadores e, nesse papel, são igualados a divindades solares; Aten (adotado por Akhenaten como divindade oficial do Império) representava apenas o disco-solar, enquanto divindades como Hórus, Hathor, Bastet e Sekhmet também se associavam ao sol; por fim, quando se fala sobre o sol em si, suas personificações se dividem em três: Khepri é o sol nascente, Rá é o sol do dia e Atom é o sol poente.

Re é uma das várias manifestações da divindade solar e criadora do Egito, o que enfatiza o passado tribal do período pré-dinástico. De acordo com as lendas, ele se criou do monte que emergiu do oceano primordial. Em outras representações, ele surgiu como criança de uma flor de lótus primordial. (LEEMING, 2010, p. 264, tradução nossa)

Os incas também dividiam sua divindade solar; muito embora o deus-sol fosse Inti, este tinha três faces: Apo-Inti, o Senhor Sol; Cori-Inti, o Sol Filho; e Inti-Wawqi, o Sol Irmão. Entre os maias, sua divindade solar, Ah Kin, era vista com ambivalência: ao mesmo tempo que os protegia contra a escuridão, também podia causar secas quando contrariado (JORDAN, 2004). Esse tipo de contrariedade é comum com divindades solares, pois o sol é visto como uma espécie de líder da abóbada celeste, sendo responsável tanto por sua fertilização do solo quanto por sua recusa a molhar plantações.

Devido à sua relação com o fogo, este tipo de entidade é geralmente masculina – sendo os raios solares frequentemente associados à figura do fático; como explica Bachelard: “O calor é um bem, uma posse. É preciso conservá-lo ciosamente e só doá-lo a um ser eleito que mereça uma comunhão, uma fusão recíproca. A luz brinca e ri na superfície das coisas, mas só o calor *penetra*” (BACHELARD, 2008, p. 61).

O falo dos Céus, a força masculina, encontrou uma jovem garota, sua filha, Terra. Agni, o deus do fogo, tinha criado a quente paixão e a semente do Céu. Enquanto o ato de união era cometido, algo da semente caiu sobre a Terra, e as palavras e os rituais surgiram. O deus tinha se satisfeito com sua própria filha. Da semente quente que foi derrubada surgiram os Angirases, os mediadores entre deuses e humanos, que distribuem os presentes dos deuses. (LEEMING, 2010, p. 142, tradução nossa)

Isso torna a figura – vista no feminino – da Maia que dirige o carro solar (*Anar*) – fruto da Árvore Laurelin –, Arien, tão interessante³⁰. Em geral, divindades solares têm entre seus consortes divindades dentro da figura arquetípica da Mãe Terra, ou divindades lunares – no caso tolkieniano, muito embora o Maia Tilion, responsável pelo carro lunar, seja uma figura masculina, os dois não formam consórcio dentro do cânone publicado.

A ambivalência específica, conforme foi exposto, é inerente às imagens mitológicas da Grande Mãe e do Grande Pai, que não convém absolutamente reduzir às relações de uma pequena família, tal como costumam fazer os psicanalistas. A Grande Mãe é deusa da fecundidade. Como personificação

³⁰ É importante lembrar que na supracitada cena com Gandalf, este se diz o “wielder of the flame of Anor” (TOLKIEN, 2001, p. 344) – ou seja, diz que seu poder vem da utilização da luz/chama do sol (Anor é o nome Sindarin do Sol, Anar).

mitológica da Terra, ela mantém relações tanto com o cosmos quanto com o caos, com o começo criativo – principalmente com o da natureza que compreende o erotismo e a proteção dos cultos orgiásticos –, e com a morte (a morte temporária, por sua vez, conduz à ressurreição e à reencarnação). Daqui provêm os laços eróticos, não obrigatoriamente incestuosos, com o herói e a participação tanto em sua perdição como em sua salvação. (MELETÍNSKI, 2002, p. 108-109)

Outro ponto importante das divindades solares é que sua presença, em geral, é cíclica, imitando o ciclo dia-e-noite; com frequência, divindades como Rá, Apolo e Hélios descem a alguma espécie de submundo, ou as “casas da Noite”, durante o período em que o sol está escondido.

Para Charles Plox, o drama mitológico fundamental – tema monótono de todas as variações – é, como se sabe, o drama do dia e da noite. Todos os heróis são solares; todos os deuses são deuses da luz. Todos os mitos contam a mesma história: o triunfo do dia sobre a noite. E a emoção que norteia os mitos é a emoção primitiva por excelência: o medo das trevas, a ansiedade que a aurora vem finalmente curar. [...] Na teoria mítica de Plox, todos os deuses, mesmo os que vivem sob a terra, porque são deuses receberão uma auréola; virão, ainda que por um dia, ainda que por uma hora, participar da alegria divina da ação diurna que é sempre uma ação brilhante. (BACHELARD, 2008, p. 160)

Cada nascer do sol, dessa forma, retrata não só uma vitória das forças luminosas, mas um literal renascimento da figura solar e do mundo em geral – com o fim do mundo muitas vezes sendo representado pela impossibilitação desse ciclo: o nórdico Sköll ou o egípcio Apófis devoram o sol, ou este se quebra, se tornando um novo ovo cósmico. Como explica Eliade, a noite “simboliza o Caos primordial, e o nascer do Sol é uma réplica da cosmogonia” (ELIADE, 1972, p. 77).

3.4.5.3. Chama de Dioniso

A aguardente é a água de fogo. É uma água que queima a língua e se inflama à menor faísca. Não se limita a dissolver e a destruir como a água-forte.

Desaparece com o que ela queima. É a comunhão da vida e do fogo. O álcool é, também, um alimento imediato que prontamente instala seu calor na cavidade do peito; comparadas ao álcool, as próprias carnes são morosas. O álcool é, portanto, objeto de uma valorização substancial evidente. (BACHELARD, 2008, p. 123)

O álcool se associa ao fogo tanto pela sua inflamabilidade quanto pela sensação de calor produzida pelo seu consumo. Em diversas sociedades, temos bebidas alcoólicas características de sua cultura: entre os gregos e romanos, o deus do vinho Dioniso/Baco tinha grande influência, com seu culto sendo adotado por homens e mulheres, que se embebedavam e entravam em uma espécie de loucura ritual; mantendo a tradição da masculinidade relacionada ao fogo, sua adoração era associada à figura itifálica, sendo o próprio deus, por vezes, representado como uma estátua apenas do falo (JORDAN, 2004, p. 43 e 78).

[940] Sêmele filha de Cadmo unida a Zeus em amor
 [941] gerou o esplêndido filho Dioniso multialegre
 [942] imortal, ela mortal. Agora ambos são Deuses.
 [...]
 [947] Dioniso de áureos cabelos à loira Ariadne
 [948] virgem de Minos tomou por esposa florescente
 [949] e imortal e sem-velhice tornou-a o Cronida.
 (HESÍODO, 2007, p. 153)

Como explica Bachelard, “Quando o álcool arde, numa noite de festa, parece que a *matéria enlouqueceu*, parece que a água feminina perdeu todo pudor e que se entrega, delirante, ao seu senhor, o fogo” (BACHELARD, 2008, p. 100); os adoradores da divindade parecem seguir seu exemplo.

Esse tipo de adoração se relaciona com diversas divindades vinícolas, como o deus kafir Indr e do egípcio Shezmu. Com relação a outras bebidas fermentadas, temos o deus dos maias Acan, deus do balché – bebida feita da casca da árvore de mesmo nome (JORDAN, 2004) e o

complexo de divindades astecas Ometochtli³¹, responsável pela bebida pulque, vinda da planta agave.

Entretanto, aquele que gostaríamos de enfatizar é Kvasir, uma divindade nórdica menor da sabedoria – não por seus atributos, mas por sua criação e morte. A mitologia dos povos nórdicos nos apresenta dois grupos diferentes de divindades, os Aesir – mais marciais, estão entre eles Thor, Odin, Baldr, Tyr etc. – e os Vanir – mais associados à natureza e fertilidade, têm em seu número Freyr, Freyja, Aegir etc. –, que teriam, em tempos passados, estado em conflito. Quando este se resolveu, ambos selaram a nova paz com uma troca de reféns e, mais importante para nossa história, cuspiando em uma escarradeira.

Como argumentamos no subtítulo Rio de Heráclito, os fluídos corporais têm poder, e dessa junção de material divino, surgiu o deus Kvasir, combinando o conhecimento de ambos os clãs. Sua existência não seria eterna, entretanto, e, assassinado por dois anões, têm seu sangue fermentado e transformado em hidromel. Essa concocção, mantida pelos Aesir, mas eventualmente roubada pelos gigantes, seria responsável por dotar quem a bebesse de inspiração poética (LEEMING, 2010 & JORDAN, 2004).

É interessante analisá-la em paralelo ao conceito hindu da soma, uma bebida ritual e sacrificial, associada à divindade lunar Candra; ambas são descritas de forma parecida, e ambas são roubadas após sua confecção; além disso, é interessante notar que a soma também era associada à Mitra, uma divindade solar védica menor, que posteriormente ganhou maior importância sob os romanos. Ou seja, novamente, associamos o fogo do álcool ao fogo do sol.

No mundo tolkieniano, as bebidas alcoólicas têm um lugar comum na vida das diferentes pessoas, assim como no mundo real: cerveja – como vemos quando os protagonistas visitam o bar Pônei Saltitante em *A Sociedade do Anel* –, vinho – o pálido e amarelo vinho de Henneth Annûn, em *As Duas Torres* –, hidromel – feito pelo homem-urso Beorn, em *O Hobbit* –; todas essas bebidas são divididas pelos habitantes da Terra-média. Os elfos, entretanto, tem sua bebida própria, uma espécie de licor quente que, em certas versões do *legendarium*, Tolkien associa ao néctar, bebida grega dos deuses. Este licor se chama *miruvor*, e – novamente, dependendo da versão do *legendarium* – era feita de flores e frutos de árvores de Valinor, a terra dos Valar.

³¹ Eram parte *Izquitechatl*, *Pahteeatl*, *Tepoztecatl*, *Tezcatzoncatl*, *Tochtli* e *Totoltecatl* (JORDAN, 2004, p. 146, 233, 240, 309, 312 e 321).

3.4.5.4. Chama de Cupido

O corpo frio absorve menos calor e não é tão rápido nas suas respostas. Aparentemente, as palavras causariam nos sentidos a mesma impressão física provocada pelas imagens, e a habilidade de resposta aos estímulos verbais dependeria da quantidade de calor contida no corpo receptor. Para Platão, expressões como "palavras quentes" e "o calor do debate" eram literais, mais do que metafóricas. Argumentos lógicos e debate aqueciam os corpos dos interlocutores, enquanto corpos que pensavam na solidão tornavam-se frios. (SENNETT, 1997, p. 40)

A última das nossas chamadas ocultas é a chama interna do ser humano, a chama do sentimento. Essa é a faceta do fogo que mais se utiliza do simbólico: o sentimento é uma chama interna, é um sopro de ouro, o rubor do vinho. Entre os persas, acreditava-se que o divino criador – a divindade solar (e de fecundidade) Yima – havia utilizado uma flecha dourada (novamente, nos atentemos às imagens fálicas) para impregnar a terra pré-existente com a criação; depois, usando um flagelo dourado, acariciou a terra grávida até que dobrasse de tamanho; dali, emergiu o mundo (LEEMING, 2010).

Entre os gregos, temos duas divindades (geralmente combinadas) que representam o amor personificado: o primeiro, que chamaremos de Eros Primordial, é colocado por Hesíodo – juntamente com Gaia (Terra) e Caos – como uma das três figuras primordiais da criação; enquanto aquele que os romanos chamavam de Amor (mais conhecido por seu epíteto Cupido), que aqui chamaremos de Eros Afrodisíaco, é filho da deusa da beleza e do amor Afrodite (a romana Vênus), algumas vezes sozinha, outras com seu recorrente amante, o deus da guerra Ares/Marte.

[116] Sim bem primeiro nasceu Caos, depois também
 [117] Terra de amplo seio, de todos sede irresvalável sempre,
 [118] dos imortais que têm a cabeça do Olimpo nevado,
 [119] e Tártaro nevoento no fundo do chão de amplas vias,
 [120] e Eros: o mais belo entre Deuses imortais,
 [121] solta-membros, dos Deuses todos e dos homens todos
 [122] ele doma no peito o espírito e a prudente vontade.
 (HESÍODO, 2007, p. 109)

Do Eros Primordial falaremos mais aprofundadamente no próximo capítulo; tomemos aqui, então, algum tempo para examinar o filho de Afrodite.

Como acompanhante da deusa, Eros Afrodisíaco se somava a (pelo menos) três outras figuras: Anteros (Amor Recíproco), Himeros (Desejo) e Pothos (Paixão). Juntos, estes acompanhantes eram chamados de Erotes, e podiam incluir diversas outras divindades menores em seu número³². O Cupido se destacava dos demais, entretanto, e, principalmente entre os romanos, era retratado como líder do grupo. Seu atributo mais marcante – e aquele através do qual é conhecido até hoje na cultura popular – é sua capacidade de eliciar emoções através de seu uso de flechas.

A história que melhor ilustra essa habilidade é a de Apolo e Dafne: ao ser ofendido pelo deus solar, Eros acerta-o com uma flecha de ouro, que faz com que se apaixone pela ninfa; esta, entretanto, havia acertado com uma flecha de chumbo, que induzia o sentimento oposto. Ao ser perseguida pelo deus, a ninfa pede ajuda ao pai (a divindade potâmica Peneu), que a transforma em uma árvore (o loureiro); ao ver o que ocorrera, Apolo adota então o louro como seu símbolo (JORDAN, 2004). Percebemos, então, que Eros não só se utiliza de flechas (nosso já conhecido fálico) para eliciar emoções, como temos uma direta associação do amor com o ouro.

É interessante pontuar que existia uma crença entre os gregos – principalmente na cidade-estado de Atenas – de que a temperatura corporal ditava diversas partes da realidade física humana. Como explica Sennett:

A fisiologia grega justificava direitos desiguais e espaços urbanos distintos para corpos que contivessem graus de calor diferentes, o que se acentuava na fronteira entre os sexos, pois as mulheres eram tidas como versões mais frias dos homens. [...] Similarmente, o tratamento dado aos escravos vinculava-se ao "fato incontestável" de que as duras condições da servidão reduziam-lhes a temperatura, mesmo que se tratasse de um cativo do sexo masculino e de origem nobre; escravo, ele se tornava cada vez mais lento de raciocínio, incapaz de se expressar, apto apenas e tão-somente para as tarefas impostas por seus amos. [...] Os gregos usavam a ciência do calor corporal para ditar regras de dominação e subordinação. (SENNETT, 1997, p. 31-32)

³² Himeneu, Hermafrodito, Hedone (filha de *Eros* e *Psiquê*), Hedilogos, Filote e Ftono eram alguns dos possíveis integrantes, dependendo do autor que os descrevia.

Dessa forma, seria o ato sexual que aqueceria o suficiente – através do atrito e da entrada de “sangue fervente” (sêmen) – o corpo feminino para que pudesse conceber uma nova vida.

Para Aristóteles, o esperma era superior por gerar vida, em contraposição à menstruação, inerte. [...] a energia calorífera do sêmen penetrava na carne pelo sangue; a carne do macho, portanto, era mais quente e menos suscetível ao esfriamento, assim como seus músculos mais firmes, posto que os tecidos masculinos eram mais quentes. [...] Precariamente aquecidos, fetos masculinos tornam-se homens afeminados; fetos femininos excessivamente aquecidos dão origem a mulheres masculinizadas. (SENNETT, 1997, p. 38-39)

Além disso, os gregos costumavam associar a elevação de sua temperatura corporal à confirmação de que os argumentos que causaram a elevação eram verdadeiros. Como explica Sennett, “Para eles, a retórica consistia na técnica de produzir o calor verbal” (SENNETT, 1997, p. 55).

4. A CRIAÇÃO DE TOLKIEN

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, “o nosso mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado de espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos). [...] tem-se de um lado um “Cosmos” e de outro um “Caos”. (ELIADE, 1992, p. 21)

Sendo o processo de “cosmização”, como diz Eliade, modelado no “modelo exemplar [...] [da] Criação do Universo pelos deuses” (ELIADE, 1992, p. 22), todo o processo de subcriação que ocorre entre o “Ainulindalë” e o “Akallabêth” é perpassado por instâncias de “cosmização”. Até mesmo as interferências causadas por Melkor podem ser vistas como interferências da natureza caótica ao cosmos valariano. Esse processo de separação de opostos e equilíbrio cosmos-caos, ordem-desordem, pode ser encontrado em diversas mitologias: seja na já citada criação judaico-cristã, onde o mito cosmogônico presente em Gênesis 1-2:2a é marcado pela separação de opostos (luz-trevas, águas-firmamento, mares-terra); seja na mitologia grega, onde o Éros-Primordial (que une) nasce junto com Khaos (que cinde). Como explica J. A. A. Torrano em seu comentário à Teogonia:

O nome *Kháos* está para o verbo *khaíno* ou sua variante *khásko* (= “abrir-se, entreabrir-se” e ainda: “abrir a boca, as fauces ou o bico”) assim como o nome *Éros* está para o verbo *eráo* ou sua variante *éramai* (= “amar, desejar apaixonadamente”). Tal como *Éros* é a força que preside a união amorosa, *Kháos* é a força que preside à separação, ao fender-se dividindo-se em dois. [...] *Éros* é a potência que preside à procriação por união amorosa, *Kháos* é a potência que preside à procriação por cissiparidade. (TORRANO, 2007, p. 42)

É na mitologia egípcia, entretanto, que encontraremos o paralelo mais próximo ao “Ainulindalë” e as subsequentes subcriações: da mesma forma que é do Vazio que, através da interferência criativa de Eru e da energia vital da Chama Imperecível, surge o cosmos Eä, é das

águas primais (Nun) que surge a colina primordial egípcia, o *axis mundi* ao redor do qual o cosmos se desenvolve, onde a própria divindade “cosmizadora” Amon pode nascer.

Visto que a montanha sagrada é um Axis mundi que liga a Terra ao Céu, ela toca de algum modo o Céu e marca o ponto mais alto do mundo; daí resulta, pois, que o território que a cerca, e que constitui o “nosso mundo”, é considerado como a região mais alta. [...] Todas essas crenças exprimem um mesmo sentimento, que é profundamente religioso: “nosso mundo” é uma terra santa porque é o lugar mais próximo do Céu, porque daqui, dentre nós, pode se atingir o Céu; nosso mundo é, pois, um “lugar alto”. (ELIADE, 1992, p. 25)

Dessa forma, o mundo todo se torna a “terra santa” de Eru.

4.1. O Subcriativo Caótico

No objetivo de analisar o arco de Melkor dentro do elemento de fogo estudado, interpretamos aqui os textos d’O *Silmarillion* como uma narrativa contínua. De forma a corroborar tal interpretação do texto, demonstraremos a recorrência dessa “cosmicização” pós-Criação. Como explicado acima, Eä faz o papel de uma colina primal – um *axis mundi* – de cosmos em meio ao Vazio caótico. Isso se repete dentro de Eä, na criação de Arda, onde uma Terra-média simétrica é criada em meio ao oceano, e, em seu perfeito centro, dentro de um Grande Lago, os Valar povoam a ilha de Almaren: um *axis mundi* em meio a outro.

Ainda não surgira nenhuma flor, nem cantara pássaro algum, pois esses seres esperavam sua vez no ventre de Yavanna; mas havia abundância do que ela imaginara, e nenhum lugar era mais rico do que as partes mais centrais da Terra, onde a luz das duas Lamparinas se encontrava e se fundia. E ali, na ilha de Almaren, no Grande Lago, foi a primeira morada dos Valar quando tudo era novo, e o verde recém-criado ainda era uma maravilha aos olhos dos criadores. E eles se contentaram por muito tempo. (TOLKIEN, 2015, p. 28³³)

³³ “As yet no flower had bloomed nor any bird had sung, for these things waited still their time in the bosom of Yavanna; but wealth there was of her imagining, and nowhere more rich than in the midmost parts of the Earth, where the light of both the Lamps met and blended. And there upon the Isle of Almaren in the Great Lake was the first dwelling of the Valar when all things were young, and new-made green was yet a marvel in the eyes of the makers; and they were long content.”

Quando a interferência caótica de Melkor destrói esse simétrico primeiro continente, os Valar criam, para sua proteção, as Pelóri, as montanhas de Aman – sendo seu pico mais alto, Taniquetil, o *axis mundi* por excelência, que seria emulado em todas as outras montanhas associadas à adoração de Eru: Meneltarma, em Númenor, e Mindolluin, em Gondor. E essa não é a única interferência que o Caos melkoriano traz: ele é responsável pela destruição de ambos modos de iluminação anteriores ao Sol (Lamparinas e Árvores) e pela animosidade entre Fëanor e os Valar, que leva à grande mudança nas estruturas e organização na Terra-média. Essa estrutura de oposição caótica à ordem “cosmizada” dos Valar será, então, a contribuição melkoriana à Criação.

Procurando espalhar sua destrutiva vontade de autonomia para a raça dos Elfos, particularmente para a linhagem dos Noldor, Melkor “acendeu em seus corações o conflito,” usando “mentiras e males sussurrados” (61). Ele desejava acima de tudo “semear o medo e a desunião entre os Eldar” (109). [...] Durante a maior parte do resto da história, [...] [ele] vive sob a terra em Angband, sua fortaleza flamejante, distribuindo seu poder a criaturas menores, diminuindo e se apagando, se tornando *a antítese da Chama Imperecível que tão ardentemente desejava*. (HIBBS, 2016, p. 44, tradução e grifo nossos)

Essa colaboração instável e não-intencional entre as forças opostas bem-ordem/caos-mal pode ser vista em figuras que parecem ter ajudado na composição de Morgoth – entre elas, acreditamos que seria importante citar três: o Ahriman avesta, o Satã judaico-cristão e o Iblis muçulmano.

No pensamento religioso europeu, existem duas visões diferentes da teodiceia. A primeira, Semítica, é consistentemente monística [...] [e] explica que o mal é o resultado de resistência à vontade divina. Ela também introduz a pessoa do malfazejo, o Tentador, que, entretanto, é uma criatura e, assim, implicitamente submissa a Deus. [...] A outra tradição é Indo-europeia, dualista [...], de acordo com a qual existem dois deuses-criadores iguais, o bom e o mau, e em algumas versões eles são os filhos do absoluto visto como deus, que se limita a dar ao mundo sua primeira fagulha e o deixa para seus filhos demiurgos, que são seus verdadeiros criadores. (OLSZANSKI & SYLVANOWICZ, 1995, p. 298, tradução nossa)

No dualismo zoroastra, duas figuras disputavam o controle do universo: de um lado o bom criador Ahura Mazda, ou Ohrmazd, e do outro seu gêmeo oposto (na teologia Zurvanita, literalmente) Angra Mainyu, ou Ahriman. “É interessante notar, então, que Angra Mainyu, como muitas figuras maléficas e pregadores-de-peças de outros mitos criacionais [...] contribui para o processo criativo” (LEEMING, 2010, p. 295, tradução nossa).

Entretanto, o Cristianismo foi, em princípio, rejeitado pelos povos Semíticos e desenvolvido pelos indo-europeus, de quem tomaram muitos elementos da teodiceia dualística. Satã muito frequentemente elevava-se ao nível de um adversário quase equivalente ao Filho de Deus, que por sua vez era facilmente entendido como diferente do Próprio Deus. (OLSZANSKI & SYLVANOWICZ, 1995, p. 298, tradução nossa)

É importante se pontuar, de início, que a figura de Satã nas crenças judaico-cristãs é uma interpretação pós-bíblica; o termo em si vem do hebraico “שָׂטָן” (“shaitan”), que significa “acusador”. O termo aparece um total de 27 vezes em toda a Tanakh (o equivalente ao Antigo Testamento cristão): em 7 dessas ocorrências³⁴, o termo é utilizado apenas para designar um adversário humano; 2 outras³⁵ se tratam de um adversário celeste – no caso o próprio “anjo do Senhor” – que se interpõem no caminho do profeta Balaão, fisicamente barrando seu caminho; e mesmo em aparições em que esse termo é usado para uma figura celeste em específico³⁶, o papel de *shaitan* parece ser mais uma espécie de título ou cargo (algo como um procurador divino) dentro do conselho divino do que um nome próprio.

Nesse assunto, o Livro de Jó merece uma análise especial, pois seu prólogo menciona um dos “filhos de Deus”, ou anjos, chamado Satã ou Adversário. Algo parecido com uma clara definição de Satã aparece aqui pela primeira vez no Antigo Testamento. Mas, mesmo aqui, é O Satã. A presença de um artigo denota a função de um adversário ao invés de um personagem pessoalmente contrário à bondade. O Satã aparece entre os anjos que formam o conselho

³⁴ I Samuel 29:4, II Samuel 19:22 Salmo 109:6 e I Reis 5:4, 11:14, 11:23 e 11:25.

³⁵ Números 22:22 e 32.

³⁶ I Crônicas 21:1; Jó (1:6, duas vezes em 1:7, 1:8, 1:9, duas vezes em 1:12, 2:1, duas vezes em 2:2, 2:3, 2:4, 2:6 e 2:7) e Zacarias (3:1 e duas vezes em 3:2).

divino, ao redor do rei em seu trono. (CALDWELL, 1913a, p. 32, tradução nossa)

Durante o período intertestamental, essa figura se desenvolve ainda mais: em textos apócrifos como o Livro de Jubileus (ou Deuterogênesis) e nos 1º Livro de Enoque, a figura do opositor desenvolve seu próprio nome (Mastêmâ ou Satanael, respectivamente, embora vários outros apareçam em textos do período).

[No Livro dos Jubileus, o] autor reescreve a história de Israel e Judá de seu novo ponto de vista. [...] Ele toma as passagens ofensivas do Antigo Testamento que atribuem atos de tentação, morte e endurecimento [de coração] a Deus e reatribui essa ação a ação a Mastêmâ, ou Satã. (CALDWELL, 1913b, p. 100, tradução nossa)

Lentamente, figuras separadas – como a serpente de Gênesis e Azazel de Levítico³⁷ – começam a se coagular ao redor de uma entidade apenas, um opositor presente durante todo o texto. Quando chegamos, então, ao Novo Testamento, Satã se torna a antítese do “filho do Homem”, o inimigo de Jesus.

Ele é chamado de “príncipe dos demônios” (Marcos 3:22); “príncipe desse mundo” (João 12:31); “príncipe dos poderes do ar” (Efésios 2:2); “o deus desse mundo” (II Coríntios 4:4); “o tentador” (Mateus 4:3; I Tessalonicenses 3:5); “diabo” (diabolos, o “acusador”, em muitas passagens); “satã” (“adversário”, em muitas passagens); “Belzebu” (Lucas 11:18; cf. Mateus 12:26); “o inimigo” (Mateus 13:39); “o mau” (Mateus 13:19; Efésios 6:16); “Belial” (II Coríntios 6:15); “a serpente” (II Coríntios 11:3); “a antiga serpente” (Apocalipse 12:9); “o dragão” (Apocalipse 12:9). (CALDWELL, 1913c, p. 167, tradução nossa)

É no período pós-bíblico, então, que finalmente essa figura se torna aquela que conhecemos: seu início como um anjo, sua associação ao nome Lúcifer da passagem em Isaías

³⁷ “[8] Lançará a sorte sobre os dois bodes, atribuindo uma sorte a Iahweh e outra a Azazel. [9] Aarão oferecerá o bode sobre qual caiu a sorte ‘De Iahweh’ e fará com ele um sacrifício pelo pecado. [10] Quanto ao bode sobre o qual caiu a sorte ‘De Azazel’, será colocado vivo diante de Iahweh, para se fazer com ele o rito de expiação, a fim de ser enviado a Azazel, no deserto.” (Levítico 16:8-10)

14:12, sua história de queda influenciada pelo 1º Livro de Enoque, e seu controle sobre uma legião de demônios. Importante também são as concepções de organização demonológica em obras medievais (como a *Summa Theologica* de Tomás de Aquino e o *Malleus Malleficarum* de Kramer e Sprenger) e sua popularização com autores modernos como Milton e Dante.

Essa figura pós-bíblica influenciaria diversas outras religiões, entre elas os Mandeístas e, mais importante para nós, os muçulmanos.

[11] Criamo-vos e vos demos configuração, então dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão! E todos se prostraram, menos Lúcifer, que se recusou a ser dos prostrados. [12] Perguntou-lhe (Allah): Que foi que te impediu de prostrar-te, embora to tivéssemos ordenado? Respondeu: Sou superior a ele; *a mim criaste do fogo, e a ele do barro*. [13] Disse-lhe: Desce daqui (do Paraíso), porque aqui não é permitido te ensoberbeceres. Vai-te daqui, porque és um dos abjetos! (Q7:11-13, grifo nosso)

No texto do Alcorão, Iblis (comumente traduzido como Satã, mas sendo uma figura mitológica distinta) é um ser de uma classe intermediária entre anjos e humanos: os *djinn* (ou gênios), criaturas derivadas de religiões pré-muçulmanas na península arábica.

[A] mais antiga menção [dos Djinn] aparece no Alcorão, onde eles são descritos como seres sobre-humanos compostos de fogo e chamas, não perceptíveis aos humanos, mas capazes de emergir em uma variedade de formas. Muitos os vêem como espíritos da natureza do mundo Árabe pré-islâmico [...] [que] foram gradualmente [convertidos e] trazidos sob o controle de Allah. (BRAVMANN, 1977, p. 46, tradução nossa)

Cada um desses exemplos parece trazer algo em comum com nosso Melkor/Morgoth: seu dualismo com os outros Valar – e, principalmente, com Manwë que “era, porém, irmão de Melkor na mente de Ilúvatar” (TOLKIEN, 2015, p. 10) – é remanescente de Ahriman e Ahura Mazda; sua corrupção de outros espíritos e desejo de alcançar o trono divino nos traz a mente a figura de Satã (o próprio Tolkien, em sua carta 153, chama Melkor de “Diabolus”); e sua natureza flamejante e seu papel intermediário entre o divino e o humano são próximos àquele assumido por Iblis.

4.1.1. *Creatio Continua*

Pelo Novo Testamento pressupor uma criação com base no Antigo Testamento, não havia controvérsia sobre criação enquanto o Cristianismo se mantinha parte do Judaísmo. Mas pouco depois de ele se expandir ao mundo Helenístico Romano, ele se encontrou obrigado a defender a doutrina da criação. Ambos os sermões apologéticos no livro de Atos (Atos 14:15; 17:24-28) descrevem Paulo como defendendo a criação quando falando com os “desprezadores cultos” do Cristianismo. De forma importante, em ambos os sermões ele é representado como defendendo a criação original e a criação contínua simultaneamente. (PELIKAN, 1960, p. 249, tradução nossa)

Desde muito cedo na tradição cristã, um dos conceitos abraçados foi o da *creatio continua*, ou criação contínua, onde a criação descrita em Gênesis seria apenas o pontapé inicial do universo, que continuaria em um processo de evolução e mutação durante toda a sua existência, sendo influenciado pelos agentes divinos e satânicos. Influenciado pelos gregos, o já citado Agostinho de Hipona chama as “sementes” dos elementos ainda não desenvolvidos da criação de *rationes seminales* (“razões seminais”):

E mesmo que a criação seja, em geral, simultânea, alguns elementos da narrativa da Criação claramente se referem a eventos que devem acontecer no tempo. [...] O significado, Agostinho diz, é que a Criação simultânea de Deus incluiu tanto a criação de algumas coisas de forma completa e a criação de “razões causais” de outras coisas. [...] O conceito [...] se refere a um elemento real e material que causará algum fenômeno em um ponto futuro no tempo, depois de um tipo de dormência. (HOUGHTON, 2003, p. 205, tradução nossa)

O que propomos nessa dissertação, é que o universo tolkieniano se organiza da mesma maneira: sendo a Música dos Ainur uma canção contínua que se desenrola na Visão como uma história com pontos deliberados, momentos como a destruição das Lamparinas e Árvores, o afundar de Beleriand e de Númenor e a esferização do planeta se mostram pré-planejados – como pontos de checagem em fronteiras, moldam o caminho sem interferir na liberdade do movimento que ocorre entre si.

Dessa forma, toda e qualquer rebeldia de Melkor (e Tolkien o chama de “primeiro rebelde subcriativo” em sua carta 153), toda e qualquer tentativa de superar Eru, se mostra apenas um novo adendo às suas contribuições à moldagem do mundo que Eru previra.

4.1.2. *Chaos Continuum*

Melkor sentia inveja de Aulë pois era Aulë o que mais se assemelhava a ele em ideias e poderes [...]. Os dois também desejavam criar coisas que fossem suas, novas e ainda não imaginadas pelos outros, e gostavam de ter sua habilidade elogiada. Aulë, porém, mantinha-se fiel a Eru e submetia tudo o que fazia à sua vontade; e não invejava o feito dos outros, mas procurava conselhos e os dava. Ao passo que Melkor dissipava seu espírito em inveja e ódio, até que afinal não fazia mais outra coisa a não ser ridicularizar o pensamento de terceiros, e destruiria todas as obras alheias se pudesse. (TOLKIEN, 2015, p. 18³⁸)

Como pontuamos anteriormente, a relação que Melkor e Aulë tem com Eru, sua figura paterna, é extremamente remanescente a complexos edipianos. Todavia, na comparação entre ambos podemos demonstrar como se parecem uma falha ou conquista desses complexos.

Começamos com uma exploração mais aprofundada do mito de criação dos anões por Aulë: tendo sua própria criação acontecido a partir do poder combinado de Eru e da Chama Imperecível, sua tentativa de criar nova vida caracteriza-se claramente como uma tentativa de substituir o próprio pai, Eru, em uma relação com sua mãe, a Chama – que, é o “coração” do mundo criado, da “Terra”; sua vontade de criar o leva às profundezas da terra, onde ficaria fora do olhar de seu pai, e também de seus consorte e irmãos – o literal ventre da Terra.

Dizem que no início os anões foram feitos por Aulë na escuridão da Terra-média. Pois, tão grande era o desejo de Aulë pela vinda dos Filhos, para ter aprendizes a quem ensinar suas habilidades e seus conhecimentos, que não se

³⁸ “Melkor was jealous of him, for Aulë was most like himself in thought and in powers; and there was long strife between them [...]. Both, also, desired to make things of their own that should be new and unthought of by others, and delighted in the praise of their skill. But Aulë remained faithful to Eru and submitted all that he did to his will; and he did not envy the works of others, but sought and gave counsel. Whereas Melkor spent his spirit in envy and hate, until at last he could make nothing save in mockery of the thought of others, and all their works he destroyed if he could.”

dispôs a aguardar a realização dos desígnios de Ilúvatar. [...] Temendo, porém, que os outros Valar pudessem condenar sua obra, trabalhou em segredo e fez em primeiro lugar os Sete Pais dos Anões num palácio sob as montanhas na Terra-média. (TOLKIEN, 2015, p. 39³⁹)

Quando confrontado por Eru, entretanto, Aulë demonstra humildade, e se oferece para destruir sua criação de forma a manter a vontade do pai. É essa humildade e compreensão que resolve o complexo edipiano de Aulë: ao estender seu martelo (um símbolo comum do fálico; o martelo de Thor, por exemplo, era tradicionalmente utilizado em cerimônias de casamento como amuleto de fertilidade) sobre suas próprias amadas criaturas, por vontade própria, este demonstra que não é uma criança rebelde que tenta tomar o lugar do próprio pai, mas um filho adulto que compreende as complexidades relacionadas às necessidades da família – que a destruição seja impedida é imaterial para essa resolução, e serve apenas para aumentar o vínculo entre pai e filho.

O maço e o martelo são, sob certos ângulos, uma imagem do mal, da força bruta. Mas a contrapartida simbólica dessa interpretação é a assimilação deles à atividade leste, à fabricação do raio [...]. Sendo ligado ao *vajra* (raio), é ao mesmo tempo criador e destruidor, instrumento de vida e de morte. Símbolo de Hefestos e da iniciação cabírica (metalurgia), o martelo representa *atividade formadora* ou *demiúrgica*. Quando bate no cinzel, o maço é o *método*, a vontade espiritual acionando a faculdade de conhecer, que recorta em idéias e conceitos e estimula o conhecimento distintivo. (CHEVALIER, 2023, p. 647)

Infelizmente, a relação melkoriana não se resolve com tanta facilidade. Desde o início – no período pré-Canção –, Melkor já se demonstrava um rebelde: ao contrário de seus irmãos, que permaneciam nos Salões de Eru, ele estendia sua procura pela Chama Imperecível para o Vazio – o ventre caótico que o permite individulizar-se e afastar-se da uniformidade dos outros Ainur.

³⁹ “It is told that in their beginning the Dwarves were made by Aulë in the darkness of Middle-earth; for so greatly did Aulë desire the coming of the Children, to have learners to whom he could teach his lore and his crafts, that he was unwilling to await the fulfilment of the designs of Ilúvatar. [...] But fearing that the other Valar might blame his work, he wrought in secret: and he made first the Seven Fathers of the Dwarves in a hall under the mountains in Middle-earth.”

Como filósofo, Jacques Maritain especificará ao dizer *vazio, abolição, negação, desnudamento, designam-se uma realidade em ato, ainda e intensamente vital, a atuação suprema pela qual e na qual se consuma o vazio... É uma energia... um ato soberanamente imanente... o ato da abolição de todo ato. É o prelúdio frutivo (ato acompanhado de um certo gozo) da experiência do self.* (CHEVALIER, 2023, p. 1018)

Esse desejo criar coisas de seu próprio desígnio, novamente, é próximo do de Aulë, e sua busca pela sua energia de criação materna demonstra uma tentativa de suplantação de Eru, sua figura paterna.

Para sua criação, Eru escolhe a Música como ferramenta – aquele elemento de palavra e ritmo que discutimos no capítulo anterior. Se se utilizasse apenas da palavra – como o fazem a divindade judaico-cristã e o criador egípcio – sua criação seria um processo individual, mas ao se utilizar da criação de um tema musical, ele introduz a possibilidade de dissonância – e é nessa dissonância que Melkor se apresenta: ele não só destoa, como também se torna um novo núcleo musical, com o qual outros Ainur encontram consonância.

Alguns desses pensamentos ele agora entrelaçava em sua música, e logo a dissonância surgiu ao seu redor. Muitos dos que cantavam próximo perderam o ânimo, seu pensamento foi perturbado e sua música hesitou; mas *alguns começaram a afinar sua música a de Melkor, em vez de manter a fidelidade ao pensamento que haviam tido no início.* Espalhou-se então cada vez mais a dissonância de Melkor, e as melodias que haviam sido ouvidas antes soçobraram num mar de sons turbulentos. (TOLKIEN, 2015, p. 4-5⁴⁰, grifo nosso)

Essa dissonância de Melkor leva a uma resposta de Ilúvatar, que se põe de pé, sorrindo, e, levantando sua mão esquerda, iniciando um segundo tema. Isso não impede a discórdia e, então, desta vez severo, a divindade se ergue novamente, levantando sua mão direita, iniciando um terceiro. Por fim, levanta as duas e finaliza a Canção. Essa ênfase no levantar de mãos

⁴⁰ “Some of these thoughts he now wove into his music, and straightway discord arose about him, and many that sang nigh him grew despondent, and their thought was disturbed and their music faltered; but *some began to attune their music to his rather than to the thought which they had at first.* Then the discord of Melkor spread ever wider, and the melodies which had been heard before foundered in a sea of turbulent sound.”

parece deliberada, já que as mãos, em si, são símbolos de intervenção e manifestação. Como explica Chevalier:

A mão exprime as idéias de atividade, ao mesmo tempo que as de poder e de dominação [...]. É preciso lembrar ainda que a palavra **manifestação** tem a mesma raiz que *mão*; *manifesta-se* aquilo que pode ser seguro ou alcançado pela mão. A mão é um emblema real, instrumento da maestria e signo de dominação. A mesma palavra em hebreu, **iad**, significa ao mesmo tempo *mão* e *poder*. [...] A mão esquerda de Deus é tradicionalmente associada com a justiça, a mão direita com a misericórdia [...]. A mão direita é a *mão que abençoa*, emblema da autoridade sacerdotal, assim como a *mão da justiça* é o *poder real*. (CHEVALIER, 2023, p. 660)

Dessa forma, poderíamos dizer que, ao inicialmente levantar sua mão esquerda, Eru demonstra sua misericórdia, e permite que a intervenção de Melkor se integre ao seu tema original; todavia, com o início do Terceiro Tema – aquele que introduz os Filhos de Ilúvatar – este ergue sua mão direita, a mão da justiça e do poder real, e impede que as alterações de Morgoth alcancem essa criação. Por fim, demonstrando tanto sua justiça e sua misericórdia, finaliza a Canção.

Entretanto, quando eles entraram no Vazio, Ilúvatar lhes disse: - Contemplem sua Música! - E lhes mostrou uma visão, dando-lhes uma imagem onde antes havia somente o som. E eles viram um novo Mundo tornar-se visível aos seus olhos; e ele formava um globo no meio do Vazio, e se mantinha ali, mas não pertencia ao Vazio. (TOLKIEN, 2015, p. 06⁴¹)

Com o fim da Canção, vemos o segundo passo na criação tolkieniana: a Visão. Eru transforma a Canção em uma espécie de simulação visível, onde a história do mundo cantado se desenrola frente aos olhos dos Ainur. Melkor, junto com outros Ainur, deseja adentrar aquele mundo e, vendo isso, Ilúvatar injeta a Visão com o poder criativo da Chama Imperecível, e esta se torna uma realidade.

⁴¹ “But when they were come into the Void, Ilúvatar said to them: ‘Behold your Music!’ And he showed to them a vision, giving to them sight where before was only hearing; and they saw a new World made visible before them, and it was globed amid the Void, and it was sustained therein, but was not of it.”

Já os outros Ainur contemplaram essa habitação instalada nos vastos espaços do Universo [...] e seus olhos, enxergando muitas cores, se encheram de contentamento; porém, o bramido do oceano lhes trouxe muita inquietação. E observaram os ventos e o ar, e as matérias das quais Arda era feita: de ferro, pedra, prata, ouro e muitas substâncias. Mas de todas era a água a que mais enalteciam. E dizem os eldar que na água ainda vive o eco da Música dos Ainur mais do que em qualquer outra substância existente na Terra. (TOLKIEN, 2015, p. 08⁴²)

Essa é a primeira descrição que temos do Mundo, e logo de início somos apresentados a quase todos os tradicionais quatro elementos: as águas, o ar e as substâncias da terra estão presentes, ausente apenas o fogo. Essa ausência se torna ainda mais pontuada quando, logo em seguida, vemos esses três elementos sendo associados a diferentes Ainur: para Ulmo que “de todos foi ele quem recebeu de Ilúvatar noções mais profundas de música” (TOLKIEN, 2015, p. 08) fica o elemento da água; para Manwë, o “mais nobre dos Ainur”, se aproxima o ar – elemento celeste –, enquanto Aulë se aproxima da terra, um elemento frequentemente associado à figura do ferreiro.

O ferreiro primordial não é o Criador; ele é seu assistente, seu instrumento, o fabricante da ferramenta divina, ou o organizador do mundo criado. [...] Além disso, o simbolismo da forja liga-se muitas vezes à palavra ou ao canto, o que nos traz ao papel iniciático desse ofício, mas também à atividade criadora do Verbo. Todavia, a participação simbólica do ferreiro na obra cosmogônica comporta um perigo grave – que é o da não-qualificação, da paródia satânica da atividade proibida. De resto, o metal é extraído das entranhas da terra; a forja está em relação direta com o fogo subterrâneo [...]. (CHEVALIER, 2023, p. 485)

⁴² “But the other Ainur looked upon this habitation set within the vast spaces of the World [...] and their hearts rejoiced in light, and their eyes beholding many colours were filled with gladness; but because of the roaring of the sea they felt a great unquiet. And they observed the winds and the air, and the matters of which Arda was made, of iron and stone and silver and gold and many substances: but of all these water they most greatly praised. And it is said by the Eldar that in water there lives yet the echo of the Music of the Ainur more than in any substance else that is in this Earth; [...]”

À falta do elemento do fogo se une, então, a falta de atribuição a Melkor, proclamado por Eru como o “mais poderoso dentre [os Ainur] é Melkor” (TOLKIEN, 2015, p. 06) mas deixado sem um domínio pré-designado. Tanto Manwë, o mais próximo de si na mente do criador⁴³, quanto Aulë, o mais próximo em temperamento e poderes⁴⁴, têm atribuições para focar seus esforços criativos. É apenas Melkor, entre aqueles citados no “Ainulindalë”, que é deixado “à deriva”. Quando Eru, então, permite que os Ainur adentrem o Mundo recém-criado, Melkor tem que decidir por si só qual é sua atribuição, e, previsivelmente, ele escolhe Arda – a futura morada dos Filhos.

Mas [...] agora eles haviam entrado no início dos Tempos, e perceberam que o Mundo havia sido apenas prefigurado e prenunciado; e que eles deveriam concretizá-lo. [...] E, nessa obra, a parte principal coube a Manwë, Aulë e Ulmo; mas Melkor também estava ali desde o início e interferia em tudo o que era feito, transformando-o, se conseguisse, de modo que satisfizesse seus próprios desejos e objetivos; e ele acendia enormes fogueiras. E assim, quando a Terra ainda era jovem e repleta de energia, Melkor a cobiçou e disse aos outros Valar: - Este será o meu reino; e eu o designo como meu! (TOLKIEN, 2015, p. 10⁴⁵)

Por ter uma parte das habilidades de todos os Ainur⁴⁶, tudo o que é construído por Ulmo, Aulë e Manwë pode ser modificado por Melkor – e é assim que a forma inicial do mundo é criada: “cosmização” seguida de caos seguido de “cosmização”. Sua contínua interferência destrói as Lamparinas, separando Aman da Terra-média e, consequentemente, os Filhos de Ilúvatar dos Valar; quando os Valar levam os elfos para Aman – dessa forma privando os Humanos de “irmãos mais velhos” que lhes pudessem ensinar – é a destruição das Árvores que faz com que o Sol seja criado, enquanto o roubo das Silmarilli traz os Eldar de volta à Terra-

⁴³ “Manwë era, porém, irmão de Melkor na mente de Ilúvatar.” (TOLKIEN, 2015, p. 10)

⁴⁴ “Melkor sentia inveja de Aulë pois era Aulë o que mais se assemelhava a ele em ideias e poderes.” (TOLKIEN, 2015, p. 18)

⁴⁵ “But [...] now they had entered in at the beginning of Time, and the Valar perceived that the World had been but foreshadowed and foresung, and they must achieve it [...]. And in this work the chief part was taken by Manwë and Aulë and Ulmo; but Melkor too was there from the first, and he meddled in all that was done, turning it if he might to his own desires and purposes; and he kindled great fires. When therefore Earth was yet young and full of flame Melkor coveted it, and he said to the other Valar: 'This shall be my own kingdom; and I name it unto myself!'.”

⁴⁶ “A Melkor, entre os Ainur, haviam sido concedidos os maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos.” (TOLKIEN, 2015, p. 04)

média bem a tempo do acordar dos Humanos. Como vemos na história contada a Finrod por Adanel – publicada no comentário à *Athrabeth Finrod ah Andreth* em *Morgoth's Ring* (décimo volume de *The History of Middle-earth*) é por conta da opressão de Melkor que os ancestrais das tribos dos Edain começam a marcha à oeste que vai lhes trazer o contato com os Eldar.

Então surgiram alguns entre nós que diziam abertamente, em seu desespero: “Agora finalmente sabemos quem mentiu, e quem desejava nos devorar. Não a primeira Voz [Ilúvatar]. É o Mestre [Morgoth] que tomamos que é a Escuridão; e ele não surgiu dela, como disse, mas vive nela. Não o serviremos mais! Ele é nosso Inimigo.” Então, temendo que ele os ouvisse e punisse a todos nós, nós os matamos, quando conseguimos; e aqueles que fugiram nós caçamos; e se algum deles era capturado, nossos mestres, seus amigos, comandavam que estes deviam ser levados para a Casa [Templo de Morgoth] e lá queimados até a morte. Isso o agradava grandemente, diziam seus amigos; e, realmente, por um tempo nossos fardos pareceram aliviados. Mas é dito que alguns poucos nos escaparam, e fugiram para os lugares longínquos, fugindo da sombra. (TOLKIEN, 2002, p. 348⁴⁷, tradução nossa)

São esses mesmos Eldar e Edain que, unidos com os Valar, lutarão contra Morgoth. Os detalhes desse conflito fogem do escopo dessa dissertação, mas é suficiente dizer que é durante esse período que primeiro são elevadas as linhagens dos humanos com o sangue élfico e dos Ainur (novamente, vide Anexo I). Aqui, o Vala caído começa a se adequar a sua identidade flamejante roubada: como demonstrado na citação anterior, seus prisioneiros eram mortos pelo fogo (algo que se aproxima de sacrifícios à divindade e demonstra sua necessidade de elevar-se ao nível celeste) e, entre suas principais “criações” do período está a corrupção dos dragões – como Glaurung, morto por Túrin.

⁴⁷ “Then there arose some among us who said openly in their despair: 'Now we know at last who lied, and who desired to devour us. Not the first Voice [Ilúvatar]. It is the Master [Melkor] that we have taken who is the Darkness; and he did not come forth from it, as he said, but he dwells in it. We will serve him no longer! He is our Enemy.' Then in fear lest he should hear them and punish us all, we slew them, if we could; and those that fled we hunted; and if any were caught, our masters, his friends, commanded that they should be taken to the House and there done to death by fire. That pleased him greatly, his friends said; and indeed for a while it seemed that our afflictions were lightened. But it is told that there were a few that escaped us, and went away into far countries, fleeing from the shadow.”

Passados mais de cem anos, Glaurung, o primeiro dos urulóki, os dragões de fogo do norte, saiu pelos portões de Angband à noite. Ele ainda era jovem e mal havia atingido metade de seu tamanho, pois longa e demorada é a vida dos dragões, mas os elfos fugiram diante dele para as Ered Wethrin e Dorthonion, amedrontados. E ele destruiu os campos de Ard-galen. (TOLKIEN, 2015, p. 141⁴⁸)

Além disso, como dito anteriormente, espíritos de fogo, desde o início, se aproximaram de sua influência – contando entre estes até mesmo Maiar, como Sauron.

Entre seus servos que possuem nomes, o maior era aquele espírito que os eldar chamavam de Sauron, ou Gorthaur, o Cruel. No início, ele pertencia aos Maiar de Aulë e continuou poderoso na tradição daquele povo. Em todos os atos de Melkor, o Morgoth, em Arda, em seus imensos trabalhos e nas trapaças originadas por sua astúcia, Sauron teve participação; e era menos maligno do que seu senhor somente porque por muito tempo serviu a outro, e não a si mesmo. No entanto, nos anos posteriores, ele se elevou como uma sombra de Morgoth e como um espectro de seu rancor, e o acompanhou no mesmo caminho desastroso de descida ao Vazio. (TOLKIEN, 2015, p. 23-24⁴⁹)

Com sua derrota, temos a última intervenção direta na forma do Mundo por conta de Morgoth, pois tão agressiva foi a batalha entre os exércitos dos Valar e os de Melkor que o próprio continente foi destruído; e parte do território – a região chamada Beleriand – afundou praticamente completamente sob as águas. Morgoth foi aprisionado e sua fortaleza destruída.

Ali Morgoth finalmente ficou acuado, e mesmo assim continuou sem coragem. Fugiu para as mais profundas de suas minas e implorou paz e perdão; mas seus pés foram decepados e ele foi jogado de bruços no chão. Foi então

⁴⁸ “Again after a hundred years Glaurung, the first of the Urulóki, the fire-drakes of the North, issued from Angband's gates by night. He was yet young and scarce half-grown, for long and slow is the life of the dragons, but the Elves fled before him to Ered Wethrin and Dorthonion in dismay; and he defiled the fields of Ard-galen.”

⁴⁹ “Among those of his servants that have names the greatest was that spirit whom the Eldar called Sauron, or Gorthaur the Cruel. In his beginning he was of the Maiar of Aulë, and he remained mighty in the lore of that people. In all the deeds of Melkor the Morgoth upon Arda, in his vast works and in the deceits of his cunning, Sauron had a part, and was only less evil than his master in that for long he served another and not himself. But in after years he rose like a shadow of Morgoth and a ghost of his malice, and walked behind him on the same ruinous path down into the Void.”

amarrado com a corrente Angainor que usara no passado; e sua coroa de ferro foi batida para servir-lhe de coleira; e dobraram sua cabeça sobre os joelhos. E [...] tamanha foi a fúria [de seus] adversários, que as regiões setentrionais do mundo ocidental se partiram, e o mar invadiu com estrondo muitos abismos, e houve confusão e enorme barulho. E rios pereceram ou descobriram novos leitos, e os vales foram elevados, e as colinas, arrasadas; e o Sirion deixou de existir. (TOLKIEN, 2015, p. 321⁵⁰)

É interessante ponderar a motivação de tal afundar: Morgoth, que tenta trazer para si o atributo flamejante que sua figura paterna possui, acaba “apagado” pelas águas do mar de seu irmão Ulmo e têm seus exércitos literalmente “lavados” da face da terra; em sua necessidade de ser Rei do Mundo, em imitação tanto de Ilúvatar quanto de Manwë, acaba um prisioneiro, sua coroa transformada em grilhão.

Os Valar empurraram o próprio Morgoth pela Porta da Noite, para além das Muralhas do Mundo, para o Eterno Vazio. E uma guarda está instalada para sempre nessas muralhas, e Eärendil vigia as defesas dos céus. No entanto, as mentiras plantadas por Melkor, o poderoso e maldito, Morgoth Bauglir, o Poder do Terror e do Ódio, nos corações de elfos e homens. É uma semente que não morre e não pode ser destruída. E de quando em quando ela volta a brotar; e dará frutos sinistros até o último dos dias. (TOLKIEN, 2015, p. 324-325⁵¹)

Sua punição final é o retorno ao Vazio; o ventre materno caótico que *desfaz*, que transforma forma em caos, ordem em desordem: em sua tentativa de suplantar Eru, se torna paródia do mesmo, uma divindade sem atribuição, um criador sem energia criativa; sempre

⁵⁰ “There Morgoth stood at last at bay, and yet unvaliant. He fled into the deepest of his mines, and sued for peace and pardon; but his feet were hewn from under him, and he was hurled upon his face. Then he was bound with the chain Angainor which he had worn aforetime, and his iron crown they beat into a collar for his neck, and his head was bowed upon his knees [...]. [And] so great was the fury of [his] adversaries that the northern regions of the western world were rent asunder, and the sea roared in through many chasms, and there was confusion and great noise; and rivers perished or found new paths, and the valleys were upheaved and the hills trod down; and Sirion was no more.”

⁵¹ “But Morgoth himself the Valar thrust through the Door of Night beyond the Walls of the World, into the Timeless Void; and a guard is set for ever on those walls, and Eärendil keeps watch upon the ramparts of the sky. Yet the lies that Melkor, the mighty and accursed, Morgoth Bauglir, the Power of Terror and of Hate, sowed in the hearts of Elves and Men are a seed that does not die and cannot be destroyed; and ever and anon it sprouts anew, and will bear dark fruit even unto the latest days.”

buscando a Chama Imperecível, agora se vê totalmente afastado dela. Torna-se Potestade de um Mundo sobre o qual não mais pode interferir diretamente; volta ao útero para ser *descriado*.

4.2. O Akallabêth

A ilha é, assim, um mundo em miniatura, uma imagem do cosmo completa e perfeita, pois que apresenta um **valor sacral concentrado**. A noção se aproxima sob esse aspecto das noções de **templo** e de **santuário**. A ilha é simbolicamente um lugar de **eleição**, de **silêncio** e de **paz**, em meio à ignorância e à agitação do mundo profano. Representa um Centro primordial, sagrado por definição. (CHEVALIER, 2023, p. 568)

A criação da ilha de Númenor demonstra uma nova tentativa de criar um *axis mundi*: praticamente centralizado entre Aman e a Terra-média (muito embora mais próxima do primeiro), é coroada com o pico de Meneltarma – em imitação, como dito anteriormente, do Taniquetil de Manwë – que serve também como centro religioso da adoração de Eru. A criação divina da ilha lembra aquela que parece ser a maior referência de Tolkien (embora não a única, como é de costume): a platônica ilha de Atlântida⁵².

Nesta ilha, a Atlântida, havia uma enorme confederação de reis com uma autoridade admirável que dominava toda a ilha, bem como várias outras ilhas e algumas partes do continente; além desses, dominavam ainda alguns locais aquém da desembocadura: desde a Líbia ao Egito e, na Europa, até à Tirrênia. Esta potência tentou, toda unida, escravizar com uma só ofensiva toda a vossa região, a nossa e também todos os locais aquém do estreito. (PLATÃO, 2011, p. 88)

Criada também por interferência divina – nesse caso de Poseidon –, a ilha de Atlântida cresce numa tradição muito antiga de se imaginar aquilo que é separado do mundo como sendo mais próximo do divino. Temos, em Tolkien:

⁵² “E até mesmo o nome daquela terra pereceu; [...] os exilados à beira-mar, quando se voltavam para o oeste, seguindo o desejo de seus corações falavam em Mar-nu-Falmar, tragada pelas ondas; Akallabêth, a Derrubada; *Atalantë*, no idioma eldarin” (TOLKIEN, 2015, p. 358, grifo nosso)

Foi criada uma terra para ser habitada pelos edain, nem parte da Terra-média nem de Valinor, pois estava separada das duas por um vasto oceano. Entretanto, ficava mais próxima de Valinor. Foi erguida por Ossë das profundezas das Grandes Águas, e foi estabelecida por Aulë e enriquecida por Yavanna; e os eldar para lá levaram flores e fontes de Tol Eressëa. (TOLKIEN, 2015, p. 331⁵³)

Que contrapõe:

Foi o próprio Posídon que organizou o centro da ilha – facilmente, pois era um deus –, fazendo surgir de debaixo da terra duas nascentes de água – uma quente, outra fria – que corriam de uma fonte e fez brotar da terra alimentos variados e suficientes. (PLATÃO, 2011, p. 231)

A ilha torna-se uma recompensa terrestre para os homens das tribos de Edain que se mantiveram fiéis aos Valar; algo remanescente às Ilhas dos Bem-Aventurados, descritas por Hesíodo:

[168] Zeus Cronida Pai nos confins da terra os confinou.
 [169] E são eles que habitam de coração tranquilo
 [170] a Ilha dos Bem-Aventurados, junto ao oceano profundo,
 [171] heróis afortunados, a quem doce fruto
 [172] traz três vezes ao ano a terra nutriz. (HESÍODO, 1996, p. 35)

Seu governante, Elros Tar-Minyatur (cujo nome real parece evocar o mítico rei dourado da ilha de Creta, Minos) era descendente, ao mesmo tempo, das três casas dos Edain e dos três clãs dos Eldar, e, assim sendo, tinha em suas veias o sangue de homens, elfos e até Maia, através de Melian (vide, novamente, Anexo I).

Ora, Elros e Elrond, seu irmão, descendiam das Três Casas dos edain, mas também em parte dos eldar e dos Maiar [...]. a Elros, que preferiu ser um Rei dos homens, ainda foi atribuída uma grande quantidade de anos, muitas vezes

⁵³ “A land was made for the Edain to dwell in, neither part of Middle-earth nor of Valinor, for it was sundered from either by a wide sea; yet it was nearer to Valinor. It was raised by Ossë out of the depths of the Great Water, and it was established by Aulë and enriched by Yavanna; and the Eldar brought thither flowers and fountains out of Tol Eressëa.”

maior que a dos homens da Terra-média. E toda a sua linhagem, os reis e os senhores da Casa real gozaram de uma vida longa mesmo em comparação com a dos numenórianos. (TOLKIEN, 2015, p. 332⁵⁴)

Da mesma forma, os governantes de Atlântida eram descendentes do deus Poseidon:

Engendrou e criou cinco gerações de varões gémeos e dividiu toda a Ilha da Atlântida em dez partes; entregou a residência materna ao que de entre os mais velhos nascera primeiro, juntamente com a porção que a circundava, que era a maior e a melhor, e nomeou-o rei dos restantes, ao passo que fez destes governantes, bem como atribuiu a cada um o governo de muitos homens e uma região com vastos territórios. (PLATÃO, 2011, p. 231)

E no centro das respectivas ilhas, em local de máxima importância, encontravam-se lugares de adoração, onde se faziam ofertas dos primeiros frutos. Em Platão:

No centro – ali mesmo – estava um templo sagrado dedicado a Clito e a Posídon, o qual tornaram inacessível, envolvendo-o numa cerca de ouro – foi naquele sítio que, no princípio, estes deuses conceberam e geraram a linhagem dos dez príncipes; era também naquele mesmo sítio que todos os anos entregavam a cada um deles as primícias sagradas provindas das dez partes da ilha. (PLATÃO, 2011, p. 236)

Em Tolkien:

No meio do território, havia, porém, uma montanha alta e escarpada, que se chamava Meneltarma, a Coluna dos Céus, e nela havia um local elevado que era consagrado a Eru Ilúvatar. Era aberto e sem telhado; e nenhum outro templo ou santuário havia na terra dos númenorianos [...]. E, a partir do tempo de Tar-Ancalimon, a oferenda dos primeiros frutos a Eru passou a ser

⁵⁴ “Now Elros and Elrond his brother were descended from the Three Houses of the Edain, but in part also both from the Eldar and the Maiar [...]. to Elros, who chose to be a king of Men, still a great span of years was allotted, many times that of the Men of Middle-earth; and all his line, the kings and lords of the royal house, had long life even according to the measure of the Númenóreans.”

negligenciada, e os homens raramente iam ao Local Sagrado nas alturas da Meneltarma, no meio da terra. (TOLKIEN, 2015, p. 332, 339⁵⁵)

Entretanto, lentamente, vemos as sementes plantadas por Melkor – suas próprias *rationes seminales*, se assim podemos dizer – começarem a corromper o coração dos homens de Númenor. Impedidos pelos Valar de visitar Valinor, começam a expandir seu controle à Terra-média – inicialmente como uma influência benéfica e amigável, mas com o tempo se tornando senhores dos homens que ali viviam. Seu apego à vida os torna fascinados pela busca pela eterna juventude e imortalidade. Seus reis, que anteriormente abriam mão primeiro do trono – em favor de seu herdeiro – e depois da vida – por vontade própria –, agora se apegavam a poder e vitalidade com ardorosa avareza e se afastavam da influência élfica e valariana.

Ora, esse desejo foi crescendo cada vez mais com o passar dos anos. E os númenorianos começaram a ansiar pela cidade imortal que viam de longe; e ficou mais intenso em seu íntimo o desejo pela vida eterna, de escapar à morte e ao final dos prazeres. E quanto mais cresciam seu poder e sua glória, mais aumentava sua inquietação. Pois, embora os Valar houvessem premiado os dúnedain com uma vida mais longa, não podiam tirar deles o cansaço do mundo, que acabava chegando, e eles morriam, até mesmo os reis da linhagem de Eärendil. [...] Foi assim que se abateu sobre eles uma sombra, na qual *talvez estivesse presente a vontade de Morgoth, que ainda se manifestava no mundo*. E os númenorianos começaram a murmurar, de início em seu íntimo e depois em palavras francas, contra a sina dos homens e, principalmente, contra a Interdição de navegar para o oeste. (TOLKIEN, 2015, p. 335⁵⁶, grifo nosso)

Algo semelhante ocorre com os reis de Atlântida:

⁵⁵ “But in the midst of the land was a mountain tall and steep, and it was named the Meneltarma, the Pillar of Heaven, and upon it was a high place that was hallowed to Eru Ilúvatar, and it was open and unroofed, and no other temple or fane was there in the land of the Númenóreans. [...] and after the days of Tar-Ancalimon the offering of the first fruits to Eru was neglected, and men went seldom any more to the Hallow upon the heights of Meneltarma in the midst of the land.”

⁵⁶ “The desire of everlasting life, to escape from death and the ending of delight, grew strong upon them; and ever as their power and glory grew greater their unquiet increased. For though the Valar had rewarded the Dúnedain with long life, they could not take from them the weariness of the world that comes at last, and they died, even their kings of the seed of Eärendil [...]. Thus it was that a shadow fell upon them: in which *maybe the will of Morgoth was at work that still moved in the world*. And the Númenóreans began to murmur, at first in their hearts, and then in open words, against the doom of Men, and most of all against the Ban which forbade them to sail into the West.”

Mas quando a parte divina neles se começou a extinguir, em virtude de ter sido excessivamente misturada com o elemento mortal, passando o carácter humano a dominar, então, incapazes de suportar a sua condição, caíram em desgraça e, aos olhos de quem tem discernimento pareciam desavergonhados, pois haviam destruído os bens mais nobres que advêm da honra. (PLATÃO, 2011, p. 245)

Como demonstrado no Anexo II, entre os 12 primeiros governantes de Númenor, temos uma média de vida de 404 a 405 anos, com o primeiro governante vivendo 410 anos e o 12º vivendo 401; entre o 13º governante, Tar-Atanamir (primeiro a não abdicar em favor de seu herdeiro) e o 18º, Tar-Carmacil/Ar-Belzagar (primeiro a utilizar um nome em adunaico), essa média cai para 369, com o 13º vivendo 421 “apegado à vida mesmo depois do fim de toda alegria” (TOLKIEN, 2015, p. 338) e o 18º somente 309. Apenas duas gerações depois, o 20º governante, Ar-Adûnakhôr/Tar-Herunúmen, que proíbe o uso da língua élfica, morre com 253. Após ele, nenhum rei alcançará mais que 235, tendo o último rei a morrer de causas naturais, Tar-Palantir, chegando a apenas 220.

Contudo, o medo da morte cada vez mais se adensava sobre eles; e eles procuravam adiá-la por todos os meios a seu alcance. Começaram então a construir casas imensas para os mortos, enquanto seus sábios trabalhavam sem cessar para descobrir, se possível, o segredo de fazer voltar a vida ou, no mínimo, prolongar os dias dos homens. Conseguiram apenas aprender a arte de preservar inalterada a carne morta dos homens; e encheram toda a terra com túmulos silenciosos, nos quais a idéia da morte ficava encerrada na escuridão. (TOLKIEN, 2015, p. 339⁵⁷)

Um breve refúgio é encontrado quando Tar-Palantir sobe ao trono, voltando aos costumes antigos. Entretanto, depois de sua morte, sua filha – que por direito deveria ser a rainha – é tomada em casamento à força pelo filho do irmão mais novo do antigo rei.

⁵⁷ “But the fear of death grew ever darker upon them, and they delayed it by all means that they could; and they began to build great houses for their dead, while their wise men laboured unceasingly to discover if they might the secret of recalling life, or at the least of the prolonging of Men's days. Yet they achieved only the art of preserving incorrupt the dead flesh of Men, and they filled all the land with silent tombs in which the thought of death was enshrined in the darkness.”

Ascendendo como Ar-Pharazôn, este seria o mais poderoso entre os reis dos homens – e o mais tolo. Tendo suas posses na Terra-média atacadas pelos exércitos de Sauron, ex-braço direito de Morgoth, ele move suas forças até lá. Entretanto, Sauron se rende, e, com o tempo, torna-se, de prisioneiro a conselheiro do Rei, estabelecendo em Númenor um culto a Morgoth.

Ar-Pharazôn, porém, não se deixou enganar. E lhe ocorreu que, para melhor vigiar Sauron e controlar seus votos de lealdade, ele deveria ser levado para Númenor, para lá permanecer como refém de si mesmo e de todos os seus servos na Terra-média. [...] Contudo, tal era sua astúcia em raciocínio e palavras, e tal a força de sua determinação oculta, que, antes que se passassem três anos, ele já se tornara íntimo dos pensamentos secretos do Rei. Pois elogios doces como o mel estavam sempre na ponta de sua língua, e Sauron conhecia muitos fatos ainda não revelados aos homens. [...] Então, Ar-Pharazôn, o Rei, voltou-se para o culto do Escuro e de Melkor, seu Senhor, a princípio em segredo; mas dentro em pouco abertamente e diante de seu povo. E eles em sua grande maioria o imitaram. (TOLKIEN, 2015, p. 345-346⁵⁸)

Último símbolo dos Valar em Númenor, então, se torna a Árvore Branca, Nimloth – que descendia de Celeborn, em Tel Eressëa, que por sua vez, descendia de Galathilion, feita por Yavanna em imagem de Telperion, como um presente para os elfos de Túna. E, quando Sauron cria seu templo à Morgoth, esta é a primeira queimada em seu altar – o fogo de Melkor, que destrói e cria trevas, volta a queimar; suas sementes voltam a florescer.

Já Sauron fez com que fosse construído no topo da colina, no meio da cidade dos númenorianos, Armenelos, a Dourada, um templo enorme [...] [coroad] por uma enorme cúpula. E essa cúpula era toda recoberta de prata e se erguia cintilante ao Sol, de tal modo que sua luz podia ser vista a grande distância; mas logo a luz escureceu, e a prata ficou negra. Pois havia um altar de fogo no centro do templo, e na parte mais alta da cúpula havia um lanternim, por

⁵⁸ “But Ar-Pharazôn was not yet deceived, and it came into his mind that, for the better keeping of Sauron and of his oaths of fealty, he should be brought to Númenor, there to dwell as a hostage for himself and all his servants in Middle-earth. [...] Yet such was the cunning of his mind and mouth, and the strength of his hidden will, that ere three years had passed he had become closest to the secret counsels of the King; for flattery sweet as honey was ever on his tongue, and knowledge he had of many things yet unrevealed to Men. [...] Then Ar-Pharazôn the King turned back to the worship of the Dark, and of Melkor the Lord thereof, at first in secret, but ere long openly and in the face of his people; and they for the most part followed him.”

onde saía grande quantidade de fumaça. E o primeiro fogo sobre o altar de Sauron foi aceso com a lenha cortada de Nimloth; e ela crepitou e foi consumida. Mas os homens se admiraram com o fumaceiro que dela emanou, tal que a Terra ficou à sombra de uma nuvem durante sete dias, até que ela lentamente se dissipou para o oeste. Dali em diante, as labaredas e a fumaça subiam incessantes, pois o poder de Sauron crescia e, naquele templo, com derramamento de sangue, tormentos e crueldade imensa, os homens faziam sacrifícios a Melkor para que ele os libertasse da morte. (TOLKIEN, 2015, p. 348⁵⁹)

E conforme os anos iam passando e a idade do Rei aumentava, seu temor à morte o aproximou cada vez mais da influência de Sauron, que mentia lhe dizendo que, se invadissem a terra dos Valar, alcançariam a imortalidade. Devagar, o rei foi convencido e, eventualmente, tornou suas forças oeste e velejou a Aman. Amandil, senhor de Andúnië e o mais poderoso entre os fiéis aos Valar, toma um navio e, quebrando a proibição dos Valar, vai a Aman primeiro, de forma a avisá-los da ameaça e pedir ajuda. Seus descendentes e aqueles entre os fiéis que permaneciam na ilha são orientados a fugir para a Terra-média – entre eles está Elendil, seu filho, que havia conseguido salvar um fruto de Nimloth. Levando a pequena muda que plantará à Terra-média, essa torna-se a Árvore Branca de Gondor.

Conta-se que Amandil zarpou [...] [e] Levava consigo três servos, que lhe eram caros, e nunca mais neste mundo se ouviu falar deles, fosse por notícias, fosse por algum sinal, nem existe nenhum relato ou nenhuma suposição sobre seu destino. [...] Elendil, entretanto, fez tudo o que seu pai recomendara, e suas naus foram ancoradas ao largo da costa oriental da Terra. E os Fiéis embarcaram suas mulheres e filhos, seus bens de herança e enorme quantidade de mercadorias. (TOLKIEN, 2015, p. 352⁶⁰)

⁵⁹ “But Sauron caused to be built upon the hill in the midst of the city of the Númenóreans, Armenelos the Golden, a mighty temple [...] crowned with a mighty dome. And that dome was roofed all with silver, and rose glittering in the sun, so that the light of it could be seen afar off; but soon the light was darkened, and the silver became black. For there was an altar of fire in the midst of the temple, and in the topmost of the dome there was a louver, whence there issued a great smoke. And the first fire upon the altar Sauron kindled with the hewn wood of Nimloth, and it crackled and was consumed; but men marvelled at the reek that went up from it, so that the land lay under a cloud for seven days, until slowly it passed into the west. Thereafter the fire and smoke went up without ceasing; for the power of Sauron daily increased, and in that temple, with spilling of blood and torment and great wickedness, men made sacrifice to Melkor that he should release them from Death.”

⁶⁰ “It is said that Amandil set sail [...] [and] took with him three servants, dear to his heart, and never again were they heard of by word or sign in this world, nor is there any tale or guess of their fate. [...] But Elendil did all that

O clima em Númenor muda: antes controlado e calmo, agora seu céu era cheio de nuvens negras e raios – que chegam a matar alguns dos humanos e destruir o domo do Templo. Mesmo assim o Rei mantém seus planos. A viagem de Ar-Pharazôn leva trinta e nove dias. Em trinta e nove dias, o numenóriano chega às Terras Imortais e acampa aos pés da cidade dos elfos. E é então que o inevitável fim de Númenor chega.

Então, Manwë sobre a Montanha invocou Ilúvatar; e [...] [ele] mudou a aparência do mundo. Abriu-se então no mar um imenso precipício entre Númenor e as Terras Imortais; e as águas jorraram para dentro dele. E o estrondo e a espuma das cataratas subiram aos céus; e o mundo foi abalado. E toda a esquadra dos númenorianos foi arrastada para esse abismo, afundando e sendo engolida para sempre. [...] Númenor [...] foi totalmente destruída. Pois estava perto do lado oriental da enorme fenda; e seus alicerces foram revirados, fazendo-a tombar e cair na escuridão; e ela não existe mais. [...] Pois Ilúvatar fez recuarem os Grandes Mares a oeste da Terra-média e também as Terras Vazias a leste; e novas terras e novos mares foram criados. E o mundo foi reduzido, já que Valinor e Eressëa foram transferidas para o reino das coisas ocultas. Essa tragédia ocorreu numa hora inesperada pelos homens [...] [e] De repente, Meneltarma explodiu em chamas; vieram um vento fortíssimo e um tumulto na Terra; os céus tremeram e as colinas deslizaram; e Númenor afundou no oceano. (TOLKIEN, 2015, p. 355-356⁶¹)

Assim como o de Atlântida:

his father had bidden, and his ships lay off the east coast of the land; and the Faithful put aboard their wives and their children, and their heirlooms, and great store of goods.”

⁶¹ “Then Manwë upon the Mountain called upon Ilúvatar [...] and he changed the fashion of the world; and a great chasm opened in the sea between Númenor and the Deathless Lands, and the waters flowed down into it, and the noise and smoke of the cataracts went up to heaven, and the world was shaken. And all the fleets of the Númenóreans were drawn down into the abyss, and they were drowned and swallowed up forever. [...] Númenor [...] was utterly destroyed. For it was nigh to the east of the great rift, and its foundations were overturned, and it fell and went down into darkness, and is no more. [...] For Ilúvatar cast back the Great Seas west of Middle-earth, and the Empty Lands east of it, and new lands and new seas were made; and the world was diminished, for Valinor and Eressëa were taken from it into the realm of hidden things. In an hour unlooked for by Men this doom befell [...] [and] suddenly fire burst from the Meneltarma, and there came a mighty wind and a tumult of the earth, and the sky reeled, and the hills slid, and Númenor went down into the sea [...].”

Posteriormente, por causa de um sismo incomensurável e de um dilúvio que sobreveio num só dia e numa noite terríveis, toda a vossa classe guerreira foi de uma só vez engolida pela terra, e a ilha da Atlântida desapareceu da mesma maneira, afundada no mar. (PLATÃO, 2011, p. 89)

4.2.1. Mitos de Dilúvio

Como vimos anteriormente, a influência da Atlântida platônica na construção do Akallabêth é extremamente forte. Todavia, existem certos paralelos da narrativa com mitos diluvianos que acreditamos trazer mais profundidade ao texto – pois, como dito anteriormente, Tolkien nunca tem apenas uma referência. O primeiro argumento a ser levantado é o ponto na narrativa geral do Mundo onde se encontra o “Akallabêth”: marcando o fim da Segunda Era e sendo a última modificação do Mundo em larga escala (se trata, praticamente, de uma recriação do Mundo), coloca-se confortavelmente entre mitos escatológicos como aqueles encontrados em narrativas diluvianas. Como explica Eliade, “a escatologia é apenas a prefiguração de uma cosmogonia do futuro” (ELIADE, 1972, p. 51).

4.2.1.1. Amandil, da linhagem de Henoc

Um segundo argumento em favor de uma leitura do “Akallabêth” com narrativas de dilúvio em mente são as idades alcançadas pelos reis de Númenor. Muito embora essas diminuam – como explicado anteriormente – as idades alcançadas pelos numenórianos ainda são muito mais avançadas que as de um ser humano normal. Quando, por exemplo, Gimilkhâd, pai de Ar-Pharazôn, more aos 198 anos, isso é “considerado uma morte prematura para alguém da linhagem de Elros, mesmo em sua decadência” (TOLKIEN, 2015, p. 342-343). Da mesma forma, tanto na lista dos oito reis sumérios antediluvianos (presente no documento chamado Nam-Lugal), quanto na lista dos oito patriarcas antediluvianos (no quinto capítulo do Gênesis bíblico), encontramos idades muito aquém daquelas alcançadas por humanos normais (vide Anexo II).

Depois que a coroa desceu dos céus, ela repousou em Eridug (e) Alulim tornou-se rei; ele reinou por 28.800 anos. Alalgar reinou por 36.000 anos [...]. Em Bad-tibira, En-men-lu-ana reinou por 43.200 anos. En-men-gal-ana reinou

por 28.800 anos. Dumuzid [Tammuz], o pastor, reinou por 36.000 anos. [...] Em Larag, En-sipad-zid-ana reinou por 28.800 anos. [...] *Em Zimbir, En-men-dur-ana tornou-se rei; ele reinou por 21.000 anos.* [...] Em Šuruppag, Ubara-Tutu tornou-se rei; ele reinou por 18.600 anos. [...] Então o dilúvio as engolfou. (BLACK, 1998, 1-39, grifo e tradução nossos)

[8] Toda a duração da vida de Set foi de novecentos e doze anos, depois morreu. [...] [11] Toda a duração da vida de Enós foi de novecentos e cinco anos, depois morreu. [...] [14] Toda a duração da vida de Cainã foi de novecentos e dez anos, e depois morreu. [...] [17] Toda a duração da vida de Malaleel foi de oitocentos e noventa e cinco anos, e depois morreu. [...] [20] Toda a duração da vida de Jared foi de novecentos e sessenta e dois anos, depois morreu. [...] [23] *Toda a duração da vida de Henoc foi de trezentos e sessenta e cinco anos.* [...] [27] Toda a duração da vida de Matusalém foi de novecentos e sessenta e nove anos, depois morreu. [...] [31] Toda a duração da vida de Lamec foi de setecentos e setenta e sete anos, depois morreu (Gênesis 5:8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 31, grifo nosso)

Lendo estas listas, um dos personagens que nos salta aos olhos é Henoc que, entre pessoas vivendo em média 900 anos, não chega aos 400. Mais curioso ainda isso nos parece ao lermos os versículos 22-24: “[22] Henoc andou com Deus. Depois do nascimento de Matusalém, Henoc viveu trezentos anos, e gerou filhos e filhas. [...] [24] Henoc andou com Deus, depois desapareceu, pois Deus o arrebatou” (Gênesis 5:22,24). O que significaria “andar com Deus”? Bom, se nos atentarmos à nossa primeira lista, poderemos encontrar ali o nome do rei En-men-dur-ana (também conhecido como Emmeduranki), que “[...] foi recebido por Šamaš e Adad e ensinado a prever o do futuro usando óleo e entranhas, além do segurar da vara-de-cedro, um frequentemente mencionado ritual de posse” (LAMBERT, 1967, p. 127). Šamaš (ou Shamash) e Adad são divindades – o primeiro uma divindade solar, o segundo uma divindade de chuva e tempestade. Podemos imaginar, então, que se o relato bíblico segue a mesma lógica do relato mais antigo, o ato de Deus “tomar para si” Enoque (que coincidentemente vive 365 anos, o mesmo número, em dias, da duração de um ano solar) significaria alguma espécie de ascensão ao espaço sagrado.

No texto do “Akallabêth”, temos duas figuras que tentam ascender ao espaço sagrado: Ar-Pharazôn e Amandil – ambos, da linhagem de Elros⁶² e, por consequência, de Eärendil, o elfo que cruzou o mar com uma Silmaril para pedir a ajuda dos Valar contra Morgoth. Em Pharazôn e Amandil, então, temos dois lados da mesma moeda: um deles tenta forçar sua entrada no espaço divino, enquanto o outro vai a este como um suplicante; no fim, ambos desaparecem da convivência de outros humanos, mas, embora saibamos do destino do Rei, o destino do Senhor de Andúnië fica uma incógnita. Estaria “andando com os Valar”?

4.2.1.2. Elendil, da linhagem de Deucalião

[Elendil] embarcou em sua nau e ficou parado ao largo da costa, à espera. Ali foi protegido pela terra do grande escoamento do mar que tudo arrastou para o precipício; e depois ficou abrigado da primeira fúria da tempestade. Contudo, quando a onda devoradora encobriu a terra, e Númenor tombou, nesse momento ele teria sido derrubado e teria considerado uma infelicidade menor perecer, pois nenhuma separação causada pela morte poderia ser mais dolorosa do que a perda e a agonia daquele dia. Foi, porém, apanhado pelo vento fortíssimo, mais violento do que qualquer vento conhecido pelos homens, que veio ruidoso do oeste e empurrou suas embarcações para longe; e rasgou suas velas, quebrou seus mastros e perseguiu os infelizes como palha sobre as águas. [...] E os mares se revoltavam debaixo delas numa raiva crescente, e ondas como montanhas que se moviam com enormes capuzes de neve enroscada as sustentaram à altura do torvelinho das nuvens e, depois de muitos dias, as lançaram nas praias da Terra-média. (TOLKIEN, 2015, p. 356-357⁶³)

⁶² Valandil, o primeiro Senhor de Andúnië era filho de Silmariën, filha de Tar-Elendil e irmã de Tar-Meneldur. À época, a lei não permitia sua ascensão ao trono. Todavia, se a lei posterior – que permitia Rainhas – fosse retroagida, seria, então, a sua linhagem a linhagem dos verdadeiros Reis de Númenor. É dessa linhagem que vêm Elendil e seus filhos, Isildur e Anárion.

⁶³ “[Elendil] went aboard his ship and stood off from the shore, waiting on the time. There he was protected by the land from the great draught of the sea that drew all towards the abyss, and afterwards he was sheltered from the first fury of the storm. But when the devouring wave rolled over the land and Númenor toppled to its fall, then he would have been overwhelmed and would have deemed it the lesser grief to perish, for no wrench of death could be more bitter than the loss and agony of that day; but the great wind took him, wilder than any wind that Men had known, roaring from the west, and it swept his ships far away; and it rent their sails and snapped their masts, hunting the unhappy men like straws upon the water. [...] And the deeps rose beneath them in towering anger, and waves like unto mountains moving with great caps of writhen snow bore them up amid the wreckage of the clouds, and after many days cast them away upon the shores of Middle-earth.”

Nos voltando para a análise dos descendentes de Amandil, vemos uma estrutura de sobrevivência de cataclismo aquático muito semelhante a outros mitos de dilúvio. Na Grécia, por exemplo, acreditava-se que o passado havia sido marcado por uma série de dilúvios – entre eles, o mais conhecido (e citado no *Timeu* de Platão), o de Deucalião e Pirra.

A versão mais completa é encontrada em Ovídio e Apolodoro. Durante o Grande Dilúvio que Zeus envia para purificar a terra de mal e devassidão, apenas [Deucalião] e sua esposa Pirra sobrevivem. Como a Noé e sua família, eles sobrevivem por conta de sua devoção. Diferente da versão Hebraica da história, entretanto, as versões mais antigas do mito Grego não fazem qualquer menção de salvar os animais. Existe, na realidade, um número surpreendente de contos de dilúvio na mitologia grega [...]. Desses mitos, três são datados pelo próprios antigos durante o tempo – com frequência, muito distante – anterior a Deucalião. O dilúvio de Ogyges é o mais antigo [...] [e] um evento local, confinado à Boeotia. Os outros dilúvios pré-Deucalião – os de Nannacos, rei da Frígia, e Dardanos do norte da Grécia – são menos documentados, mas é sabido o suficiente sobre eles para se saber claramente que também eram fenômenos locais. (KITCHELL JR., 1993, p. 342-343, tradução nossa)

Mais antiga de todas, entretanto, é a versão encontrada no épico acádio *Atra-Hasis*, onde o protagonista (de mesmo nome) é avisado por uma divindade de um vindouro dilúvio, e instruído a proteger a si e seus animais.

O mito Babilônico conhecido dos antigos como *Enuma ilu awelum*, "Quando os deuses eram homens", e para o estudo moderno como o *Épico de Atra-hasis*, conta a história da criação da humanidade, das tentativas do rei dos deuses, Enlil, de reduzir a superpopulação que resulta de sua reprodução descontrolada – através de uma praga, uma seca, uma fome e, mais desastrosamente, um Dilúvio – e das medidas tomadas à época, pelos deuses, para manter os números da humanidade em cheque. (GEORGE & AL-RAWI, 1996, p. 147, tradução nossa)

Temos também, é claro, o mito diluviano presente em Gênesis 6-9. Em seu componente universal, lembra muito aquele que acabamos de ver no “Akallabêth”: não é apenas uma chuva torrencial, mas o rompimento de “todas as fontes do grande abismo, e abriram-se as comportas do céu” (Gênesis 7:11).

[13] Nesse mesmo dia, Noé e seus filhos, Sem, Cam e Jafé, com a mulher de Noé, e as três mulheres de seus filhos, entraram na arca, [14] e com eles as feras de toda espécie, os animais domésticos de toda espécie, os répteis de toda espécie que rastejam sobre a terra, os pássaros de toda espécie, todas as aves, tudo o que tem asas. [15] Com Noé, entrou na arca um casal de tudo o que é carne, que tem sopro de vida, [16] e os que entraram eram um macho e uma fêmea de tudo o que é carne, conforme Deus lhe ordenara. E Iahweh fechou a porta por fora. [17] Durante quarenta dias houve o dilúvio sobre a terra; cresceram as águas e ergueram a arca, que ficou elevada acima da terra. (Gênesis 7:13-17)

O destino dos filhos de Elendil, também, é muito semelhante aos dos filhos de Noé: enquanto Sem, Cam e Jafé tornam-se patriarcas de muitos povos (os Hebreus e Assírios descendem de Sem; os Etíopes e Egípcios descendem de Cam; os povos Gregos e Cipriotas descendem de Jafé, etc.), os filhos de Elendil, Isildur e Anárion, “fundaram reinos na Terra-média” (TOLKIEN, 2015, p. 357): é de sua linhagem que virão os reis de Gondor e Arnor, e é da linhagem de Isildur que virá Aragorn Telcontar, que unificará os dois reinos ao fim da Terceira Era (vide Anexo I).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intento inicial dessa dissertação era encontrar, dentro da narrativa d’*O Silmarillion* o papel dos quatro símbolos selecionados em nosso escopo enquanto facilitadores da compreensão da presença do sagrado na narrativa tolkieniana. Nesse intento, exploramos a narrativa completa da obra e, lentamente, nos vimos de frente com um arco maior, que a sobrepunha praticamente de forma completa: o complexo edipiano falho de Melkor. Em nossos dois primeiros capítulos, apresentamos as bases necessárias, tanto narrativas quanto mitológicas, para que pudéssemos explorar no terceiro capítulo tanto esse complexo quanto a ideia de que a narrativa tolkieniana trazia uma criação contínua até o remoldar do mundo que ocorre no “Akallabêth”.

Os argumentos utilizados visaram demonstrar que a falta de associação de Melkor com uma atribuição inicial no “Ainulindalë”, unida ao fato de que sua experiência de existência havia sido moldada pelo Vazio caótico, causava uma necessidade interna em Melkor de tomar o atributo de criação paterno e apropriar-se da relação que este tinha com a energia criativa da Chama Imperecível. Como um reflexo distorcido tanto de Eru quanto de Manwë (que por si só é um reflexo de Eru), Melkor encarna o papel de um subcriativo caótico que ajuda na criação contínua através da necessidade que cria de remoldagem, recriação e mudança: sem Melkor não existiria luz solar, elfos (e, indiretamente, sangue numenóriano) na Terra-média e nem mesmo, se voltarmos a sua dissonância na Canção, um universo com tamanha complexidade – tal fato é reconhecido pelo próprio Eru, mesmo que atribua tudo a seu plano divino.

Além disso, tentamos propor também uma face diluviana ao “Akallabêth”, colocando-o como uma espécie de mito escatológico que permite o renascer dos homens da Terra-média, com a injeção do sangue numenóriano (parte élfico, parte humano, parte Maia) entre aqueles deixados para trás pelos Valar.

Podemos concluir, então, que, da mesma forma que a primeira criação – aquela no “Ainulindalë” – termina com uma criação contínua de Ilúvatar no Mundo criado, a segunda criação – aquela que termina com o afundar da ilha de Númenor – termina com a contínua e eterna interferência de Morgoth, o filho rebelde e “desfeito” no Vazio, tão distante do Mundo quanto Ilúvatar, mas tão presente quanto ele em suas *rationes seminales*, encarnadas, inicialmente, em Sauron, mas com ecos que se estendem por todo o *legendarium*.

REFERÊNCIAS

- ALCORÃO SAGRADO. Trad. Samir El Hayek. São Paulo: Goodword Books, 2017.
- BACHELARD, Gaston. *A Psicanálise do Fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A Água e os Sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BALL, Philip. *The Elements: A Very Short Introduction*. New York: Oxford University Press Inc., 2004.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1998.
- BLACK, J. A. et al. The Sumerian King List. *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, 1998. Disponível em: <<https://etcsl.orinst.ox.ac.uk/cgi-bin/etcsl.cgi?text=t.2.1.1#>> Acessado em: 11 jan. 2024.
- BRAVMANN, Rene A. Gyinna-Gyinna: Making the Djinn Manifest. *African Arts*, Los Angeles, v. 10, n. 3, abr./1977, p. 46-52.
- CALDWELL, William. The Doctrine of Satan: I. In the Old Testament. *The Biblical World*, Chicago, v. 41, n. 1, jan./1913a, p. 29-33.
- CALDWELL, William. The Doctrine of Satan: II. Satan in Extra-Biblical Apocalyptic Literature. *The Biblical World*, Chicago, v. 41, n. 2, fev./1913b, p. 98-102.
- CALDWELL, William. The Doctrine of Satan: III. In the New Testament. *The Biblical World*, Chicago, v. 41, n. 3, mar./1913c, p. 167-172.
- CARPENTER, Humphrey; TOLKIEN, Christopher (org.). *The Letters of J. R. R. Tolkien*. New York: Houghton Mifflin, 2000.
- CASSIRER, Ernst. *Language and Myth*. Toronto: General Publishing Company Ltd., 1953.
- CASSIUS, Dio. *Roman History*. Disponível em: <https://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Cassius_Dio/65*.html#14>. Acessado em: 19 jun. 2023.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2023.
- DURAND, Gilbert. O universo do símbolo. In: DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996a, p. 73-90.
- DURAND, Gilbert. Método arquetipológico: da mitocrítica à mitanálise. In: DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996b, p. 145-170.
- DURAND, Gilbert. Passo a passo mitocrítico. In: DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996c, p. 245-260.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FAULKNER, Raymond O. *The Ancient Egyptian Book of the Dead*. London: The British Museum Press, 1972.

FRIEDMAN, Richard E. *The Disappearance of God: A Reverent Investigation of Three Divine Mysteries*. Boston: Little, Brown and Company, 1995.

GEORGE, A.R.; AL-RAWI, F.N.H. Tablets from the Sippar Library VI. Atra-hasis. *Iraq*, London, v. 58, n. 1, 1996, p. 147-190.

HESÍODO. *O Trabalho e os Dias*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1996.

HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

HIBBS, Pierce T. Meddling in the Mind of Melkor. *VII Journal of the Marion E. Wade Center*, Wheaton, 2016, v. 33, n. 1, p. 41-56, 2016.

HOUGHTON, John W. Augustine in the Cottage of Lost Play. In: CHANCE, Jane (org.). *Tolkien, the Medievalist*. 1st. Edition. London: Routledge, 2003.

JUNG, Carl G. Chegando ao Inconsciente. In: JUNG, Carl G. (org). *O Homem e seus Símbolos*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 2008.

JUNG, Carl G. *Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

KITCHELL JR., Kenneth F. The View from Deucalion's Ark: New Windows on Antiquity. *The Classical Journal*, Baltimore, v. 88, n. 4, abr.-maio/1993, p. 341-357.

LAMBERT, Wilfred G.; PARKER, S. B. (trad.). *Enuma Elish: The Babylonian Epic of Creation*. Oxford: Clarendon, 1966. Wilfred G. Lambert e S. B. Parker.

LAMBERT, Wilfred G. Enmeduranki and Related Matters. *Journal of Cuneiform Studies*, Chicago, v. 21, n. 1, 1967, p. 126-138.

LARRINGTON, Carolyne. *The Poetic Edda*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

LEEMING, David A. *Creation Myths of the World: An Encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2010.

MELETÍNSKI, Eleazar M. *Os Arquétipos Literários*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

OLSZANSKI, Tadeusz A.; SYLWANOWICZ, Agnieszka. Evil and the Evil One in Tolkien's Theology. *Mallorn*, Oxford, v.1, n.33, p. 298-300, 1995.

PELIKAN, Jaroslav. Creation and Causality in the History of Christian Thought. *The Journal of Religion*, Chicago, v. 40, n. 4, out./1960, p. 246-255.

PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

STURLUSON, Snorri. *The Prose Edda: Tales from Norse Mythology*. Trad. Jesse Byock. Londres: Penguin Books, 2006.

TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

TOLKIEN, J.R.R. Morgoth's Ring. In: *The History of Middle-earth, Part Three*. New York: Harper Collins Publishers, 2002.

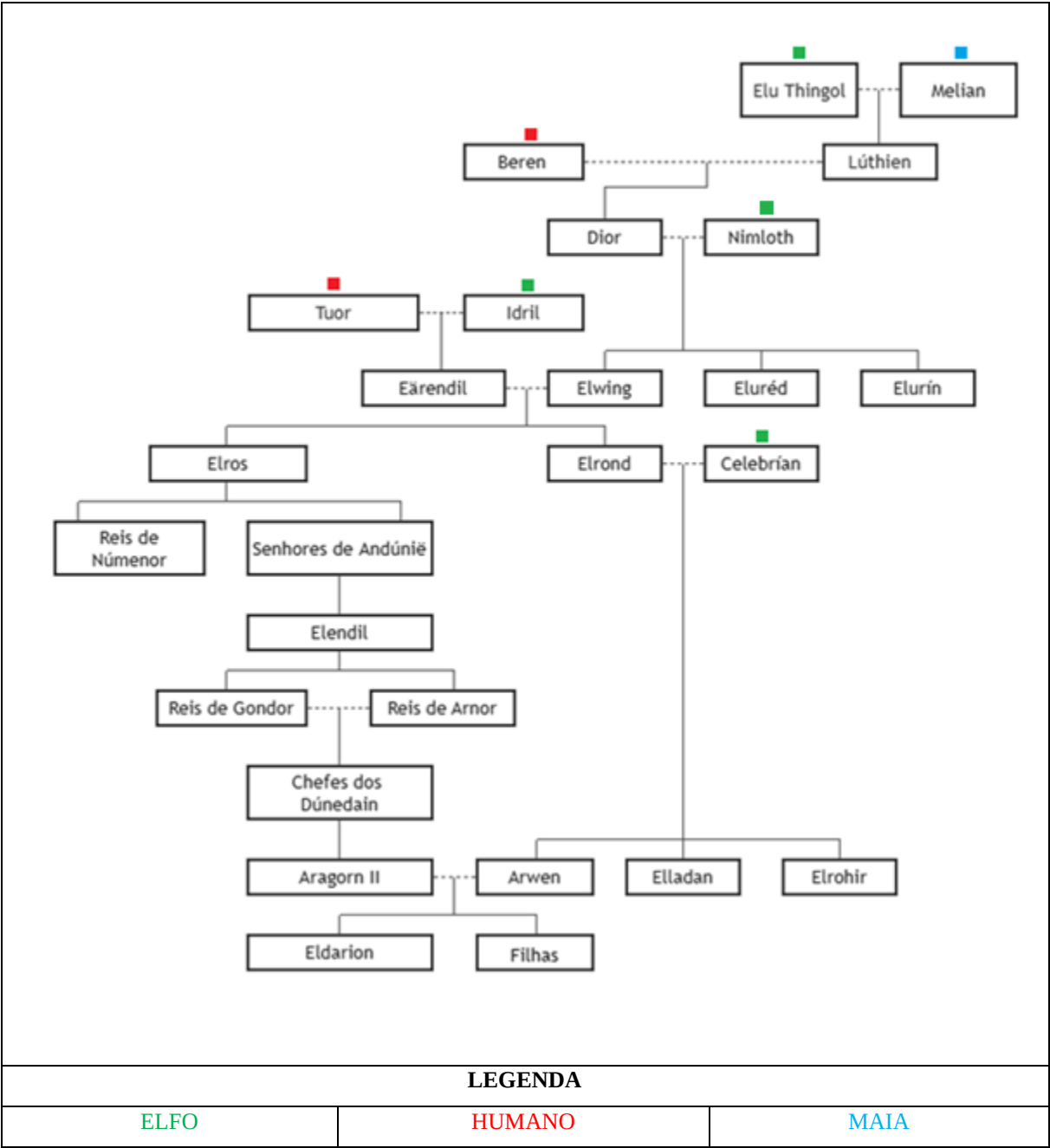
TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

TOLKIEN, J.R.R. *O Silmarillion*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

TRANQUILLUS, C. Suetonius. Vespasian. In: TRANQUILLUS, C. Suetonius. *The Lives of the Twelve Caesars*. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/6400/6400-h/6400-h.htm>>. Acessado em 19 jun. 2023.

VERNANT, Jean-Pierre. *O Universo, os Deuses, os Homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANEXO I



(gráfico criada pelo próprio autor)

ANEXO II

NÚMENOR							
#	NOME	NASCIMENTO (S.E.)	ASCENSÃO (S.E.)	ABDIÇÃO (S.E.)	REINADO (anos)	MORTE (S.E.)	MORTE (anos)
I	Elros Tar-Minyatur	-58	32	---	410	442	500
II	Vardanir Nôlmon	61	442	443	1	471	410
III	Tar-Amardil	192	442	590	148	603	411
IV	Tar-Elendil	350	590	740	150	751	401
V	Tar-Mendilur	543	740	883	143	942	399
VI	Tar-Adarion	700	883	1075	192	1098	398
VII	Tar-Ancelinë	873	1075	1280	205	1285	412
VIII	Tar-Andron	1003	1280	1394	114	1404	401
IX	Tar-Súron	1174	1394	1556	162	1574	400
X	Tar-Teipertën	1320	1556	---	175	1731	411
XI	Tar-Minastir	1474	1731	1869	138	1873	399
XII	Tar-Ciryatan	1634	1869	2029	160	2035	401
XIII	Tar-Atannur, o Grande	1800	2029	---	192	2221	421
XIV	Tar-Ancalimon	1986	2221	---	165	2386	400
XV	Tar-Telemaitë	2136	2386	---	140	2526	390
XVI	Tar-Vanineldë	2277	2526	---	111	2637	360
-	Hencalno "Tar-Anducal"	2286	2637	---	20	2657	371
XVII	Tar-Alcartin	2406	2657	---	80	2737	331
XVIII	Tar-Calmaci (Ar-Belzagar)	2516	2737	---	88	2825	309
XIX	Tar-Ardamin (Ar-Abatârık)	2618	2825	---	74	2899	281
XX	Ar-Adinakthôr (Tar-Herunûnen)	2709	2899	---	63	2962	253
XXI	Ar-Zimrathôn (Tar-Hosamur)	2798	2962	---	71	3033	235
XXII	Ar-Sakalthôr (Tar-Falassion)	2876	3033	---	69	3102	226
XXIII	Ar-Gimilzôr (Tar-Telemnar)	2960	3102	---	75	3177	217
XXIV	Tar-Palanir (Ar-Isziadûn)	3035	3177	---	78	3255	220
-	Tar-Miriel (Ar-Zimraphel)	3117	---	---	---	3319	202
XXV	Ar-Phanzôn (Tar-Cailon)	3118	3255	---	64	3319*	201

*Tecnicamente não morto, apenas aprisionado em Annan.

GÊNESIS 5		
#	NOME	MORTE (anos)
I	Set	912
II	Enós	905
III	Cainã	910
IV	Malaleel	895
V	Jared	962
VI	Hence	365
VII	Matusalên	969
VIII	Lamec	777

NAMLUGAL			
#	NOME	REINADO (anos)	OBSERVAÇÕES
I	Alulm	28.800	Rei em Erldug
II	Alalgâr	36.000	Rei em Erldug
III	Em-men-lu-ana	43.200	Rei em Bad-tibira
IV	Em-men-gal-ana	28.800	Rei em Bad-tibira
V	Dumuzid, o Pastor	36.000	Rei em Bad-tibira
VI	Em-sipad-zid-ana	28.800	Rei em Larag
VII	Em-men-dur-ana	21.000	Rei em Zimbôr
VIII	Ubara-Tutu	18.600	Rei em Šuruppag

(tabela criada pelo próprio autor)